C 10-7

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Manual de Campanha

COMPANHIA DE INTENDÊNCIA DO BATALHÃO LOGÍSTICO

1ª Edição
1985

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Manual de Campanha

COMPANHIA DE INTENDÊNCIA DO BATALHÃO LOGÍSTICO

1ª Edição
1985

Preço Cr$ 12.700,00

CARGA

EM.....

Portaria Nº 025 – EME, de 29 de abril de 1985

MANUAL DE CAMPANHA C 10–7
COMPANHIA DE INTENDÊNCIA AO BATALHÃO LOGÍSTICO
(APROVAÇÃO)

O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, usando das atribuições que lhe conferem os Art 46 e 55 das "Instruções Gerais para as Publicações do Ministério do Exército" (IGPMEx), aprovadas pela Portaria Ministerial Nº 1335, de 04 de setembro de 1975,

R E S O L V E

1. Aprovar o Manual da Campanha C 10–7 – Companhia de Intendência do Batalhão Logístico, 1ª Edição, 1985.

2. Revogar o Manual de Campanha C 10–7 – Serviço de Intendência da Divisão, 1ª Edição (Port. EME, 21 out 57).

Gen Ex JORGE SÁ FREIRE DE PINHO
Chefe do EME

NOTA

Solicita-se aos usuários deste manual a apresentação de sugestões que tenham por objetivo aperfeiçoá-lo ou que se destinem à supressão de eventuais incorreções.

As observações apresentadas, mencionando a página, o parágrafo e a linha do texto a que se referem, devem conter comentários apropriados para seu entendimento ou sua justificação.

A correspondência deve ser enviada diretamente ao EME, de acordo com o Art 71 das IGPMEx, podendo ser utilizada a carta-resposta constante do final desta publicação.

ÍNDICE DOS ASSUNTOS

		Prf	Pag
CAPÍTULO 1	– GENERALIDADES	1– 1 e 1– 2	1– 1
CAPÍTULO 2	– COMPANHIA DE INTENDÊNCIA DO BATALHÃO LOGÍSTICO	2– 1 a 2– 3	2– 1
CAPÍTULO 3	– COMANDO E SEÇÃO DE COMANDO	3– 1 e 3– 2	3– 1
CAPÍTULO 4	– PELOTÃO DE SUPRIMENTO	4– 1 a 4– 8	4– 1
CAPÍTULO 5	– PELOTÃO DE TRANSPORTE	5– 1 a 5– 3	5– 1
CAPÍTULO 6	– PELOTÃO DE SERVIÇOS	6– 1 a 6– 4	6– 1
CAPÍTULO 7	– PELOTÃO DE SUPRIMENTO PELO AR (DA COMPANHIA DE INTENDÊNCIA DO BATALHÃO LOGÍSTICO PÁRA-QUEDISTA)	7– 1 a 7– 5	7– 1
CAPÍTULO 8	– ESTUDO DE SITUAÇÃO E PLANEJAMENTO	8– 1 a 8– 3	8– 1
CAPÍTULO 9	– DESDOBRAMENTO DA COMPANHIA	9– 1 a 9– 6	9– 1
CAPÍTULO 10	– OPERAÇÕES OFENSIVAS		
ARTIGO I	– Generalidades	10– 1 e 10– 2	10– 1

		Prf	Pag
ARTIGO II –	Marcha para o Combate	10– 3 a 10– 5	10– 3
ARTIGO III –	Ataque Coordenado	10– 6 a 10– 8	10– 5
ARTIGO IV –	Aproveitamento do Êxito e Perseguição	10– 9	10– 8
ARTIGO V –	Reconhecimento e Segurança	10–10	10– 8
CAPÍTULO 11 –	**OPERAÇÕES DEFENSIVAS**		
ARTIGO I –	Defesa em Posição	11– 1 a 11– 8	11– 1
ARTIGO II –	Movimentos Retrógrados	11– 9 a 11–12	11– 5
CAPÍTULO 12 –	**OPERAÇÕES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS**		
ARTIGO I –	Operações contra guerrilha	12– 1 a 12– 5	12– 1
ARTIGO II –	Operações aeroterrestres e aeromóveis	12– 6 a 12– 8	12– 6
CAPÍTULO 13 –	**OPERAÇÕES NA SELVA**	13– 1 a 13– 3	13– 1
CAPÍTULO 14 –	**SEGURANÇA DA ÁREA DE RETAGUARDA**	14– 1 a 14– 3	14– 1
CAPÍTULO 15 –	**LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES**	15– 1 a 15– 6	15– 1
CAPÍTULO 16 –	**EMPREGO COMO INFANTARIA**	16– 1 e 16– 2	16– 1
ANEXO A –	**MEMENTO DE ESTUDO DE SITUAÇÃO DO COMANDANTE DA Cia Int**		A– 1
ANEXO B –	**RELATÓRIO PERIÓDICO DA COMPANHIA DE INTENDÊNCIA**		B– 1
ANEXO C –	**QUADRO DE CONTROLE DE SUPRIMENTO CI I**		C– 1
ANEXO D –	**QUADRO DE CONTROLE DE SUPRIMENTO CI III**		D– 1
ANEXO E –	**PEDIDO DIÁRIO DE SUPRIMENTO CI I (DO BATALHÃO PARA O ESCALÃO SUPERIOR)**		E– 1

		Prf	Pag
ANEXO	F – RELATÓRIO DA SITUAÇÃO DIÁRIA DE SUPRIMENTO CI III (DO BATALHÃO PARA O ESCALÃO SUPERIOR		F– 1
ANEXO	G – QUADRO DE REPARTIÇÃO DOS MEIOS DE TRANSPORTE		G– 1
ANEXO	H – ORDEM DE TRANSPORTE		H– 1

CAPÍTULO 1

GENERALIDADES

1-1. FINALIDADE

Este manual destina-se a proporcionar uma orientação doutrinária para o emprego da Companhia de Intendência (Cia Int), orgânica dos batalhões logísticos (B Log) de Brigada e de Divisão de Exército.

1-2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Aborda todos os aspectos relativos à organização, missão, possibilidades, limitações e operações da Cia Int e de suas frações. Não se alonga nos assuntos gerais que são objeto de estudo de outros manuais, particularmente do C100–10 – Apoio Administrativo e do C29–15 – Batalhão Logístico, nem em assuntos específicos, os quais são motivo de manuais técnicos.

CAPÍTULO 2

COMPANHIA DE INTENDÊNCIA DO BATALHÃO LOGÍSTICO

2-1. MISSÃO

a. Suprir a grande unidade e elementos eventualmente em reforço, nas classes I, III e produtos acabados das classes II, IV, V (A), VI, VII, IX e X, e realizar o transporte e distribuição desses suprimentos.

b. Prestar apoio de serviços de banho e lavanderia.

c. Exercer o controle do suprimento classe V (munição).

d. Prover a sua própria segurança.

2-2. ORGANIZAÇÃO

A Companhia de intendência (Cia Int) organiza-se em um comando e seção de comando (Cmdo e Sec Cmdo), um pelotão de suprimento (Pel Sup), um pelotão de transporte (Pel Trnp) e um pelotão de serviços (Pel Sv). Na Cia Int do B Log da brigada de infantaria pára-quedista (Bda Inf Pqdt) há um pelotão de suprimento pelo ar (Pel Sup Ar) em substituição ao Pel Sv.

2-3. POSSIBILIDADES

a. Instalar e operar:

(1) um posto de distribuição de classe I (P Distr Cl I);
(2) um posto de distribuição de classe III (P Distr Cl III);
(3) um posto de distribuição de outras classes (P Distr O Cl);
(4) até 2 (dois) postos de banhos (P Ban);
(5) 1 (um) posto de lavanderia (P Lav);
(6) 1 (um) posto de controle de munição (PCM);

(7) na Bda Inf Pqdt, por curto período de tempo, um P Distr CL V (munições), quando do estabelecimento da C Pnt Aé.

b. Realizar o transporte dos suprimentos das classes sob sua responsabilidade, no âmbito de GU.

c. Realizar o transporte da reserva orgânica da Cl I, III e outras classes.

d. Fornecer elementos para prestar apoio logístico (Ap Log) quando da abertura de uma Subárea de Apoio Logístico (SA Ap Log).

e. Fazer o lançamento de cargas leves e médias no B Log/Bda Inf Pqdt.

f. Realizar o transporte por via fluvial no B Log/Bda Inf Sl.

g. Eventualmente, combater como infantaria.

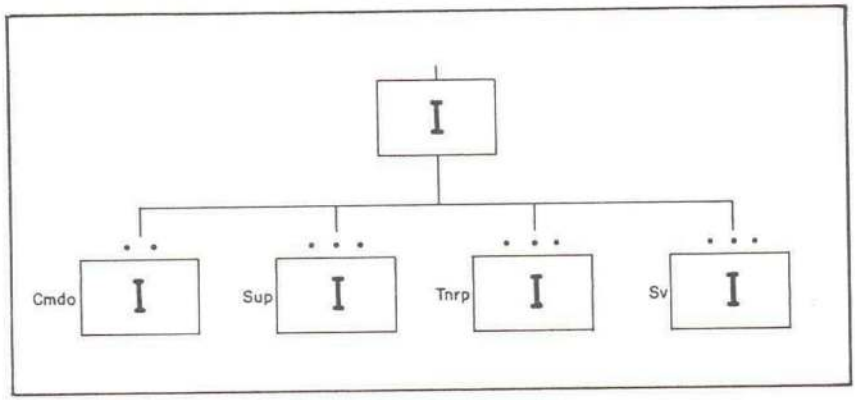


Fig 2–1. A companhia de intendência do batalhão logístico.

CAPÍTULO 3

COMANDO E SEÇÃO DE COMANDO

3-1. COMANDO

a. O comandante da Cia Int é o assessor do Cmt B Log para os assuntos de suprimento, transporte e serviços no âmbito da GU, e o responsável pela administração, emprego e instrução da subunidade (SU).

b. Os principais deveres do Cmt Cia Int, como oficial do estado-maior especial do B Log, são:

(1) Assessorar o Cmt B Log nos assuntos relacionados com o transporte e suprimento das classes de responsabilidade da Cia Int e no emprego dos demais serviços.

(2) Propor medidas para recebimento, estocagem, distribuição e registro de suprimentos de intendência.

(3) Determinar a execução do transporte de suprimento conforme os planejamentos do batalhão e os da SU.

(4) Exercer a supervisão sobre a instrução técnica do pessoal de intendência (suprimento, transporte e serviços), no âmbito da GU.

(5) Planejar e supervisionar:

(a) as operações de suprimento nas classes de responsabilidade da Cia Int;

(b) as operações de transporte de suprimento;

(c) os serviços de banho e lavanderia;

(d) a localização e funcionamento das cantinas móveis, dos elementos de refrigeração e panificação do exército de campanha, normalmente colocadas em apoio à GU;

(e) o emprego dos elementos do escalão superior (Esc Sp), colocados em reforço à Cia Int.

c. O subcomandante da Cia Int é o principal auxiliar do comandante e o seu substituto eventual. Coordena as medidas administrativas internas da subunidade. Quando necessária a abertura de uma SA Ap Log, comanda os elementos da Cia Int deslocados para essa área.

3-2. SEÇÃO DE COMANDO

a. A seção de comando compreende o pessoal e o material necessários ao exercício do comando e à execução do apoio administrativo no âmbito da subunidade.

b. Organiza-se em um grupo de comando (Gr Cmdo) e um grupo de serviços (Gp Sv).

c. O grupo de comando instala, opera e provê a segurança do PC Cia Int.

d. O grupo de serviços executa o apoio administrativo no âmbito da subunidade, através de suas turmas de administração (Tu Adm), aprovisionamento (Tu Aprv) e manutenção (Tu Mnt).

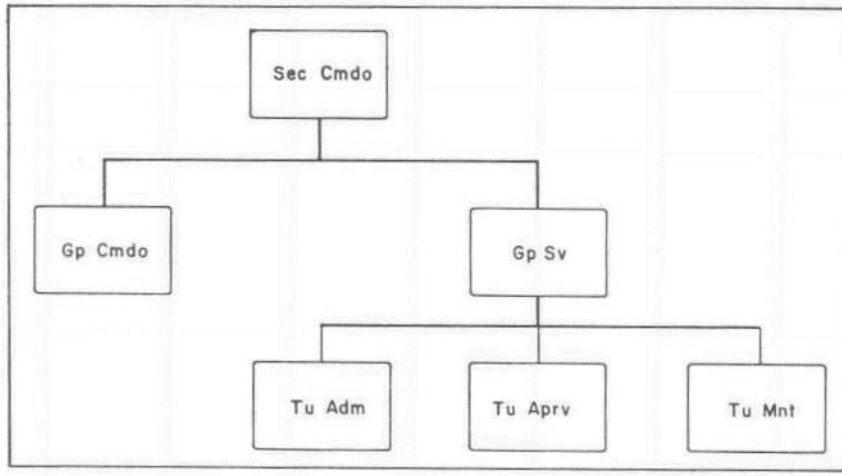


Fig 3–1. Seção de comando da Cia Int.

CAPÍTULO 4

PELOTÃO DE SUPRIMENTO

4-1. MISSÃO

Instalar e operar o P Distr Cl I, o P Distr Cl III o P Distr o Cl e o PCM.

4-2. ORGANIZAÇÃO

a. Organiza-se em um Gp Cmdo, uma seção de suprimento Cl I (Sec Sup Cl I), uma seção de suprimento Cl III (Sec Sup Cl III) uma seção de suprimento de outras classes (Sec Sup O Cl) e uma Seção de Controle de Munições (Sec Ct Mun).

b. O Pel Sup é totalmente motorizado e suas seções possuem viaturas especializadas destinadas ao transporte de suprimentos das classes I e III para as unidades apoiadas. Para o transporte de suprimentos de outras classes, normalmente, recebe viaturas do Pel Trnp em reforço.

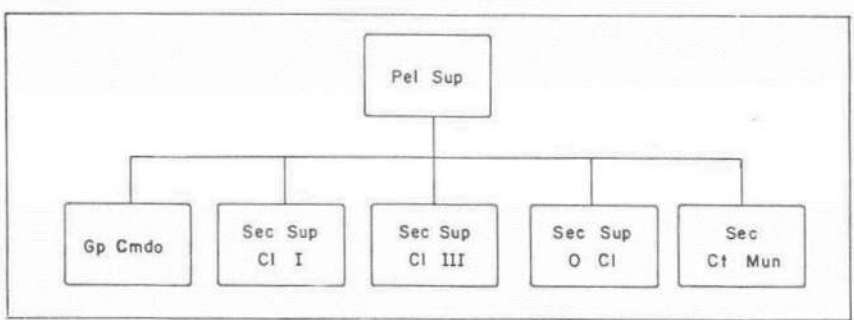


Fig 4–1. Pelotão de suprimento

4-3. ATRIBUIÇÕES

a. O Cmt Pel é o assessor do Cmt Cia para os assuntos de suprimento. É o responsável pelo recebimento, armazenagem e distribuição dos suprimentos Cl I, III, e, de outras classes.

b. O tenente adjunto do pelotão é o substituto eventual do Cmt. É o encarregado da execução dos encargos administrativos do pelotão. Quando da abertura de uma SA Ap Log é o responsável pelas atividades de suprimento nesta subárea.

4-4. SEÇÃO DE SUPRIMENTO CLASSE I

a. Missão – Instalar e operar um P Distr Cl I, a fim de receber, armazenar, lotear e distribuir artigos de subsistência.

b. Localização – Desdobra-se no setor da Cia, no interior da área de apoio logístico (A Ap Log), imediatamente após o P Distr Cl III, em local de fácil acesso para as viaturas e de fácil ligação com a estrada principal de suprimento (EPS).

c. Operações de suprimento

(1) Considerações gerais

(a) O suprimento de classe I compreende os artigos que são consumidos diariamente, em quantidades médias constantes, independentemente das condições de emprego da tropa. Estes suprimentos constituem as rações.

(b) Os Sup Cl I exigem uma atenção toda especial da Cia Int. O assunto, pela sua relevância, apresenta aspectos importantes, que devem ser considerados: a necessidade imperiosa de se assegurar a alimentação diária da tropa, a diversificação dos componentes das rações para atender às diferentes situações e, finalmente, o peso relativamente grande dos suprimentos distribuídos.

(c) A determinação das necessidades diárias de suprimento é estabelecida pelo Cmt Cia Int, mediante a consolidação dos pedidos das unidades apoiadas feita pelo S3 do batalhão. O Cmt Pel Sup, de posse das quantidades e espécies necessárias, determina à Sec Sup Cl I o seu recebimento junto ao P Sup Cl I do escalão superior. Para isso, a seção utiliza suas viaturas e, se for o caso, recebe o reforço da seção leve de transporte do Pel Trnp. A Cia Int ao determinar as necessidades de Sup Cl I destinados ao consumo da GU, além dos aspectos básicos mencionados deve, também, considerar:

– a flutuação rápida nos efetivos por previsão de perdas ou de recompletamentos;

– a autorização de aumento de consumo para atender às condições desfavoráveis do combate ou, trabalho intenso e prolongado;

– as mudanças de intervalo de rações impostas pelo Esc Sp;

– os suprimentos indispensáveis ao restabelecimento da reserva orgânica da GU no nível autorizado.

(2) Ração é a quantidade de alimentos necessária a manter um homem durante um dia. Ordinariamente, emprega-se o termo isolado para designar víveres; emprega-se a locução "ração de forragem" para designar a quantidade de forragem necessária para alimentar um animal durante um dia.

(3) Tipos de ração – As rações utilizadas pelas Forças Armadas apresentam-se sob a forma de rações normais (R–1A e R–1B) e de rações operacionais (R–2A, R–2B, R–3, R–4, R–5 e AE).

(a) R–1A – Ração Normal – É constituída de alimentos perecíveis e não perecíveis. Compreende gêneros em estado natural, que devem ser preparados para o consumo. É utilizada pelas forças em tempo de paz e, quando em operações, em território da zona de administração, se possível.

(b) R–1B – Ração coletiva de campanha – É constituída por alimentos liofilizados ou equivalentes. Sua composição é semelhante a da ração tipo R–1A, sendo os gêneros perecíveis substituídos por outros previamente preparados e devidamente acondicionados, visando a sua conservação, em embalagens tipo comercial. Destina-se a alimentar vinte e cinco homens durante vinte e quatro horas. É fornecida aos elementos interessados, de acordo com o efetivo existente na ocasião do pedido, quando o intervalo de ração for 4 ou 5 e é consumida por qualquer unidade, quando na zona de combate, sempre que possível.

(c) R–2A – Ração individual de combate – É acondicionada de modo a se constituir em uma ração (três refeições) para um homem. Compõe a reserva orgânica de suprimento classe I e é fornecida de acordo com o efetivo previsto no(s) quadro(s) de organização da(s) unidade(s).

(d) R–2B – Ração individual de combate, tipo Amazônia – É a ração anterior adaptada e adequada à utilização na região Amazônica ou em regiões de características semelhantes.

(e) R–3 – Ração de equipagem – É empacotada de modo a constituir cinco rações para um homem ou uma ração para cinco homens. A sua composição é idêntica a da ração R–2A e a substitui quando for mais conveniente. É mais comumente empregada pelas guarnições de carros de combate, de viaturas blindadas de transporte de pessoal, de carros de transporte de tropa anfíbios, de carros de reconhecimento médios etc.

(f) AE – Alimentação de emergência – Destina-se a permitir ao homem enfrentar uma situação de emergência de curta duração. É constituída de uma refeição da ração tipo R–2A.

(4) Distribuição

(a) O recebimento, o transporte e a entrega do suprimento à tropa na zona de combate impõe o emprego conjugado dos meios do Ex Cmp e das GU apoiadas, de modo a obter-se maior rendimento. A solução dos problemas de transporte, repartição e outras imposições, condicionam a seleção dos processos de distribuição, que são os seguintes:

– distribuição de suprimento na unidade, no qual o suprimento é

entregue pelo Pel Sup (reforçado pelo Pel Trnp, quando necessário) nas ATE (AT) das unidades apoiadas;

— distribuição na instalação de suprimento, em que o suprimento é recebido pelas OM apoiadas diretamente nos P Dstr/A Ap Log.

(b) No âmbito das GU é utilizado o processo de distribuição de suprimento na unidade. Entretanto, é empregado, com freqüência, a combinação dos processos de distribuição na unidade e em instalação de suprimento, combinando o emprego dos meios de transporte da Cia Int e das unidades apoiadas.

(c) Em princípio, as unidades situadas nas proximidades da A Ap Log são apoiadas pelo processo de distribuição em instalação de suprimento e as demais unidades são apoiadas pelo processo de distribuição na unidade.

(d) Os suprimentos são, normalmente, entregues pelo Esc Sp no P Distr Cl I, situado na A Ap Log e, também, no P Distr Cl I instalado na SA Ap Log, quando houver.

(e) As subunidades independentes são, também, apoiadas diretamente pela instalação da Cia Int. Por medida de economia de transporte, uma subunidade pode receber suprimento para outras estacionadas na mesma área. Entretanto, o pedido de cada subunidade é apresentado isoladamente e o P Distr entrega o suprimento devidamente repartido.

(f) O P Distr Cl I pode distribuir, ainda, suprimentos tais como os de higiene pessoal, comprimidos antimaláricos, pastilhas de sal e reembolsáveis, quando determinado pelo comando da GU.

(g) Quando da abertura de uma SA Ap Log, a Sec Sup Cl I distribui suprimentos de outras classes, podendo ou não ser reforçada por elementos da Sec Sup de outras classes.

(5) Intervalo de rações

(a) Intervalo de rações é o período, expresso em dias de suprimento, iniciado com a entrega do pedido e encerrado com o fim do consumo. O intervalo a ser utilizado deve permitir à GU uma cuidadosa determinação das necessidades, evitando o excesso ou a insuficiência de suprimento, bem como, proporcionar a continuidade do fluxo.

(b) De um modo geral, as GU utilizam os intervalos 4,5,6 e 7. O intervalo 4 é utilizado, normalmente, quando a GU está em zona de reunião (Z Reu). O intervalo 5 é de uso comum na zona de combate (ZC). Para as operações de grande mobilidade emprega-se o intervalo 6 ou o 7.

(c) Na figura que se segue é apresentada uma grade de rações preenchida com os diferentes intervalos.

(6) Repartição e loteamento dos suprimentos

(a) Os suprimentos devem ser repartidos para a entrega às unidades consumidoras. O local de repartição deve possuir requisitos higiênicos que previnam a contaminação dos gêneros.

(b) O loteamento no P Distr depende da disponibilidade de tempo,

DIAS	1	2	3	4	5	6	7
INTERVALO 4	P	R/D	Ci	Cf			
INTERVALO 5	P	R	D	Ci	Cf		
INTERVALO 6	P		R	D	Ci	Cf	
INTERVALO 7	P			R	D	Ci	Cf

Fig 4–2. Grade de rações

LEGENDA: P – pedido
R – recebimento
D – distribuição
Ci – início do consumo
Cf – final do consumo

da oportunidade do recebimento e da natureza do suprimento a ser distribuído. Deve ser efetuado por um dos tipos abaixo especificados.

– Lotes por Unidades – Este tipo de loteamento consiste em arrumar os itens de suprimento em um número de pilhas que corresponda ao das unidades consumidoras. Os trabalhos de loteamento desenvolvem-se na seguinte seqüência:

– colocação de placas de identificação das unidades em torno da área;

– localização dos lotes das unidades conforme a ordem em que devem ser entregues;

– designação de um conferente do P Distr para cada lote, bem como da mão-de-obra necessária ao manuseio do suprimento.

– descarregamento das viaturas do P Sup do Esc Sp, ordenadamente, conforme o previsto na **nota de distribuição de rações,** nos locais dos lotes de cada unidade;

– entrega às unidades, conforme horário e processo de distribuição previamente estabelecidos.

– A utilização deste tipo de loteamento traz as seguintes vantagens:

– exatidão na repartição do suprimento, possibilitando ocasionais correções antes de se iniciar a distribuição;

– rapidez nas operações de carregamento para a distribuição às unidades;

– simplicidade e segurança para a unidade quanto à conferência e recebimento do suprimento, caso a distribuição seja efetuada na instalação.

– Relacionam-se, entretanto, as seguintes desvantagens:

– demora nos trabalhos de descarregamento das viaturas do Esc Sp com a conseqüente retenção das mesmas no P Distr por tempo prolongado;

– demora nos trabalhos de repartição dos suprimentos pelos lotes dispersos;

– necessidade de terreno amplo e adequado para o loteamento disperso.

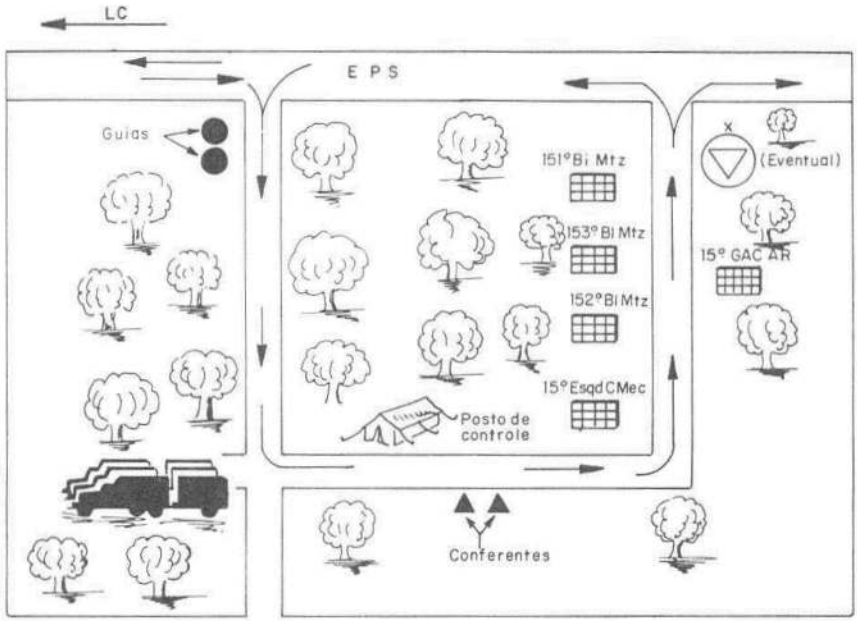


Fig 4–3. Posto de distribuição de classe I com suprimentos organizados em lotes por unidade (esquemático)

– **Lotes por itens** – este tipo consiste em dividir os suprimentos por itens a distribuir. Admite-se que alguns lotes possam ser organizados em pilhas constituídas por itens de pequeno volume. Os trabalhos de loteamento desenvolvem-se na seguinte seqüência:

– seleção dos locais adequados à organização das pilhas de suprimentos e colocação de placas de identificação dos itens;

– designação de um conferente do P Distr para cada lote, bem como da mão-de-obra necessária ao manuseio do suprimento;

– descarregamento das viaturas do P Sup do escalão superior, conforme a **folha de repartição de rações;**

– entrega às unidades, conforme horário e processo de distribuição previamente estabelecidos.

– A utilização deste tipo de loteamento traz as seguintes vantagens:

– liberação imediata das viaturas do P Sup do escalão superior;
– rapidez na descarga;
– utilização de pequena área para loteamento.

– Por outro lado, as seguintes desvantagens são observadas neste tipo de loteamento:

– simultaneidade das operações de repartição e distribuição podendo ocasionar dificuldades nas correções;
– complexidade na distribuição, quando utilizado o **processo da distribuição na instalação,** já que as viaturas das unidades devem passar por todos os lotes;
– necessidade de eficiente controle de trânsito.

(c) Nas operações de grande mobilidade ou sob condições desfavoráveis de tempo utiliza-se, ainda, uma variante dos tipos de loteamento já vistos chamada de **viatura para viatura.** Por este tipo, os suprimentos são distribuídos diretamente das viaturas do elemento que apóia para as dos elementos apoiados. A sistemática da execução é, em tudo, semelhante ao tipo de "lotes por itens". Nestas condições os lotes dos itens ficam nas próprias viaturas que participarão da distribuição e que serão dispostas ao longo da pista circular. Assegura-se, assim, a máxima mobilidade e rapidez no apoio, porém, com a desvantagem de reter as viaturas por tempo prolongado.

(6) Pedidos

(a) **Forma de Pedido** – Os suprimentos de Cl I para a GU são obtidos pela Cia Int mediante a elaboração de um **pedido diário de rações,** que é remetido à instalação de suprimento do Esc Sp, em apoio direto. Os suprimentos podem ser requisitados mediante simples mensagem diária. O pedido deve conter as informações que se seguem:

– efetivo a ser suprido;
– quantidades estimadas por tipo de ração;
– data de consumo das rações.

(b) Processamento dos pedidos

– As unidades orgânicas e as em reforço remetem para a 3ª Sec/BLog, diariamente, os pedidos por tipo e quantidade de rações para a data em que devem iniciar o consumo. Uma via do pedido é remetida ao PCR da GU para fins de controle.

– A 3ª Sec/BLog assessorada pelo Cmt Cia Int consolida os pedidos.

– Mediante a consolidação, a Cia Int elabora o pedido diário de rações da GU e o remete ao P Sup do Esc Sp, em apoio direto.

(c) O efetivo constante do pedido diário indica, em princípio, o número de homens existentes no dia.

(d) No caso específico da GU utilizar intervalo de rações 6 e 7 os

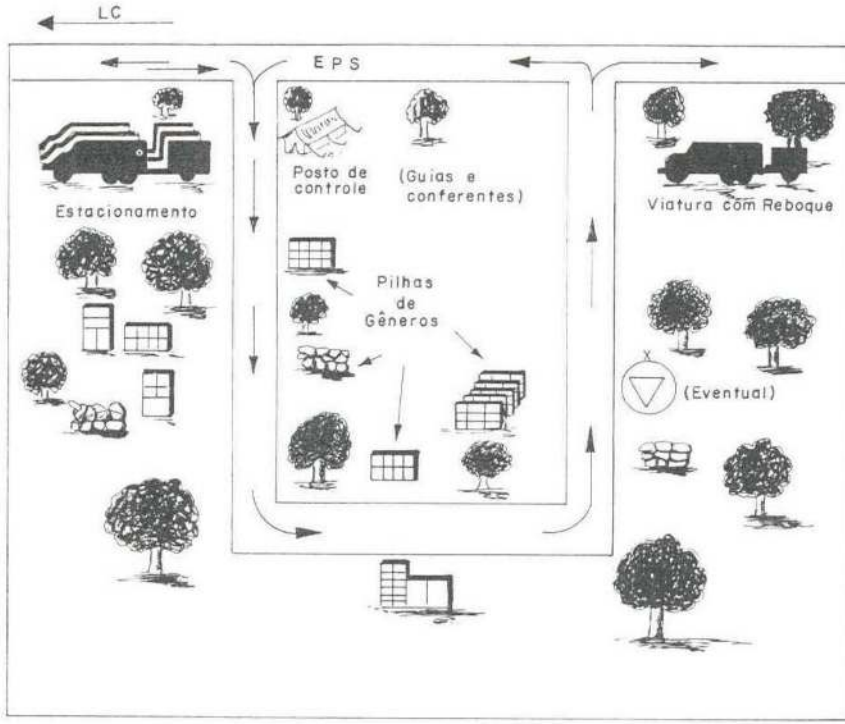


Fig 4–4. Posto de distribuição de classe I com suprimentos organizados em lotes por itens (esquemático)

pedidos são baseados nos efetivos fornecidos pelo E1 com estimativas para o dia de início de consumo.

(e) Outras necessidades que surjam, são atendidas com suprimentos retirados da reserva orgânica, com a autorização do Cmt B Log ou mediante pedido suplementar encaminhado ao escalão superior.

(7) Horário de Distribuição

(a) A Cia Int elabora e propõe um horário de distribuição que, após aprovado, é informado às unidades através da ordem administrativa ou do parágrafo 4º da ordem de operações, ambos da GU, ou, ainda, de mensagem direta.

(b) Na elaboração deste horário são considerados os fatores que se seguem:

- hora de chegada do suprimento no P Distr Cl I;
- tempo para a descarga e para correções necessárias na folha de repartição;

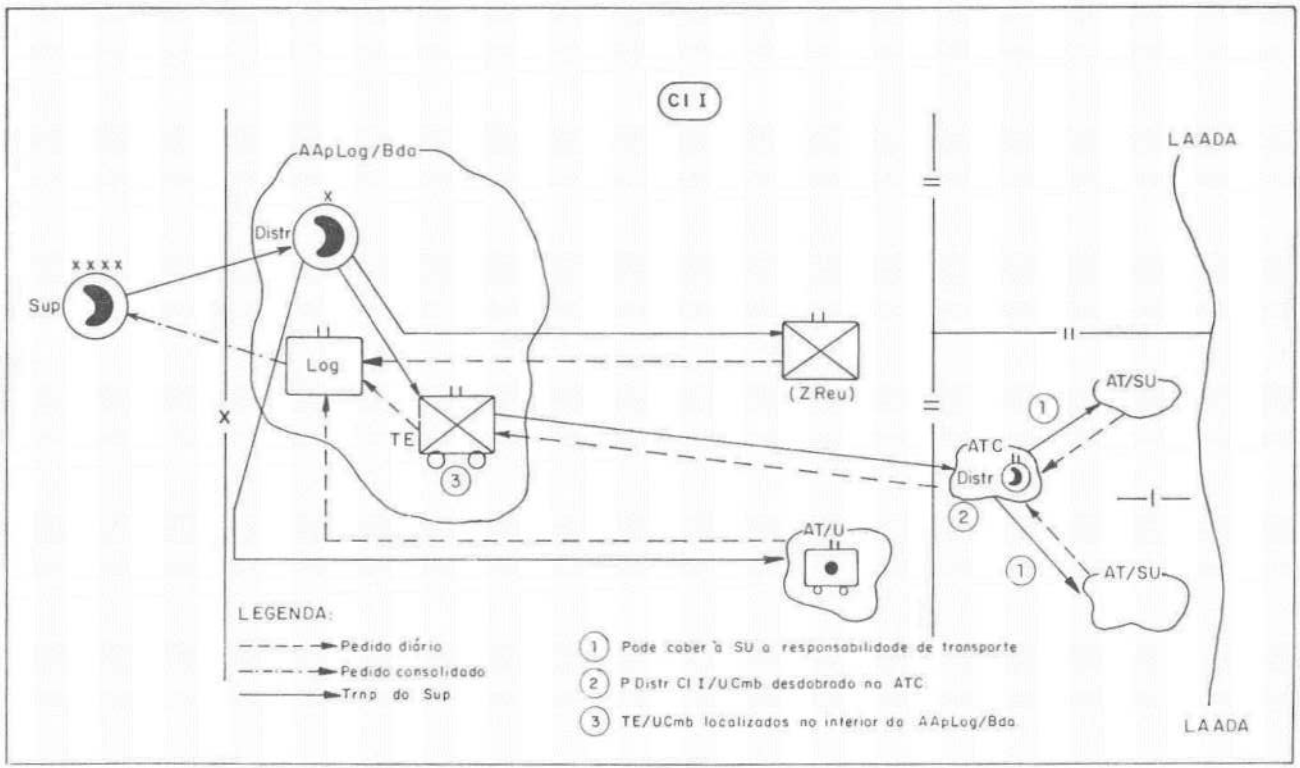


Fig 4–5. Pedido e distribuição de suprimento classe I

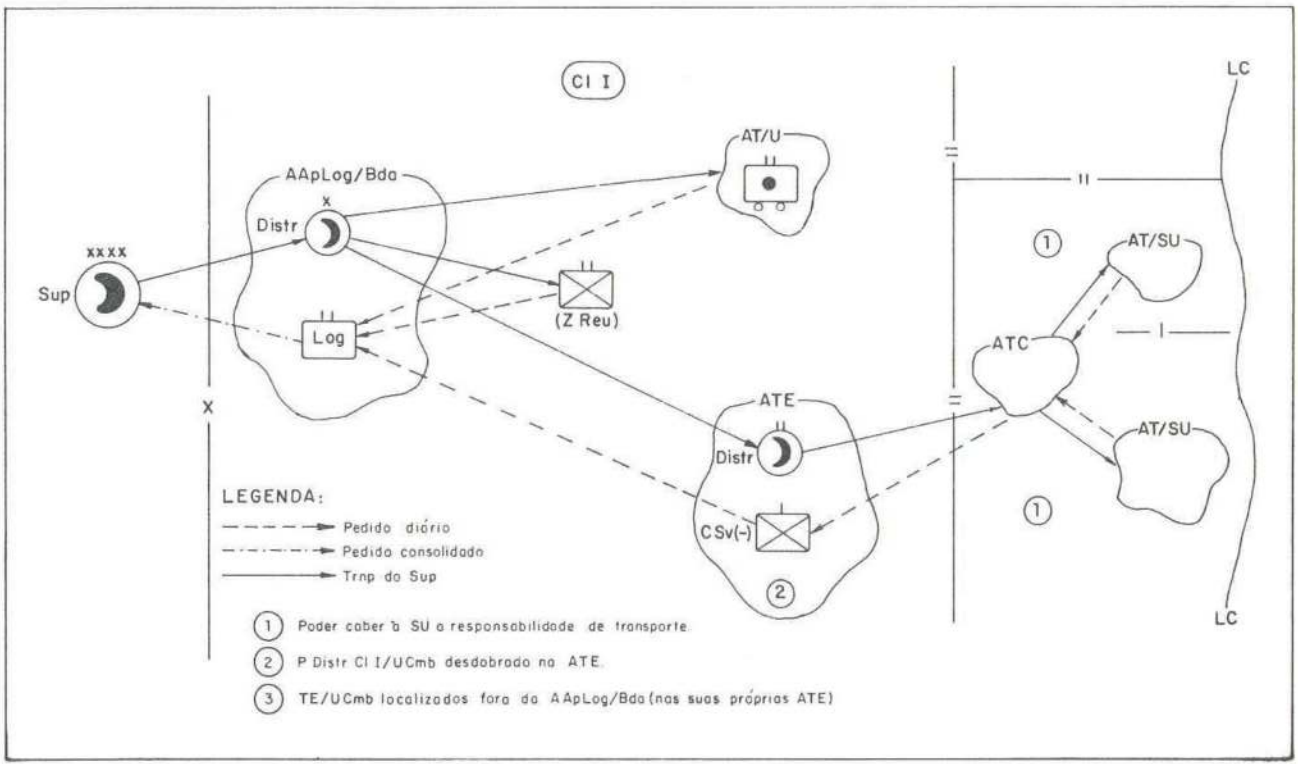


Fig 4–6. Pedido e distribuição de suprimento classe I

– tempo de distribuição para cada unidade;

– tempo de espera, no caso de distribuição à noite ou por qualquer outra imposição.

(c) Além destes fatores básicos são, também, consideradas as distâncias a percorrer até as áreas de trens de estacionamento (ATE) das unidades apoiadas, atribuindo-se prioridade àquelas mais afastadas. Entretanto, as unidades estacionadas nas proximidades do P Distr Cl I podem receber antes das mais afastadas desde que, estas não fiquem prejudicadas.

(8) Ciclo de Ração – É o período durante o qual a ração é consumida. Normalmente, as rações são distribuídas às Unidades para consumo no dia seguinte. O ciclo de ração começa com o jantar e compreende três refeições básicas: jantar, café da manhã e almoço.

(9) Reserva orgânica (Ro) de suprimento classe I

(a) Reserva orgânica de suprimento Cl I, é a quantidade existente na GU, transportada pela Cia Int e pelas unidades apoiadas, que não se destina ao consumo imediato.

(b) A reserva orgânica é fixada pelo comandante da GU, dentro de um nível autorizado pelo escalão superior. A fixação dessa reserva é influenciada pelo tipo de operação planejada, condições de apoio do Esc Sp e pela disponibilidade de transporte.

(c) O suprimento inicial para constituir essa reserva, bem como seu recompletamento, é obtido de maneira idêntica à do consumo diário.

(d) Destina-se fundamentalmente a atender às necessidades de emergência, porém, deve ser tratada como um estoque ativo. Exige inspeção periódica para evitar perdas e estragos. A renovação com reposição imediata ou distribuição periódica de todas as rações é aconselhável para a renovação global.

(10) Escalonamento das rações nas GU – Independentemente dos níveis mantidos nas instalações do Esc Sp existe nas unidades um número de rações escalonadas conforme o quadro que se segue.

ELEMENTO	TRANSPORTE	RAÇÃO	QUANTIDADE
SUBUNIDADE	Na Tu Aprv (nas viaturas)	R-2A ou R-3	1 Rç para o efetivo previsto da SU.
	Vtr Cozinha	R-1B	2/3 a 1/3 para o efetivo existente na SU
UNIDADE	No Pel Adm (Trens da U)	R-2A ou R-3	1 Rç para o efetivo previsto da U.
B LOG	Cia Int	R-2A ou R-3	2 Rç para o efetivo previsto da Bda ou DE (Elm base divisionária).
SUBUNIDADE INDEPENDENTE	Na Tu Aprv	R-2A ou R-3	2 Rç para o efetivo previsto na SU
	Vtr Cozinha	R-1B	2/3 a 1/3 para o efetivo existente na SU.

4-5. SEÇÃO DE SUPRIMENTOS OUTRAS CLASSES

a. Missão – Instalar e operar o P Distr O Cl, a fim de receber, armazenar e distribuir os produtos acabados das classes II, IV, V(A), VI, VII, IX e X.

b. Localização – A seção instala e opera o P Distr imediatamente após o P Distr Cl I, em relação ao plano de circulação interna do setor da Cia, no interior da A Ap Log.

c. Distribuição

(1) Esses suprimentos são, normalmente, entregues pelo Esc Sp no P Distr. Em circunstâncias favoráveis, o Esc Sp entrega-os diretamente às unidades apoiadas. Quando a abertura do P Distr O Cl for dispensável, a distribuição dos suprimentos pode realizar-se através do P Distr Cl I. Em todos os casos, o P Distr O Cl utiliza-se da cadeia de distribuição de Cl I para suas operações de suprimento Cl II nos itens de reposição freqüente como fardamento, que constitui o grosso das operações dessa classe.

(2) O P Distr, após realizar a repartição do suprimento, efetua a distribuição empregando o processo de distribuição em instalação de suprimento, embora possa ser necessária a adoção de processo de distribuição na unidade ou mesmo uma combinação dos dois processos.

(3) A instalação de Cl II do P Distr deve assegurar o funcionamento de um sistema de distribuição por troca direta. Itens de suprimento de maior mortalidade de fardamento, devem ser mantidos no P Distr a fim de que as unidades realizem a substituição por troca direta ou mediante a apresentação de uma informação de perda.

(4) Em situações especiais, poderá ser conveniente a instalação e operação de um P Distr Cl II/IV para apoiar diretamente as operações de uma unidade.

(5) A seção pode ser encarregada da distribuição de cartas às unidades. Nesse caso, o caráter reservado do processo de suprimento de cartas deverá ser observado. A Cia Int recebe as cartas no depósito do Esc Sp sob a coordenação do S2 B Log. No âmbito da GU, normalmente, não há pedido de cartas e a distribuição é feita de acordo com **lista de distribuição** permanentemente atualizada.

(6) Os suprimentos de grande porte (armas, viaturas e equipamentos de Eng e Com), normalmente, são entregues pelo Esc Sp diretamente às unidades, mediante pedidos antecipados ou conforme as previsões de consumo. Eventualmente, pode caber à seção a missão de distribuir esses suprimentos. Nesse caso, caberá à companhia de material bélico realizar a inspeção técnica inicial do material, conforme diretrizes do comando da GU.

(7) Os artigos para assistência religiosa, destinados à GU, são recebidos pela companhia de administração.

(8) A instalação de Cl II do P Distr deve operar coordenadamente com a seção de banho do Pel Sv, quando dispuser de fardamento para a troca. Deverá, sempre que possível, formar um conjunto com as instalações de banho e lavanderia, com a finalidade de racionalizar os trabalhos.

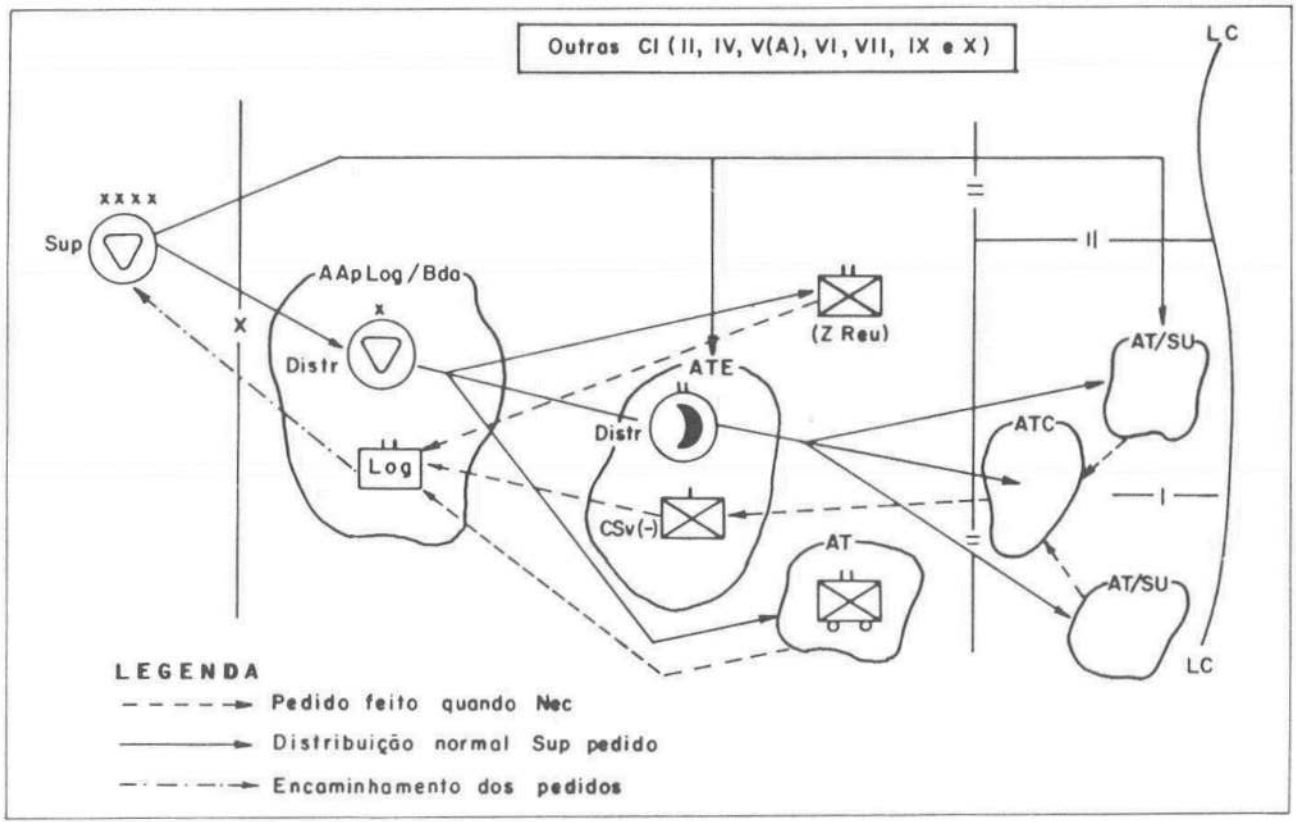


Fig 4–7. Pedido e distribuição de suprimento de outras classes

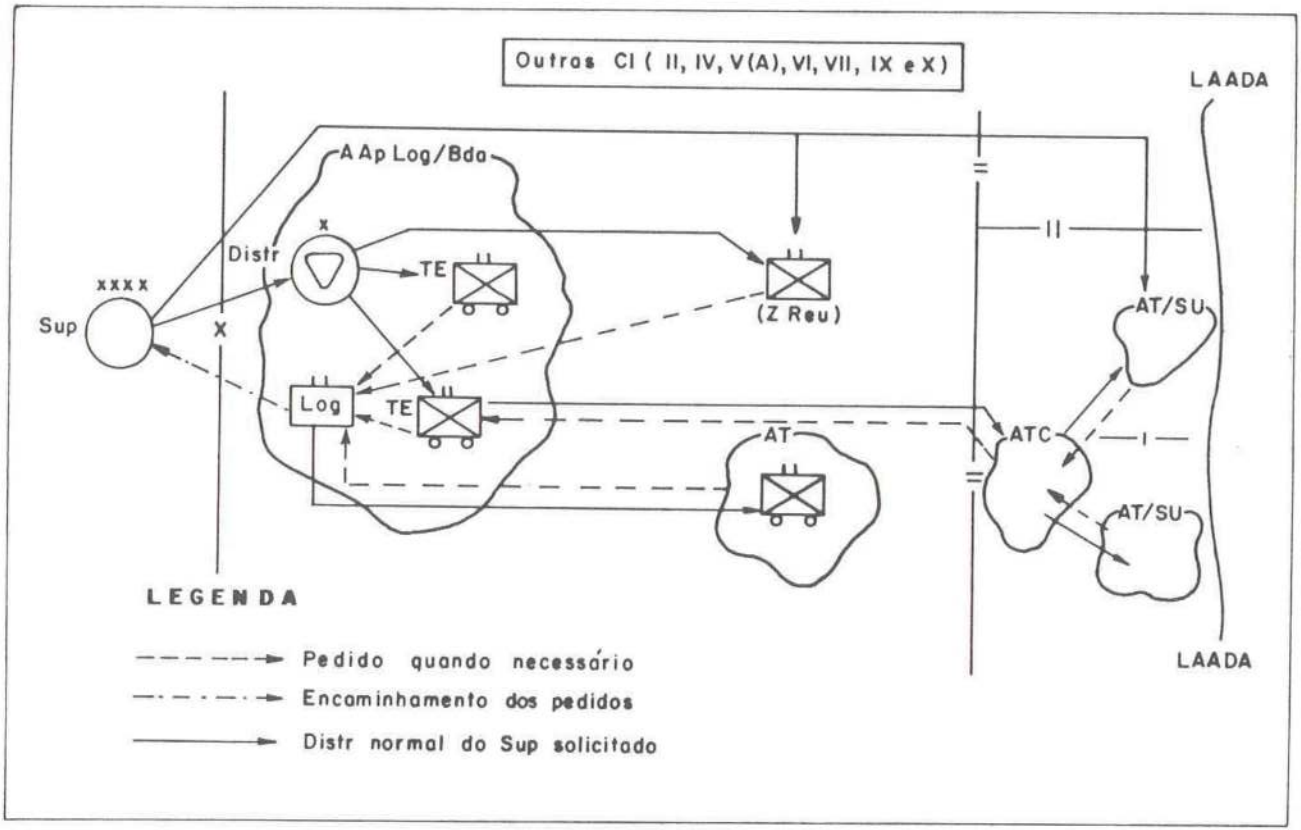


Fig 4–8. Pedido e distribuição de suprimento outras classes (alternativo)

d. Repartição – Os suprimentos de responsabilidade da Sec Sup, normalmente, são repartidos e fornecidos conforme créditos estabelecidos pelo escalão superior.

e. Administração do suprimento

(1) A determinação das necessidades de suprimento das classes afetas à seção, é função do estado-maior da GU.

(2) À Sec Sup O Cl cabe o controle do fluxo e a distribuição dos suprimentos conforme os créditos fixados pelo escalão superior.

(3) Para o controle e a distribuição, os itens de suprimento são classificados em artigos autorizados, controlados e regulados.

(a) Artigos Autorizados – São aqueles que existem em quantidade suficiente, sobre os quais o escalão superior não exerce controle na distribuição. Os quadros de organização (QD) fixam as dotações normais individuais e das unidades e servem como meio básico natural de controle dos pedidos e distribuição desses itens.

(b) Artigos Controlados – São artigos ou itens de suprimentos que se tornam eventualmente escassos ou críticos, e que de um modo geral, não têm um quadro de distribuição ou tabela previamente fixados. Os itens considerados controlados, são incluídos em uma relação e seu fornecimento somente é efetuado mediante autorização do Esc Sp.

(c) Artigos Regulados – São aqueles usualmente escassos devido ao alto preço ou pela sua natureza técnica ou perigosa. Estes artigos, de todos os serviços técnicos, são incluídos em relações publicadas periodicamente (boletins de suprimento) a fim de que todos os escalões de comando exerçam o controle sobre eles. Estes suprimentos só podem ser distribuídos mediante autorização do Esc Sp.

(4) A seção deve manter um controle dos estoques existentes, bem como relações atualizadas dos suprimentos controlados e as respectivas diretrizes de distribuição.

(5) Os artigos escassos, de difícil obtenção, devem ser solicitados pelos usuários com bastante antecedência.

f. Operações de suprimento

(1) As operações de suprimento são planejadas pela Cia através da Sec Sup O Cl.

(2) A Cia Int, no âmbito da GU, tem responsabilidade pelo recebimento e distribuição desses Sup.

(3) As operações compreendem: o recebimento dos suprimentos em grosso, registro, repartição e distribuição às unidades apoiadas, bem como a evacuação de suprimentos Cl II, passíveis de recuperação.

(4) A seção mantém um estoque equilibrado de artigos de grande consumo, constante de listas de material a ser estocado e constituído com base em dados experimentais (fatores de consumo). Os artigos em questão ficam armazenados em viaturas da Sec Me Trnp do Pel Trnp. Este estoque constitui a reserva orgânica da GU.

(5) Elementos da Seção devem operar com a seção de banho, quando se dispuser de reserva de fardamento para a troca, formando um conjunto com as instalações de banho e lavanderia, para a maior facilidade e racionalização das operações.

(6) Quando da abertura de uma SA Ap Log, elementos da seção podem, eventualmente, desdobrar um P Distr O Cl nesta área, ou reforçar os elementos da Sec Sup Cl I, quando esta tiver a missão de distribuir, também, outros suprimentos.

4-6. SEÇÃO DE SUPRIMENTO Cl III

a. Missão – Instalar e operar um P Distr Cl III, a fim de receber, armazenar e distribuir combustíveis, óleos e lubrificantes (COL), no âmbito da GU. Transportar, também, os COL para as unidades apoiadas, se necessário.

b. Localização – O P Distr Cl III desdobra-se, normalmente, à entrada do setor da Cia a fim de evitar o trânsito desnecessário das viaturas dos elementos apoiados no interior da mesma.

c. Distribuição

(1) O fluxo de Sup Cl III caracteriza-se pelo processo de distribuição em instalação de suprimento. Assim, os suprimentos são recebidos pela seção, diária e diretamente no P Sup do Esc Sp. As unidades da GU se suprem, normalmente, no P Distr Cl III da GU pela troca de viaturas cisternas ou enchimentos das mesmas, ou por troca de camburões.

(2) A Cia Int é dotada de reboque e viaturas cisternas para combustíveis. As viaturas cisternas do Pel Sup constituem o P Distr Cl III e podem transportar os combustíveis até as ATE das unidades apoiadas.

(3) As viaturas cisternas da Sec podem constituir o processo especial de suprimento denominado posto de suprimento móvel (P Sup Mv).

(4) Os P Distr Mv, normalmente, são colocados ao longo da(s) EPS para as unidades apoiadass e juntos às instalações logísticas das ATE, permitindo que as viaturas das unidades, particularmente as de combate, se reabasteçam de combustível, evitando perda de tempo e assegurando-lhes autonomia opercional.

d. Repartição

(1) O processo de distribuição de combustível no nível GU dá ênfase à distribuição em grosso com base na troca de viaturas ou reboques cisternas.

(2) Quando a situação tática permitir, pode ser utilizado o processo de retalhamento, com o enchimento de viaturas cisternas das unidades apoiadas, com o emprego de tambores de 200 litros ou pelo acondicionamento em recipientes de 2.000 litros de borracha sintética flexível. Neste último caso, são utilizadas viaturas de transporte não-especializado (T N E), quer das unidades quer da Cia Int.

(3) O P Distr Cl III deve manter quantidades e tipos de lubrificantes suficientes para atender ao consumo das unidades que lhe cabe apoiar. Óleos, lubrificantes e graxas são geralmente acondicionados em tambores, latas e baldes. Os

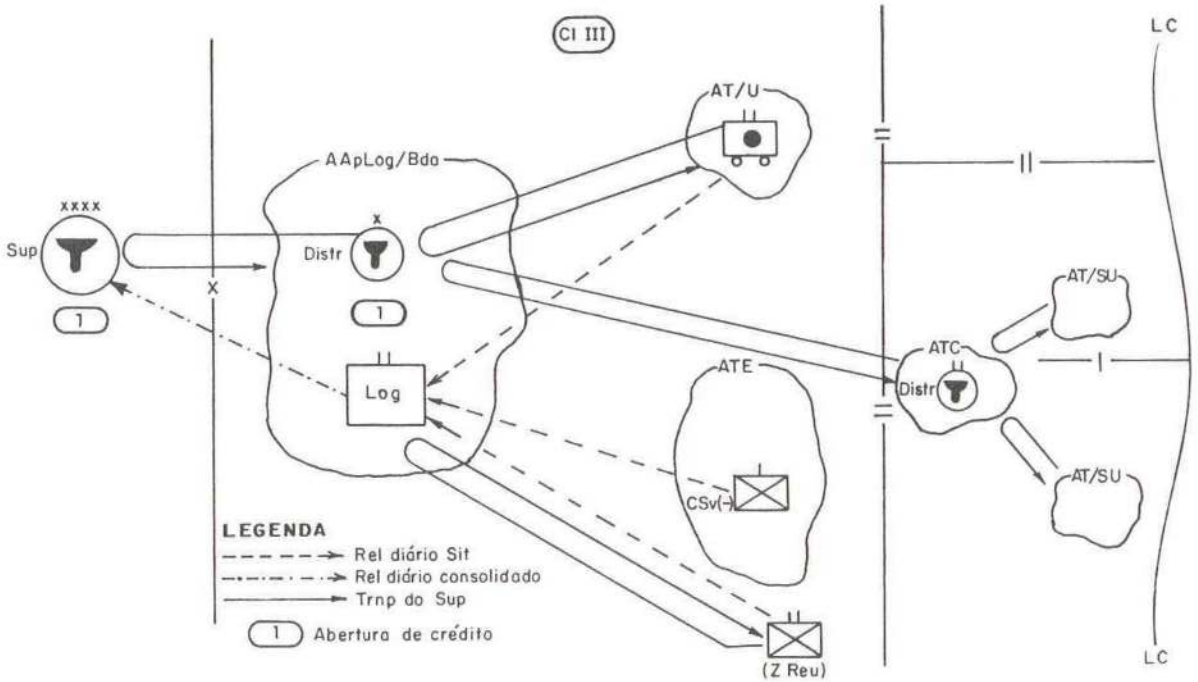


Fig 4–9. Pedido e distribuição de suprimento classe III – P Distr CI III/UCmb desdobrado na ATC e TE/UCmb localizados fora da AApLog/Bda (nas suas próprias ATE).

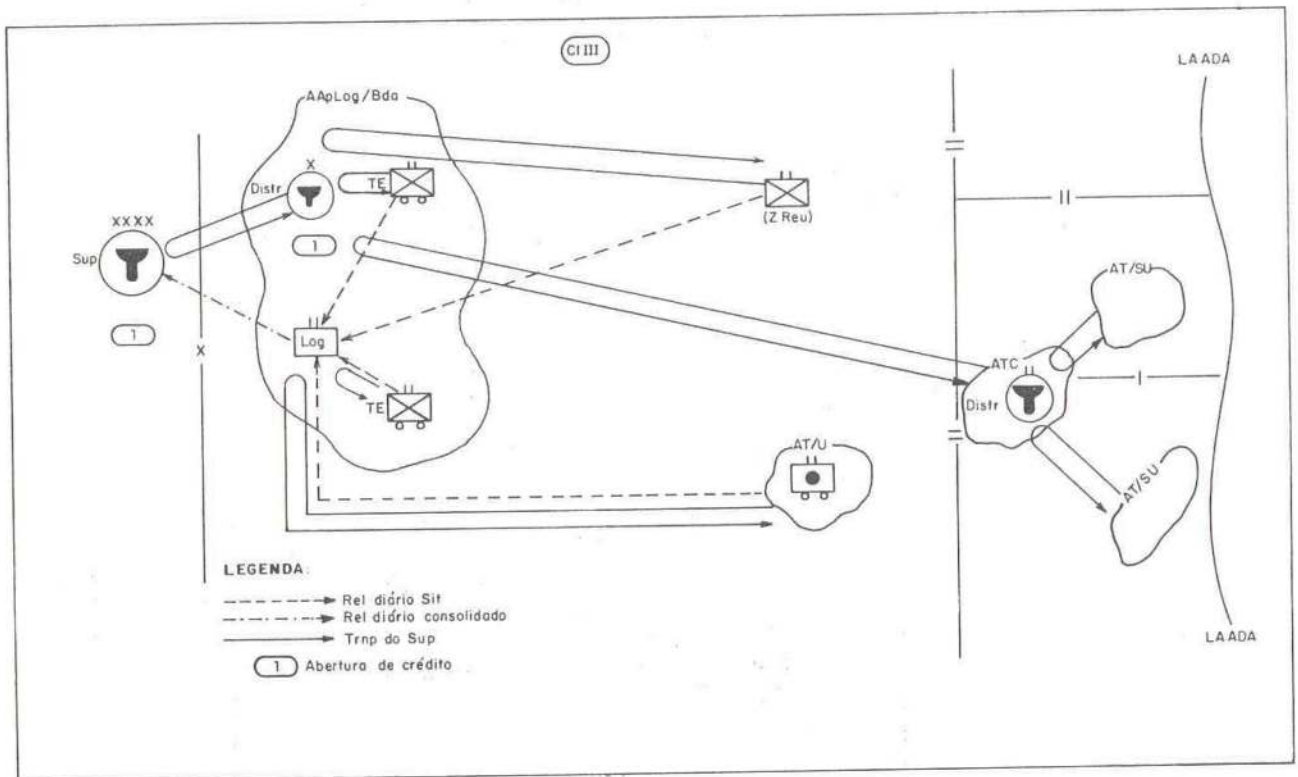


Fig. 4–10. Pedido e distribuição de suprimento classe III. – P Dist CI III/UCmb desdobrado na ATC e TE/UCmb localizados no interior da AApLog/Bda

lubrificantes são transportados pelas viaturas (TNE) da Cia desde a instalação do Esc Sp até o P Distr da GU ou, eventualmente, até às unidades apoiadas.

e. Administração do suprimento

(1) O instrumento formal do pedido de classe III é o **Relatório da situação diária,** que indica as necessidades previstas para o período de consumo seguinte e a situação do estoque existente.

(2) Os relatórios da situação diária são remetidos pelas unidades apoiadas à 3ª Sec B Log. Da mesma forma procede o Cmt Pel Sup em relação à situação diária do P Distr Cl III.

(3) Com base nas disponibilidades e nas estimativas de consumo, a 3ª seção, assessorada pelo Cmt Cia Int, consolida os relatórios, emitindo o relatório da situação diária da GU. Uma via deste relatório é remetida ao PCR da GU para controle dos créditos postos à disposição das unidades para a operação em curso.

(4) Conforme a evolução da situação tática, a GU poderá remanejar aqueles créditos, informando às unidades atingidas e ao Cmt Cia Int (através do Cmt B Log).

(5) A 3ª Sec/B Log remete o relatório consolidado para o P Sup do Esc Sp; a Sec L Trnp do Pel Trnp dirige-se a esta instalação, a fim de receber o suprimento e entregá-lo no P Distr Cl III.

(6) Cabe à Sec Sup Cl III manter um registro atualizado dos créditos concedidos aos diversos elementos da GU, baseando-se nestes para a distribuição do suprimento.

(7) Os anexos D e F apresentam modelos de **quadro de controle de suprimento classe III** e de **relatório da situação diária.**

f. Manobra de P Distr Cl III

(1) Em princípio, o P Distr Cl III localiza-se na A Ap Log (SA Ap Log) junto à E P S, aproveitando, se possível, as instalações já existentes.

(2) A preocupação de prestar apoio cerrado aos elementos de combate, particularmente nas GU Mec e Bld, leva o comando do B Log a diminuir a distância de apoio a fim de evitar a perda de tempo e a redução da autonomia das viaturas de combate.

(3) Em conseqüência, surge, muitas vezes, a necessidade de abrir P Distr Mv entre a Ap Log (SA Ap Log) e os elementos apoiados. Caracteriza-se, assim, a manobra de P Distr, cujo planejamento está afeto ao comando da Cia Int sob a coordenação do EM do B Log. Cabe ao Cmt Pel Sup, determinar a localização exata e o desdobramento do P Distr Mv.

(4) A localização e o desdobramento do(s) P Distr Mv dependerão da situação tática, das necessidades de ressuprimento, do terreno, da rede rodoviária existente e da disponibilidade de viaturas na Cia Int.

(5) O P Distr Cl III Mv pode ser constituído por viaturas ou reboques-cisternas com meios mecânicos (bomba) de distribuição de combustível, além de poder contar com depósitos infláveis.

(6) A quantidade de viaturas que poderão ser reabastecidas simultaneamente dependerá dos meios empregados no posto de distribuição.

(7) Se os meios permitirem, deverão ser previstos vários locais de reabastecimento no interior do P Distr, para possibilitar o reabastecimento, ao mesmo tempo, de diversas viaturas.

(8) Para evitar o congestionamento do tráfego na(s) EPS, devem ser previstas áreas de estacionamento bastante amplos para as viaturas, que aguardam o reabastecimento; deve ser levada em conta a existência de desvios, ao longo da(s) EPS, onde as viaturas em comboio possam estacionar e aguardar o reabastecimento.

(9) Deve ser evitado, ao máximo, a concentração de viaturas junto ao P Distr. Quando possível, os comboios devem ser desmembrados em colunas menores.

(10) Como os P Distr Mv estão sujeitos a sofrer mudanças freqüentes de local, o Cmt Pel Sup deve treinar constantemente as operações de fechamento e abertura de P Distr Mv, estabelecendo NGA sobre o esvaziamento dos depósitos infláveis, enchimento das viaturas e reboques-cisternas, deslocamentos e reinício do suprimento em um novo local.

4-7. SEÇÃO DE CONTROLE DE MUNIÇÕES.

a. Missão — Instalar e operar o PCM a fim de exercer o controle do suprimento de munições no âmbito da GU.

b. Localização — Para a localização e instalação do PCM, são considerados os seguintes aspectos:

(1) desdobramento em local de passagem obrigatória das viaturas de munição que se dirigem às instalações de suprimento do Esc Sp;

(2) instalação a cavaleiro da EPS, próximo ao P Col Mortos/GU;

(3) possibilidade de desdobramento fora da A Ap Log.

— Quando o Ex Cmp instala um P Sup Cl V (munições) no interior da A Ap Log, o PCM é instalado junto ao mesmo.

— Quando do estabelecimento da C Pnt Aé, o PCM se localiza justaposto ao P Distr Cl V (munições).

c. Funcionamento do PCM — As viaturas de munição das unidades que se dirigem ao P Sup Cl V (munições) do Ex Cmp ou P Distr Cl V (munições) da GU (no estabelecimento da C Pnt Aé), passam pelo posto para autenticação da ordem de transportes. O **chefe do posto** ou o graduado do mesmo, **por delegação, verifica o total** do pedido da unidade com a quantidade de munição disponível para o elemento considerado e autentica a ordem de transporte ou a **modifica**, segundo **as diretrizes recebidas do oficial de munição da GU.** Com a ordem de transporte autenticada, a viatura dirige-se à instalação de suprimento para o recebimento da munição. No retorno à sua unidade, a viatura carregada fica dispensada de passar pelo posto, salvo se o pedido não for atendido integralmente.

4-8. PROCESSOS ESPECIAIS PARA DISTRIBUIÇÃO DE SUPRIMENTOS

a. As operações profundas e muito móveis fazem com que as instalações de suprimento, freqüentemente, fiquem fora das distâncias normais de apoio, sendo necessária a utilização de processos especiais, pelo Pel Sup. Para o procedimento a ser adotado nessas circunstâncias, um meticuloso estudo de situação indicará a solução mais conveniente.

b. Os principais fatores a considerar na escolha do processo a adotar, são:

(1) segurança das vias de transporte;
(2) profundidade da operação a apoiar;
(3) duração provável da missão de apoio;
(4) disponibilidade de meios.

c. Os processos especiais para a distribuição de suprimento são:

(1) comboio especial de suprimento;
(2) posto de suprimento móvel;
(3) reserva móvel;
(4) suprimento por via aérea.

d. Comboio especial de suprimento

(1) É o processo que compreende o envio de um comboio, organizado com viaturas do Pel Trnp, para descarregamento do suprimento em região proposta pela unidade apoiada.

(2) Normalmente, o comboio especial é organizado com suprimentos de subsistência, de COL, de munições e de peças de reposição (de armamento, de viaturas, de equipamento de engenharia e de equipamento de comunicações); ou somente com suprimentos de uma ou duas classes, os quais são descarregados em determinado local, onde passam à responsabilidade da unidade apoiada. Em seguida, o comboio vazio retorna à origem.

(3) A quantidade de suprimentos é determinada de acordo com o consumo provável ou mediante pedidos normais remetidos pelas unidades interessadas.

(4) Esse processo exige segurança das vias de transporte e é indicado para as operações de pequena profundidade e duração limitada, e quando a unidade não está na direção geral das operações.

(5) O Pel Sup é responsável pelo controle e execução do processo, embora utilize viaturas do Pel Trnp.

(6) Muitas vezes as operações se desenrolam em terreno acidentado, montanhoso ou pedregoso, dificultando ou mesmo impedindo o emprego de viaturas. Nessa situação e ainda na impossibilidade de executar movimento aéreo, a continuidade do apoio deve ser mantida mediante o emprego de suprimento por meio de cargueiros.

e. Posto de suprimento móvel

(1) É o processo que consiste no apoio à determinado elemento, através

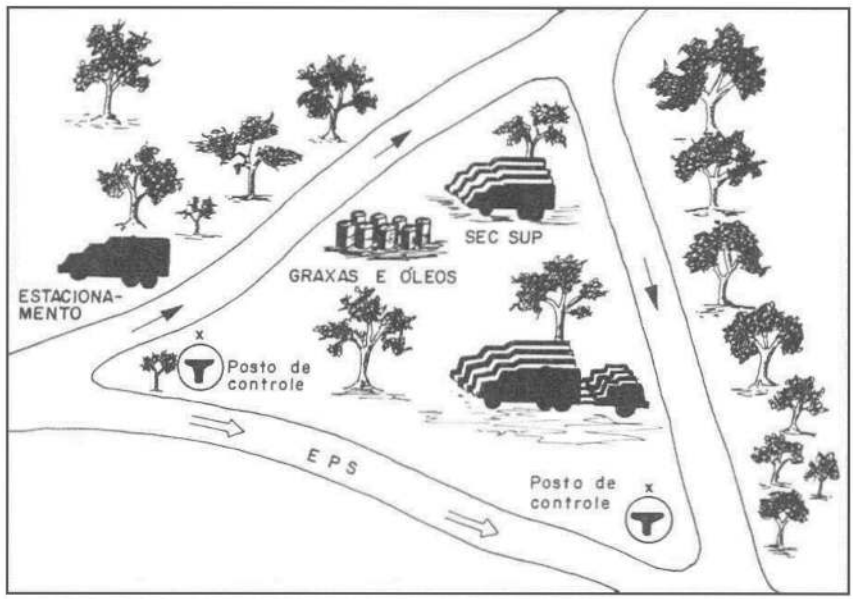


Fig 4–11. P Distr Cl III

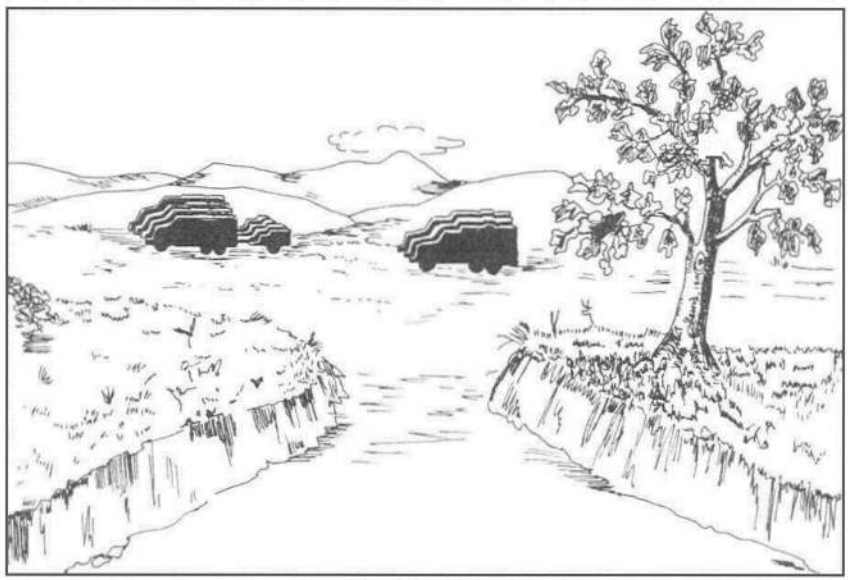


Fig 4–12. P Distr Cl III Móvel

de um comboio de viaturas, normalmente com suprimentos de subsistência, de COL, de munições e de peças de reposição (de armamento, de viaturas, de equipamento de engenharia e de equipamento de comunicações), que se desloca por lanços, acompanhando o elemento apoioado. O posto de suprimento móvel não se desdobra nos locais de parada, permanecendo sobre rodas durante todo o percurso.

(2) A quantidade de suprimento é determinada de acordo com as possibilidades e corresponde a um ou mais dias de suprimento para o efetivo apoiado.

(3) Esse processo é, normalmente, empregado quando há possibilidade de interrupção temporária das vias de transporte e recomenda-se nas operações de grande profundidade e longa duração.

(4) O Pel Sup emprega viaturas do Pel Trnp, e é responsável pela execução do processo e seu controle.

(5) Quando as viaturas das unidades apoiadas vêm suprir-se no posto de suprimento móvel, faz-se a baldeação de suprimentos das viaturas do Pel Trnp para as das unidades apoiadas.

(6) A medida que as viaturas integrantes do posto de suprimento móvel esvaziam-se e dependendo das condições de segurança das vias de transporte, são elas enviadas em grupos às instalações de suprimento da retaguarda para serem recarregadas e retornarem ao seu lugar no posto de suprimento móvel, de modo a ser mantido o nível estabelecido.

f. Reserva Móvel

(1) É o processo especial de suprimento que consiste na entrega ao elemento apoiado de certo número de viaturas, carregadas com a quantidade de suprimentos julgada necessária.

(2) As viaturas do Pel Trnp, carregadas com suprimentos de subsistência, de COL e de munições se incorporam ao escalão apoiado, sob a forma de reforço.

(3) Esse processo é empregado, normalmente, quando há previsão de grande consumo de suprimentos das classes III e V, em operações profundas e quando não há segurança das vias de transporte. É executado pelo Pel Sup e controlado pela unidade apoiada.

(4) A quantidade de suprimentos é determinada em função do consumo provável, decorrente de um minucioso estudo de situação pelo Cmt Cia, de forma a se constituir o comboio com os itens necessários ao apoio a toda a operação, incluindo um pequeno nível de segurança.

g. Suprimento por via aérea

(1) o suprimento por via aérea é indicado nas situações que se seguem:

(a) transposição de obstáculos naturais de vulto;

(b) operações profundas que exijam grandes e rápidos deslocamentos de unidades;

(c) inexistência de uma rede adequada de estradas, para suportar a tonelagem necessária;

(d) restrição na utilização dos meios de transporte terrestre;

(e) interdição ou destruição das estradas pelo inimigo;

(f) isolamento de tropas amigas e suprimento de artigos indispensáveis ou perecíveis, quando a rapidez é essencial.

(2) As aeronaves normalmente empregadas na execução do suprimento são aviões e helicópteros de carga.

(3) Os processos de desembarque de suprimento são:

(a) descarregamento;

(b) lançamento com pára-quedas;

(c) lançamento em queda-livre.

CAPÍTULO 5

PELOTÃO DE TRANSPORTE

5-1. MISSÃO

a. Transportar a reserva orgânica da GU de suprimentos das classes I, II, III e de outras classes e apoiar o Pel Sup no transporte de suprimentos para as unidades apoiadas.

b. Prestar limitado apoio de transporte de pessoal e material.

5-2. ORGANIZAÇÃO E ATRIBUIÇÕES

a. Organizar-se em um grupo de comando (Gp Cmdo), uma seção leve de transporte (Sec L Trnp) e uma seção média de transporte (Sec Me Trnp).

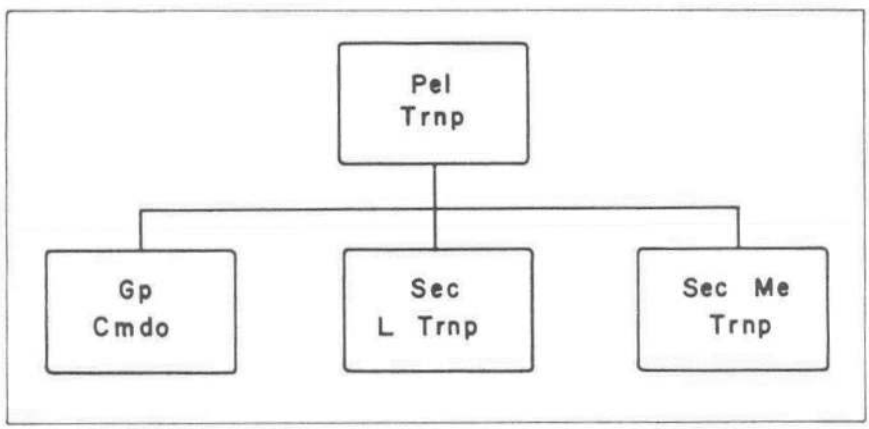


Fig 5–1. Pelotão de transporte

b. O Cmt Pel é o responsável pela execução dos transportes, cabendo ao Cmt Cia Int, como Of Trnp GU, o planejamento do emprego dos meios, segundo as diretrizes do Esc Sp.

c. O Pel Trnp opera, quase sempre, com a maioria de seus meios na A Ap Log.

d. Cabe à Sec L Trnp apoiar o Pel Sup, com suas viaturas, nas atividades de recebimento e distribuição de suprimentos para todos os elementos orgânicos da GU.

e. À seção média de transporte está afeta a responsabilidade de transporte da reserva orgânica da GU de suprimentos das classes I, II, III e outras classes.

5-3. OPERAÇÕES DE TRANSPORTE

a. **Planejamento**

(1) As necessidades diárias de transporte de uma GU variam, particularmente, em função da situação tática, efetivos existentes, das características e condições das estradas, das distâncias a percorrer e do tempo disponível para a operação.

(2) O planejamento dos transportes no âmbito da GU cabe ao E4 com o assessoramento do Cmt B Log e do Cmt Cia Int.

(3) Para esse planejamento, o E4 considera os meios de transporte das unidades da GU e os meios do escalão superior, postos em reforço. Do B Log, considera apenas os meios da Sec L Trnp do Pel Trnp da Cia Int. Entretanto, suas viaturas são usualmente empregadas nas operações de transporte de suprimentos dos P Sup escalão superior para os P Distr A Ap Log e, em apoio ao Pel Sup, no transporte de suprimentos para as unidades apoiadas. Em conseqüência, e, particularmente, durante os deslocamentos da GU, suas disponibilidades são insuficientes para, a um só tempo, manter as operações de suprimento e reforçar os meios orgânicos das unidades para o transporte de pessoal. Por essa razão, é normal a Cia Int receber reforço em transporte do escalão superior, nessas ocasiões.

(4) De acordo com as diretrizes estabelecidas pelo E4, o Cmt Cia Int elabora o planejamento dos transportes a realizar, considerando, ainda, os postos de controle de trânsito (P C Tran) da organização de polícia do exército (PE), colocados pela GU sob o controle operacional do B Log.

(5) O Cmt Pel Trnp executa as atividades de transporte conforme o planejamento elaborado.

(6) O oficial de transporte necessita conhecer as disponibilidades de transporte, de todas as unidades da GU. A situação da disponibilidade é elemento básido e indispensável na preparação do plano de emprego integrado dos meios da GU.

(7) O E4 controla a disponibilidade das unidades da GU, através do mapa de viaturas. Este documento possibilita o controle da quantidade de viaturas a requisitar a cada unidade, segundo uma ordem de prioridade de utilização estabelecida.

(8) O Of Trnp atualiza seu mapa tomando por base os mapas de viaturas das unidades. Destes mapas, retira o número total de viaturas utilizáveis para o trans-

porte e, em seguida, faz a distribuição preliminar pelas prioridades, abatidas as viaturas indispensáveis dentro de cada unidade. Finalmente, há que considerar as exclusões determinadas pelo comando da GU.

(9) O Anexo G exemplifica um quadro de repartição dos meios de transporte.

b. Emprego dos meios de transporte

(1) O Of Trnp GU (Cmt Cia Int) planeja a distribuição e coordena o emprego das viaturas orgâncias nas missões de transporte sob a responsabilidade da Companhia.

(2) O comandante do Pel Trnp, de acordo com os planos, diretrizes e normas, distribui missões aos seus subordinados e dirige as operações de transporte.

(3) O transporte de suprimento, no âmbito da GU, constitui o principal emprego das viaturas operacionais da Cia.

(4) No planejamento e coordenação do emprego das viaturas operacionais, deve-se considerar, além do atendimento imediato das necessidades diárias de suprimento normal, a possibilidade de atendimento às missões específicas de transporte extraordinário de suprimento e de pessoal.

(5) Todos os pedidos normais de transporte são encaminhados à Cia Int através do B Log. Os pedidos devem ser atendidos procurando, sempre que possível, empregar as viaturas operacionais como um todo, a fim de obter eficiência e melhor aproveitamento dos meios.

(6) Os motoristas devem ser preparados para operar em comboios ou isoladamente, dependendo da natureza da missão. São sempre acompanhados por um auxiliar que com eles colabora no desempenho de suas atribuições.

(7) O Pel Trnp fornece transporte para carga em geral, combustível e, eventualmente, para pessoal. Seu pessoal e material devem estar em condições de transportar qualquer classe de suprimento, em qualquer ocasião, para qualquer lugar determinado.

(8) As viaturas da Sec L Trnp são, normalmente, empregadas no transporte de suprimentos.

(9) As Vtr e Rbq da Sec Me são empregadas no transporte de carga em melhores condições de economia que o realizado com equipamento mais leve; as Vtr e Rbq cisterna são adequadas para o transporte e distribuição em grosso de combustíveis; as viaturas não especializadas são empregadas, prioritariamente, no transporte de grandes quantidades de suprimentos. Por essas peculiaridades, a Sec Me Trnp transporta a reserva orgânica de suprimentos de classes I, II, III e outras classes.

(10) Antes de deslocar um reboque da Sec Me Trnp o Cmt Pel deve ter certeza, através de reconhecimento, de que o leito da estradas suporta o peso, as árvores ou outros obstáculos não interferirão no movimento e o terreno, pontes e túneis poderão ser utilizados.

(11) Qualquer operação de transporte, para ser bem sucedida, requer planejamento. As informações necessárias devem ser obtidas com o escalão

superior, colhidas em carta e através de reconhecimento no terreno. Nas cartas são verificadas a localização dos itinerários, das cidades, dos entroncamentos e as distâncias. O reconhecimento no terreno é exigido quando as estradas são desconhecidas. Não se deve prescindir do reconhecimento sempre que for possível realizá-lo.

(12) A organização e a formação de marcha de um comboio dependem do número e tipos das viaturas empregadas, das condições do tráfego e da situação tática em que elas vão operar. A coluna cerrada não permite uma dispersão adequada e seu emprego ideal se limita à zona de administração ou nos movimentos noturnos sem luzes, quando as viaturas devem manter contato cerrado. A infiltração é apropriada para movimentos diurnos na zona de combate, em particular, em número pequeno para operar eficientemente sob controle mínimo. A coluna aberta proporciona menos tempo de escoamento que a infiltração e maior dispersão que a coluna cerrada. Pela facilidade de controle e de segurança a coluna aberta é geralmente usada na zona de combate e nos movimentos noturnos com luzes.

(13) O controle de marcha é indispensável para assegurar a progressão do comboio, manter a dispersão e a segurança adequadas e garantir a manutenção, bem como a proteção contra a ação do inimigo. Antes do início de qualquer movimento, o comandante do comboio deve resumir para o pessoal participante, a missão, o itinerário e outros pormenores sobre as condições das estradas a serem utilizadas. O pessoal deve receber gráficos de itinerários ou de marcha, se possível.

(14) O comandante de comboio é responsável pelas medidas de proteção quando isto não for feito pelo escalão superior. O planejamento da proteção do comboio deve ser feito antes do movimento e apoiado em informações do pessoal que realiza o reconhecimento. O procedimento em caso de ataque deve ser perfeitamente compreendido pelo pessoal participante antes de iniciado o movimento.

(15) Os pormenores sobre o planejamento e a conduta nas marchas motorizadas, constam do manual **C 25-10 Transportes Motorizados.**

CAPÍTULO 6

PELOTÃO DE SERVIÇOS

6–1. MISSÃO

Prestar apoio de banho e lavanderia no âmbito da GU.

6–2. ORGANIZAÇÃO E ATRIBUIÇÕES

a. O pelotão de serviços (Pel Sv) conta em sua organização com um grupo de comando (Gp Cmdo), uma seção de banho (Sec Ban) e uma seção de lavanderia (Sec Lav).

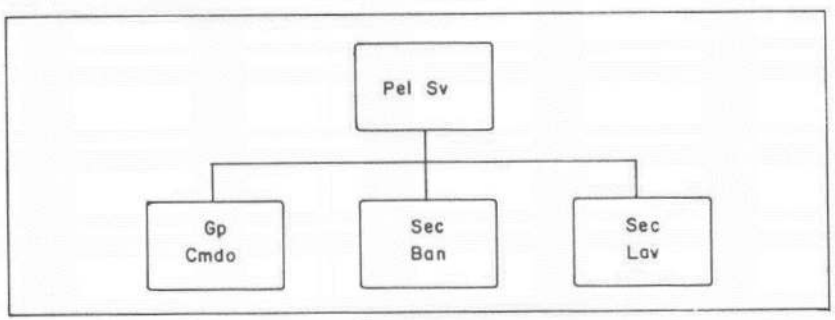


Fig 6–1. Pelotão de serviços

b. O Pel Sv desdobra na A Ap Log suas Sec Ban e Sec Lav, podendo instalar e operar até dois postos de banho (P Ban), um posto de lavanderia (P Lav).

c. Quando da abertura de uma SA Ap Log, o Pel Sv pode desdobrar um P Ban nessa subárea.

6–3. A SEÇÃO DE BANHO

a. Missão – Prestar serviço de banho e distribuir uniforme limpo à tropa, mediante troca.

b. Organização

(1) A Sec Ban é composta de duas unidades de banho (U Ban). Cada U Ban pode instalar e operar um P Ban.

(2) A unidade de banho constitui-se de uma bomba de sucção e recalque acionada por um motor à gasolina, de uma tubulação onde são adaptados 24 chuveiros. Um aquecedor, equipado com queimador de combustível, caldeira e permutadores de calor, completam a U Ban. Todo o equipamento é montado em um Rbq E 1 t com 2 rodas.

(3) Além das U Ban, a seção dispõe de barracas que são montadas para o pessoal despir-se, tomar banho de chuveiro, trocar o fardamento, e, também, para a estocagem de material. Durante o tempo frio são usados aquecedores de barraca. As barracas devem ter dimensões adequadas às diversas finalidades.

(4) Cada U Ban pode banhar 24 homens a cada 8 minutos. Essas possibilidades de apoio à GU são bastante limitadas, em conseqüência, é normal a Sec Ban ser apoiada pelo Esc Sp, particularmente quando se necessita fornecer banho à GU em apenas uma jornada.

(5) A manutenção dos equipamentos deve ser executada diariamente após o encerramento dos trabalhos.

c. Localização

(1) Os elementos de banho normalmente se desdobram na A Ap Log para prestar seus serviços em apoio ao conjunto. Entretanto, podem desdobrar-se na ATE de uma unidade, em apoio direto.

(2) A organização de uma instalação de banho depende da área disponível, do número de equipes que vão operar o posto e das condições meteorológicas. Uma área com cerca de $90m^2$ é suficiente, a menos que o P Ban seja operado em conjunto com elementos de lavanderia ou que um sistema de troca de roupa seja empregado. No inverno e estações chuvosas pode ser necessário maior espaço, tendo em vista proporcionar conforto maior à tropa com a utilização de maior número de barracas.

(3) Na montagem dos P Ban devem ser observados os seguintes aspectos:

(a) localização tão próxima quanto possível da fonte de suprimento de água;

(b) boa ligação com a EPS, com facilidade de acesso e disponibilidades de cobertas e abrigos;

(c) possibilidade da água servida ser descarregada a jusante do ponto de captação;

(d) possibilidade de colocação de estrados sob os chuveiros;

(e) utilização de passadeiras de lonas para manter os homens em fila e facilitar o deslocamento no interior do P Ban.

d. Desdobramento dos meios

(1) A seção desdobra seus meios para prestar o apoio sempre que a situação tática o permitir.

(2) Quando houver disponibilidade de mais de uma equipe, o apoio pode ser prestado de vários locais dependendo da missão específica e da localização das tropas apoiadas. O emprego grupado das equipes permite supervisão e controle cerrados, assegura continuidade das operações em caso de defeitos mecânicos do equipamento e reduz o tempo de operações. A operação descentralizada das equipes de banho permite maior mobilidade e apoio mais cerrado às unidades mais afastadas.

(3) A instalação de um P Ban, juntamente com a unidade de Lavanderia e elementos de suprimento de Classe II, permitem o apoio completo e melhor aproveitamento do equipamento.

e. Operações

(1) o estabelecimento de horários de banho para as unidades apoiadas e uma cuidadosa coordenação facilitam as operações do P Ban.

(2) Todo o esforço deve ser feito para proporcionar apoio ao efetivo total da GU. O aproveitamento máximo do equipamento e do pessoal é muitas vezes exigidos na ZC para o cumprimento da missão.

(3) O maior rendimento das equipes é obtido quando as condições de tempo são boas e a operação se efetua ao ar livre. Nestas circunstâncias, cada unidade de banho pode apoiar 24 homens em cada 8 minutos, em turnos de 8 ou até 10 horas de trabalho. Sob tempo frio, com a utilização de barracas, o rendimento é menor e varia em função do dispositivo e do equipamento empregado.

(4) Os homens, reunidos junto às instalações de banho, são separados em grupo de 8 ou múltiplos de 8, conforme o número de P Ban em operação.

(5) Na área própria os homens se despem, e a roupa suja ou contaminada é reunida para lavagem, para descontaminação ou destruição. A guarda dos objetos pessoais é feita por homens das unidades apoiadas. Os homens, em grupos, são, em seguida, encaminhados aos chuveiros designados. Se houver troca de peças de uniforme, os homens são, ainda, encaminhados à barraca de distribuição do fardamento onde recebem uniforme limpo.

f. Registro e Relatórios

(1) A Seção de Banho deve manter atualizados os registros e relatórios referentes às suas tarefas.

(2) Esses documentos devem conter:

(a) o número de banhos realizados;

(b) o número de horas de trabalho;

(c) a quantidade de suprimento empregado, bem como os estoques na seção;

(d) relação do suprimento sobressalente ou ferramentas em situação crítica;

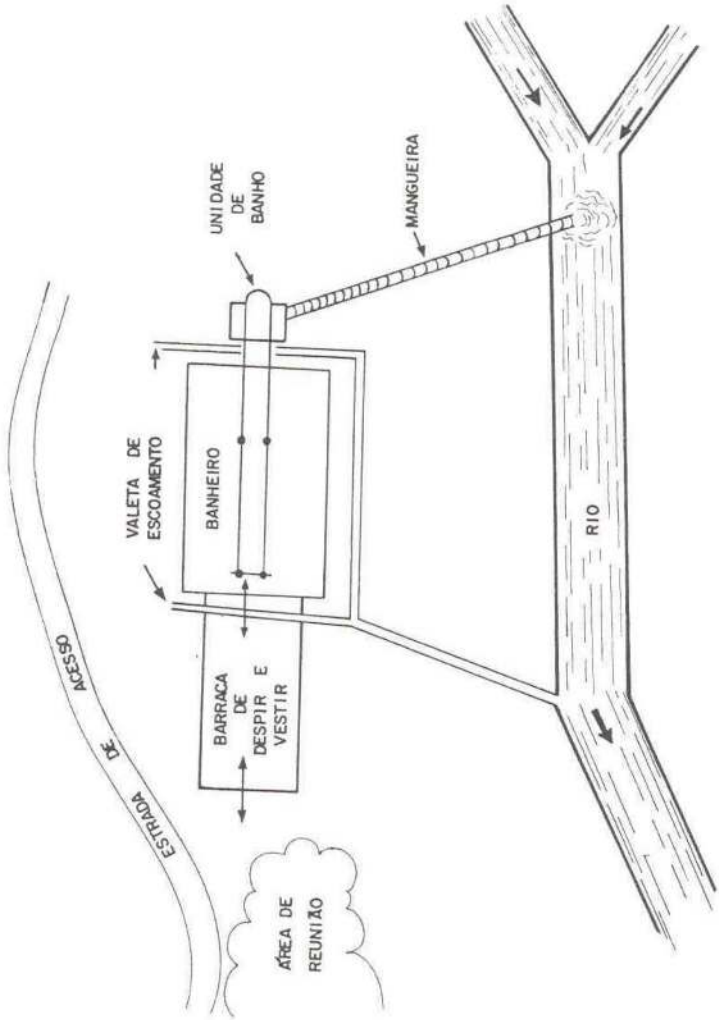


Fig 6–2. Instalação de um P Ban com uma unidade e duas barracas

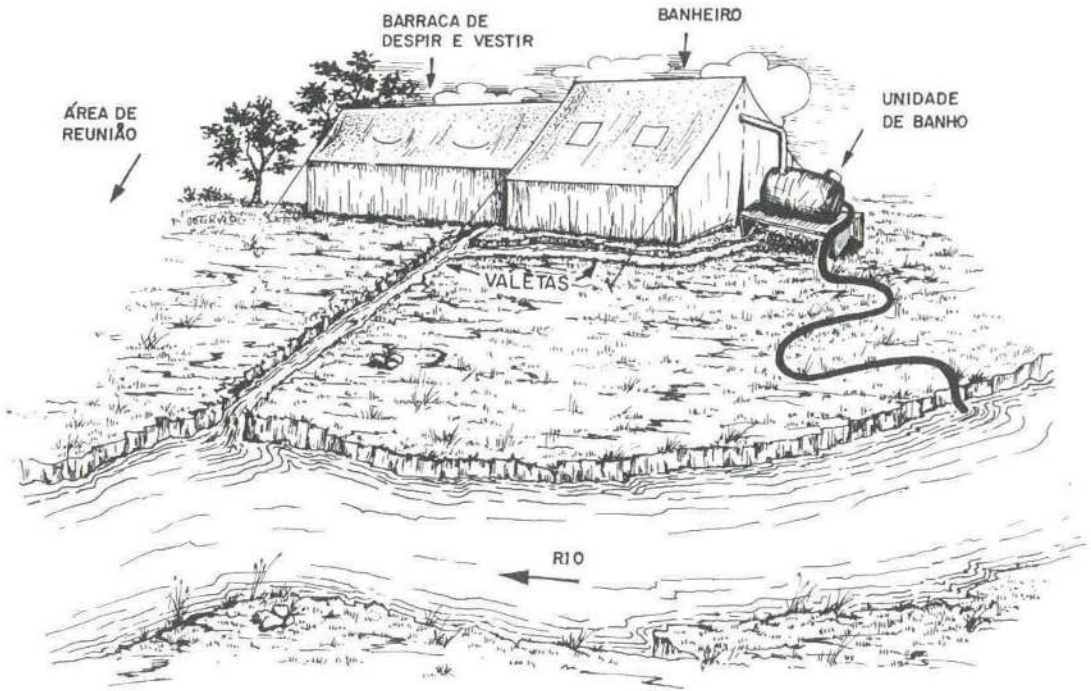


Fig 6–3. Instalação de um P Ban com uma unidade e duas barracas

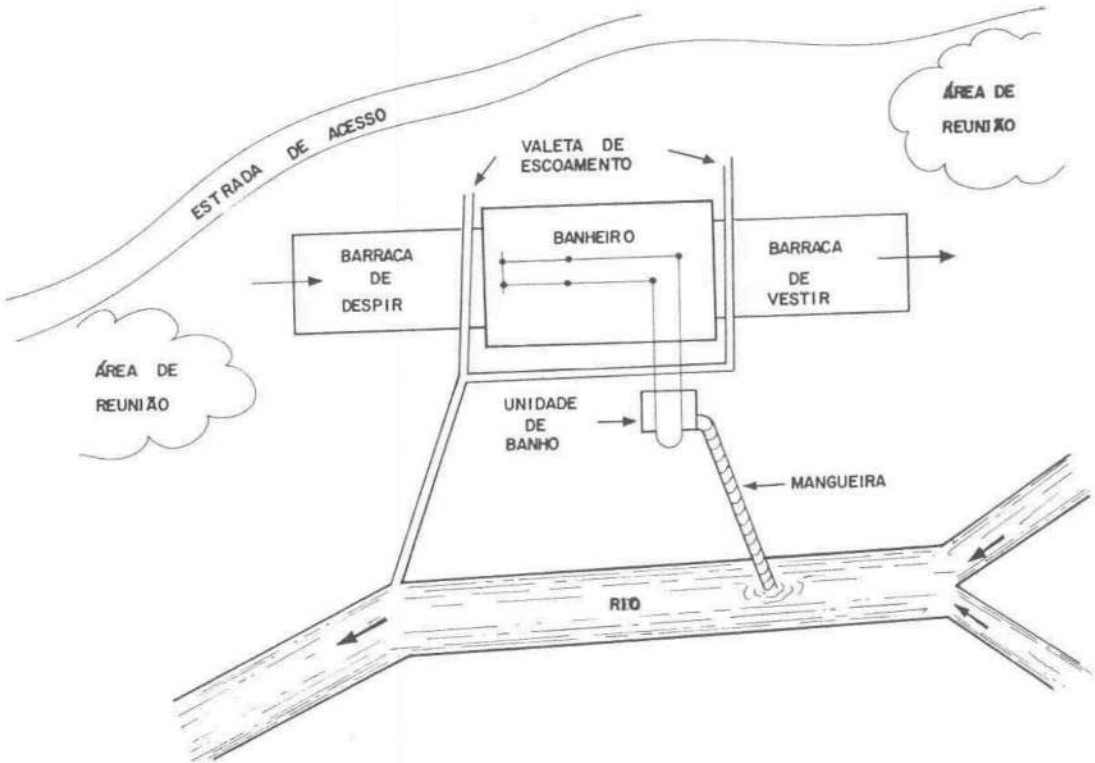


Fig 6–4. Instalação de um P Ban com uma unidade e três barracas

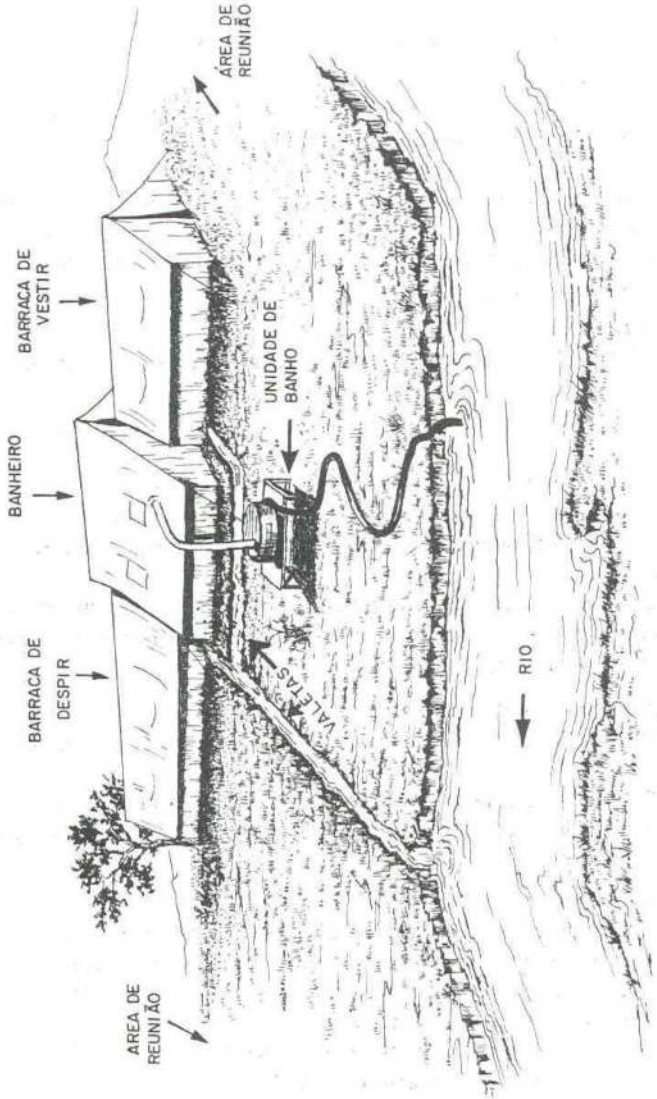


Fig 6–5. Instalação de um P Ban com uma unidade e três barracas

(e) informações sobre o funcionamento das instalações;
(f) calendário de banho.

6-4. A SEÇÃO DE LAVANDERIA

a. Missão – Prestar limitado apoio de lavanderia à tropa da GU.

b. Organização

(1) As instalações de lavanderia da seção compreendem pessoal e material em condições de instalar e operar um P Lav.

(2) A unidade de lavanderia (U Lav) constitui-se de: um aquecedor de água, um lavador, um secador, um grupo gerador, bomba para água e mangueiras. Todo o equipamento é montado em 2 Rbq E 1 t com 2 rodas. A instalação dispõe de barracas que são utilizadas para abrigar o equipamento, para receber e processar as peças para lavagem, e ainda, para armazenar as peças lavadas e os suprimentos.

c. Localização

(1) Os requisitos básicos para a organização de uma instalação de lavanderia são:

(a) localização tão próxima quanto possível da fonte de suprimento de água;
(b) abundância de suprimento de água limpa;
(c) boa ligação com a EPS e facilidade de acessos;
(d) possibilidade da água servida ser descarregada à jusante do ponto de captação.

(2) Como as U Lav operam habitualmente sob barracas, os locais devem proporcionar a proteção necessária, o solo deve ser bem drenado e consistente para suportar o peso do equipamento.

d. Desdobramento dos meios

(1) a seção desdobra seus meios para prestar o apoio sempre que a situação tática o permitir.

(2) Conta com pessoal e equipamento para instalar e operar um P Lav. Esta instalação opera, normalmente, na A Ap Log, em apoio ao conjunto. Pode estar acoplada ao P Ban.

e. Operações

(1) Tendo em vista evitar que a capacidade dos elementos seja superada, quer por meio de pedidos imprevistos, quer pela falta de meios adequados ou outras exigências da situação tática, o comando da GU deve estabelecer uma ordem de prioridade para a execução do serviço.

(2) Normalmente são estabelecidas as seguintes prioridades:
(a) prioridade 1: material das OM do Sv Sau;
(b) prioridade 2: material das demais OM;
(c) prioridade 3: material salvado (uniformes e material de estacionamento).

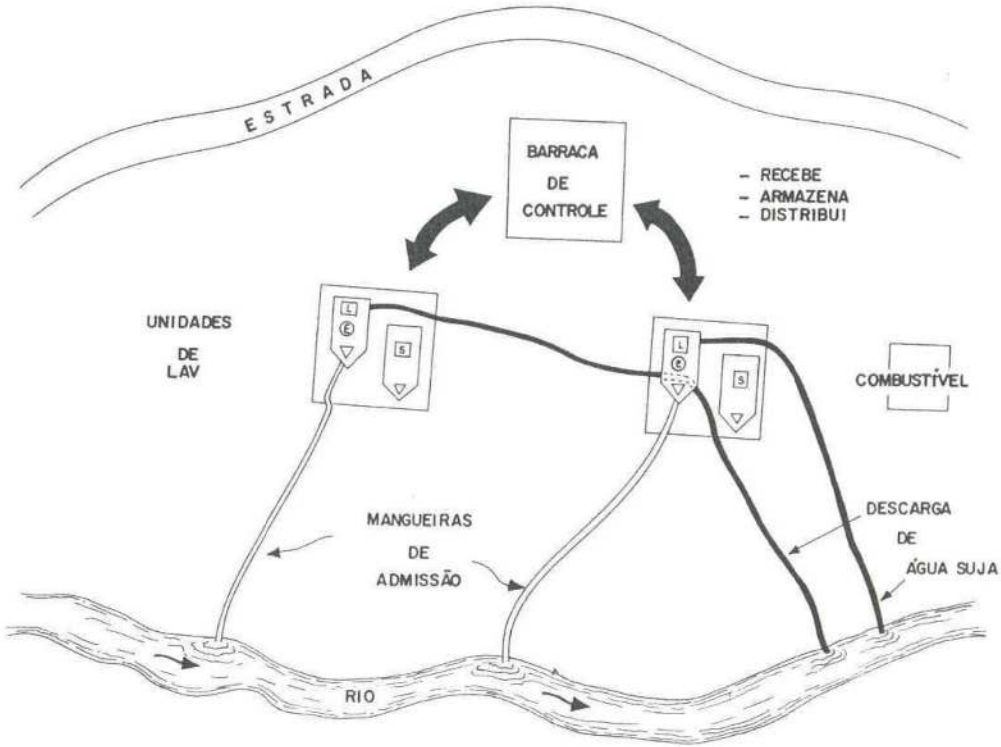


Fig 6–6. P Lav a 2 U Lav funcionando independentes

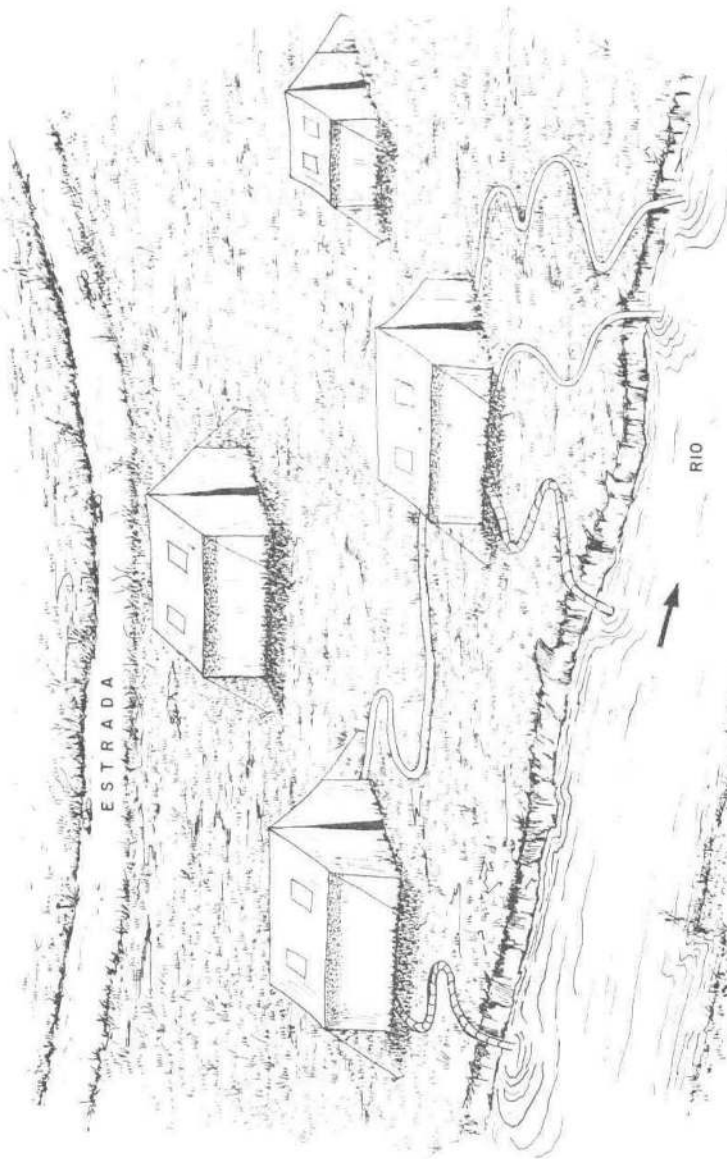


Fig 6–7. P Lav a 2 U Lav funcionando independentes

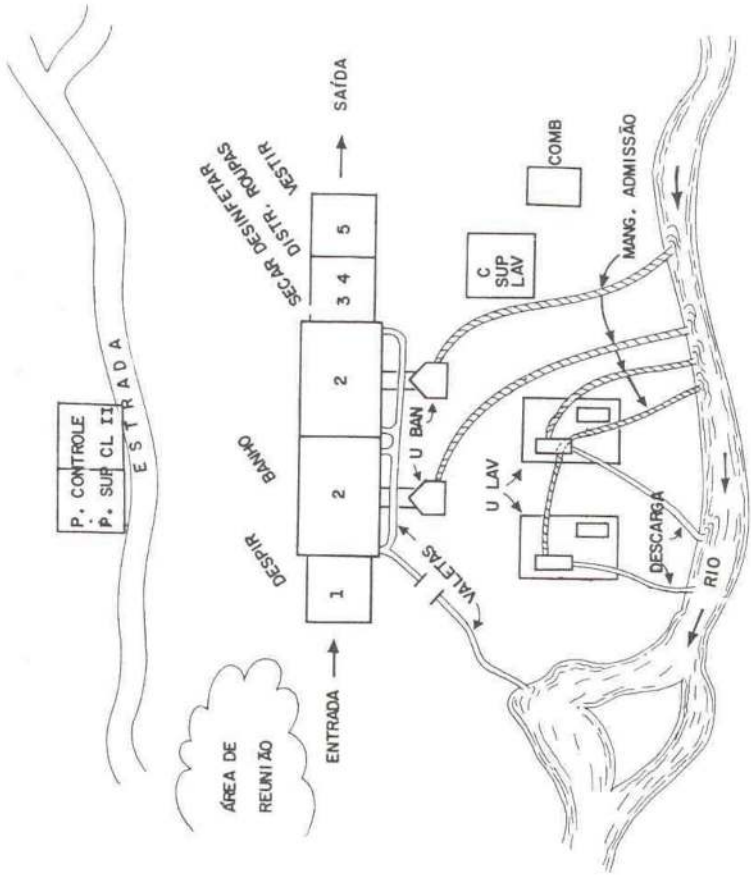


Fig 6–8. P Ban com P Lav (acoplados) com troca de fardamento

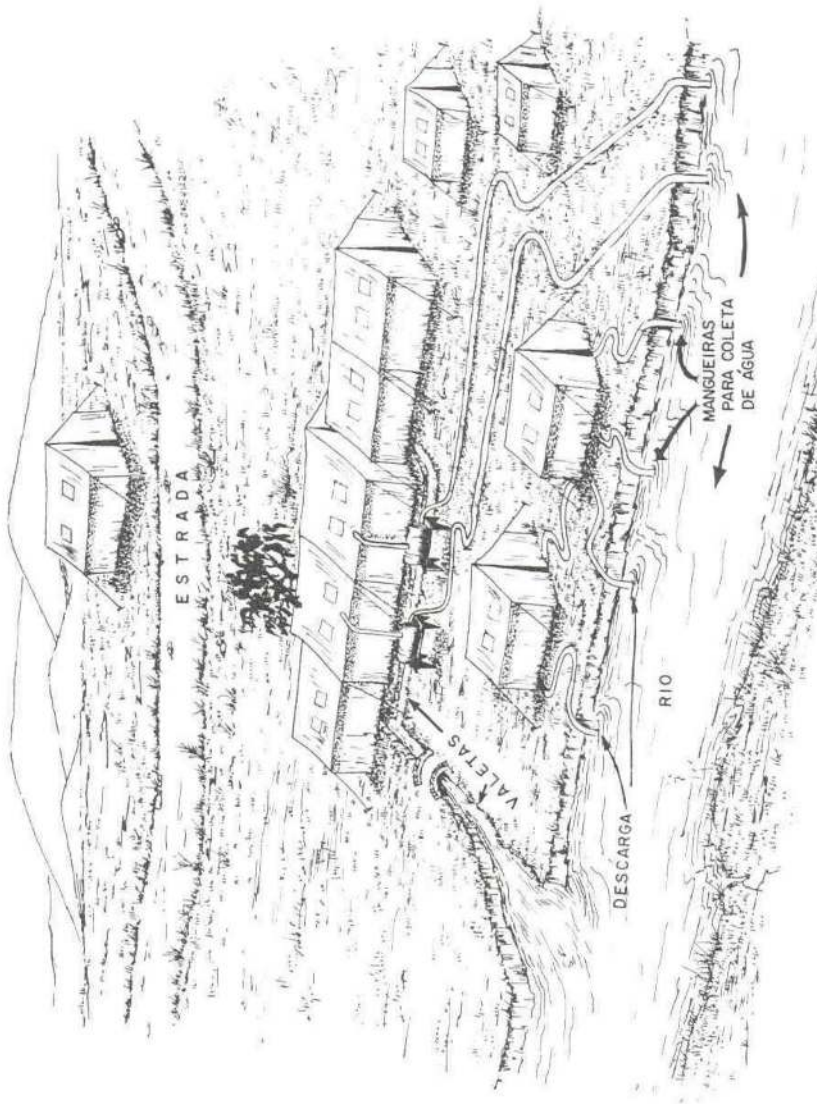


Fig 6–9. P Ban com P Lav (acoplados) com troca de roupa

(3) Eventualmente, o Esc Sp pode reforçar a Cia Int com Pel ou Sec Lav.

(4) As operações de lavanderia em reforço podem ser conduzidas descentralizadas ou em coordenação com os elementos da Cia Int. O processo de emprego é determinado pelo Cmt Cia, de acordo com as necessidades dos elementos apoiados.

(5) A seção pode realizar operações em conjunto com elementos de banho e do suprimento da Classe II, para estabelecer um sistema de troca de fardamento num P Ban. Nesta operação conjunta pode ser fornecida uma mudança completa de fardamento para um pequeno número de homens ou apenas muda parcial de peças escolhidas, tais como, roupa de baixo e meias, para um maior número de homens.

(6) A seção pode, ainda, empregar meios em operações combinadas com elementos de Cl II para possibilitar a utilização de material salvado disponível e diminuir o esforço da cadeia de suprimento.

(7) Os meios de lavanderia podem ser empregados em operações descentralizadas, em apoio direto às unidades da GU.

(8) A roupa suja é reunida em trouxas pelas unidades apoiadas e enviadas ao P Lav, no retorno das viaturas que transportam o suprimento diário. Após a lavagem o fardamento é recebido pelas unidades usuárias diretamente no P Lav ou ainda no P Distr outras classes conforme a conveniência do serviço. O apoio às unidades obedece a uma programação previamente determinada.

(9) A roupa enviada ao P Lav deve ser devidamente marcada pelas unidades.

(10) Quando a instalação de lavanderia estiver realizando lavagem em grosso para troca de uniformes ou em operações de salvados, o material é recebido por estimativa de peso, sem considerar discriminadamente o número de peças.

(11) Após a lavagem das trouxas das Unidades, a roupa deve ser arrumada por peças e feita uma recontagem para conferir com o recebimento. As trouxas devem ser etiquetadas para identificação.

(12) A roupa lavada que for recolhida à Res Org, deve ser separada por peça e classificada por tamanho a fim de facilitar a distribuição.

(13) A seção registra todo o trabalho e periodicamente apresenta, também, relatórios contendo informações sobre o apoio prestado, o número de U Lav em operação, horas de operação e quantidade de roupa lavada.

f. Registros e relatórios

(1) A seção deve manter atualizados os registros e relatórios referentes às suas tarefas.

(2) Esses documentos devem conter:

(a) quantidade de roupa lavada (em kg/dia ou homens/dia);

(b) número de horas de trabalho;

(c) quantidade de suprimentos empregados, bem como os estragos;

(d) relação dos suprimentos, sobressalentes ou ferramentas em condições críticas;

(e) informações relativas ao funcionamento das instalações.

CAPÍTULO 7

PELOTÃO DE SUPRIMENTO PELO AR DA Cia Int B Log Pqdt

7-1. MISSÃO

Realizar a preparação em terra e o lançamento de cargas leves e médias de aeronaves em vôo.

7-2. ORGANIZAÇÃO

O pelotão de suprimento pelo ar (Pel Sup Ar) é constituído de um grupo de comando (Gp Cmdo), de uma seção de preparação e lançamento de cargas leves (SPL/CL) e uma seção de preparação e lançamento de cargas médias (SPL/CM).

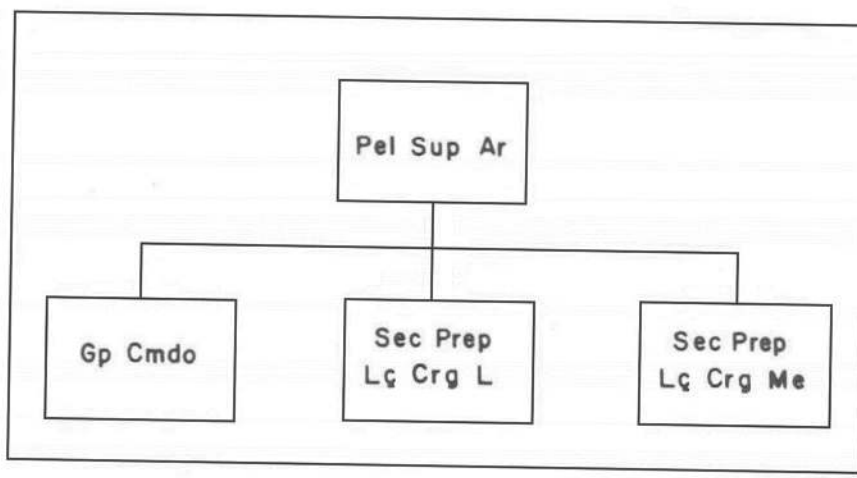


Fig 7–1. Pelotão de suprimento pelo ar.

7-3. ATRIBUIÇÕES

a. Receber, na área de aprestamento (A Apr), os suprimentos de todas as classes destinados à cabeça-de-ponte aérea C Pnt Aé da brigada.

b. Preparar os suprimentos em cargas leves e médias para o lançamento.

c. Realizar lançamentos de cargas leves em pacotes da série A com até 230 kg (500 lb).

d. Realizar lançamentos de cargas médias em pacotes da série A entre 230 kg e 1000 kg (500 lb e 2200 lb).

e. Ligar-se com a unidade de dobragem e manutenção de pára-quedas e suprimento pelo ar (Btl ou Cia DOMPSA) para fins de obtenção dos meios, em condições para os lançamentos.

7-4. EMPREGO

a. O pelotão, normalmente, opera com a maioria de seus meios no setor da Cia Int, na A Apr Bda, durante a maior parte da operação aeroterrestre, compondo o escalão recuado.

b. Após o recebimento dos suprimentos pelo Gp Cmdo, as seções preparam as cargas leves e médias sob sua responsabilidade, de acordo com os procedimentos estabelecidos pelos manuais específicos.

c. Carrega as aeronaves para o aerotransporte e lança os suprimentos no interior da cabeça-de-ponte, de acordo com o plano de movimento aéreo.

d. No escalão de assalto, o Pel lança em pára-quedas um elemento para estabelecer e manter ligações com os P Distr e com o P Col Slv. É o elemento avançado do Pel Sup Ar na cabeça-de-ponte aérea. Organiza um ponto de recebimento de suprimento e recolhimento de salvados (conjunto de equipamentos, pára-quedas e outros materiais), auxiliado por elementos daqueles postos e pelo elemento avançado da Cia (Btl) DOMPSA. Por ocasião dos lançamentos, esses elementos auxiliam as aeronaves em vôo na identificação das zonas de lançamento e informam sobre a localização das cargas. Para esse fim, utilizam-se dos meios rádio e painéis para as ligações com as aeronaves em vôo e dos meios rádio ou fio para com os P Distr.

e. No prosseguimento da missão, o Pel pode continuar com os lançamentos, em coordenação com a Cia (Btl) DOMPSA. A partir do momento em que haja consolidação das posições conquistadas e, havendo condições para pouso de aeronaves, o Pel passa a operar junto ao campo de pouso, descarregando as aeronaves. Entretanto, isso não impede que cargas leves continuem a ser lançadas pelo Pel nas proximidades de tropa, em apoio direto. A evacuação de pessoal e material passa a ocorrer a partir dessa fase, através do emprego das aeronaves.

f. Por ocasião da retirada da C Pnt Aé, após a junção com outra GU, o Pel Sup Ar, com o efetivo disponível, desembarca na C Pnt, a fim de preparar cargas para a evacuação. Normalmente, essas cargas são os suprimentos ainda existentes nos diversos P Distr e equipamentos de pequeno porte.

7-5. MEIOS DO PELOTÃO

Dispõe o Pel Sup Ar de dotação de conjuntos de equipamentos variados para lançamento de cargas leves e médias. Os pacotes preparados com as cargas são identificados, seletivamente, por um conjunto alfa-numérico de acordo com catalogação estabelecida em manuais específicos.

CAPÍTULO 8

ESTUDOS DE SITUAÇÃO E PLANEJAMENTO

8-1. GENERALIDADES

O Cmt Cia Int é membro do EME/B Log e como tal participa do seu estudo de situação. Este estudo em nada difere dos estudos de situação de subunidades de qualquer natureza. Entretanto, é revestido de algumas características especiais, função de sua própria finalidade.

8-2. ESTUDO DE SITUAÇÃO

a. No estudo de situação o Cmt Cia Int deve levar em consideração alguns aspectos básicos:

(1) A missão do B Log no tocante aos Sup Cl I, III e produtos acabados de outras classes, aos transportes e aos serviços de banho e lavanderia.

(2) O apoio às diversas linhas de ação montadas pelo EM/B Log.

(3) A comparação entre as necessidades e disponibilidades de suprimentos, transporte e serviços que, como conseqüência, identificarão as possíveis restrições.

(4) A solução para os problemas e restrições surgidas na comparação das necessidades com as disponibilidades.

b. Após a decisão do Cmt B Log, o Cmt Cia Int dedica seu estudo à linha de ação adotada. Nesta fase ficam definidas as seguintes ações:

(1) os processos de apoio a serem adotados, inclusive quando for o caso, a utilização de processos especiais de suprimento;

(2) a localização da Cia Int dentro do espaço a ser ocupado pelo B Log (A Ap Log).

8-3. PLANEJAMENTO

a. O estudo de situação é um processo lógico e continuado de raciocínio pelo qual um comandante considera todas as circunstâncias que possam interferir no cumprimento da missão. Para um Cmt SU Int o estudo é breve e simples; repousa na decisão do Cmt B Log, nas informações disponíveis e no reconhecimento pessoal ou de seus elementos subordinados.

b. Ao receber a ordem preparatória o Cmt toma as medidas preliminares que se seguem:

(1) estudo minucioso na carta, a fim de planejar seu reconhecimento, particularmente no que se refere ao setor a ser ocupado pela Cia e aos eixos de suprimento;

(2) designação da turma de reconhecimento e expedição das instruções necessárias. O reconhecimento deve abranger:

(a) ligações com elementos de segurança, a fim de obter informações sobre as atividades do inimigo, particularmente sobre guerrilheiros e a força aérea;

(b) escolha dos locais das instalações da Cia no setor selecionado pelo batalhão e dos caminhamentos no seu interior, que se constituirão na rede de circulação interna;

(c) verificação do estado das estradas selecionadas para as atividades de suprimento e seleção de estradas alternativas;

(d) verificação e balizamento dos itinerários da Z Reu ou da antiga A Ap Log até as instalações escolhidas na nova área;

(e) levantamento dos trabalhos específicos de engenharia, tanto no interior do setor de apoio quanto nos locais das instalações de elementos postos em apoio direto (se for o caso), como também sobre os eixos de suprimento e evacuação.

c. Após completar o reconhecimento e o estudo da situação, o Cmt decide como empregar seus meios elaborando seu plano de apoio e expedindo missões aos seus elementos subordinados.

d. A situação, normalmente, permite que o Cmt reúna seus comandantes de pelotão para conhecimento da ordem de operações do batalhão, proporcionando orientação geral, antes da expedição de suas ordens. Se isso não for possível, o Cmt expede ordens particulares, transmitidas mediante contato pessoal, através de agentes de ligação, por telefone ou mensageiro. As ordens devem ser claras, precisas e consisas.

e. A seqüência para o estudo de situação é a constante do anexo A — MEMENTO DE ESTUDO DE SITUAÇÃO DO COMANDANTE DA COMPANHIA.

CAPÍTULO 9

DESDOBRAMENTO DA COMPANHIA

9-1. GENERALIDADES

a. O setor de desdobramento da Cia Int é o espaço físico, delimitado no interior da A Ap Log B Log, onde se dispõem, ordenadamente, todas as suas instalações, de forma a lhe dar condições de prestar apoio às unidades da GU.

b. A Cia Int está desdobrada quando suas instalações estão convenientemente dispostas no terreno e em condições de pleno funcionamento, além das comunicações e ligações estabelecidas.

c. O desdobramento da Cia é total quando todas as instalações estão desembarcadas, dispostas no terreno e em pleno funcionamento. O desdobramento é parcial quando a maioria das instalações ou uma parte delas estiver funcionando embarcada (sobre rodas).

d. O Cmt Cia é o responsável pelo desdobramento de sua subunidade. Um desdobramento adequado exige a observância de uma série de condicionantes, entre as quais se destacam:

(1) conhecimento da manobra da GU;
(2) diretriz do Cmt B Log;
(3) confronto das necessidades com as disponibilidades;
(4) reconhecimentos contínuos,
(5) previsão de mudança de área, visando a atender à continuidade do apoio às missões futuras;
(6) medidas de segurança.

e. O estabelecimento em NGA de normas para o desdobramento, possibilita maior rapidez dos trabalhos e simplificação das ordens aos subordinados.

f. A atribuição da localização do setor de desdobramento no interior da A Ap Log é do S3 do B Log com o assessoramento do Cmt Cia. A escolha do local exato das instalações é atribuição do Cmt Cia.

9-2. RECONHECIMENTO

a. A finalidade do reconhecimento é possibilitar o conhecimento da região de operações, do inimigo e das tropas amigas.

b. O Cmt Cia, normalmente, acompanha o segundo escalão de reconhecimento do B Log.

c. Como medida de segurança, o escalão de reconhecimento deve ter efetivo o estritamente necessário, utilizando uma quantidade mínima de viaturas.

d. Os prazos destinados ao reconhecimento devem incluir algumas horas de luz.

e. O Cmt Cia executa, com mais freqüência, o reconhecimento da EPS, de locais para desdobramento das instalações e de estradas de circulação interna.

f. Ao terminar um reconhecimento, o Cmt Cia deve apresentar um relatório ao Cmt B Log; o relatório pode ser verbal e complementado com um croquis de desdobramento.

g. Os trabalhos preparatórios para o reconhecimento são realizados com uma carta da região, mosaicos ou fotografia aérea, com o objetivo de orientar os elementos executantes sobre as ações que devem ser realizadas, tais como:

(1) determinação do escalão de reconhecimento (pessoal e material);
(2) medidas administrativas necessárias;
(3) regiões que devem ser reconhecidas;
(4) rede de estradas e cursos-de-água;
(5) prazo para conclusão;
(6) apresentação do relatório.

h. Normalmente, no escalão companhia não existe um plano de reconhecimento, os dados são fornecidos verbalmente ou através de uma ordem de reconhecimento, por escrito.

i. A organização e os procedimentos a serem adotados em um reconhecimento, devem constar da NGA da Cia. As ações a realizar em um reconhecimento podem ser alteradas em função da situação e de restrições impostas, particularmente, no que se refere à constituição do escalão de reconhecimento. Basicamente, o escalão pode ser assim constituído:

Elm Componentes	Transporte
– Cmt Cia Int – Cmt Pel Sup – Cmt Pel Sv – Guias	Vtr 1/4 t equipada c/Rd Vtr 3/4 t equipada c/Rd

j. Quando não houver premência de tempo, o reconhecimento poderá ser feito em dois escalões. Neste caso, o Cmt Cia determinará a composição dos escalões conforme julgar conveniente.

l. Sendo necessário realizar reconhecimentos simultâneos para a A Ap Log e SA Ap Log, o escalão destinado ao reconhecimento da SA Ap Log deve ser constituído por elementos dos Pel (S Cmt, Ch Sec etc). O S Cmt Cia não deve se deslocar para os reconhecimentos; permanece na atual área a fim de dar continuidade à missão de apoio.

m. Execução do reconhecimento – Normalmente, os integrantes do escalão de reconhecimento da Cia executam as tarefas que se seguem:

(1) Cmt da Cia

(a) identificar a área que lhe caberá no interior da A Ap Log selecionada pelo Esc Sp;

(b) dividir a área pelos seus Pel, Sec Cmdo e elementos em reforço;

(c) estabelecer o plano de segurança da Cia, particularmente no que se refere aos postos de vigilância;

(d) relacionar os trabalhos de engenharia a serem solicitados para melhoria da rede viária interna;

(f) estabelecer normas de circulação interna em seu setor, considerando todos os acessos disponíveis;

(g) relacionar os cursos-de-água em condições de utilização.

(2) Cmt Pel Sup

(a) auxiliar o Cmt Cia em seu reconhecimento;

(b) selecionar áreas para instalações de Cl I, Cl III e outras classes;

(c) selecionar área de estacionamento de Vtr;

(d) verificar a existência de áreas para manobras.

(3) Cmt Pel Trnp

(a) auxiliar o Cmt Cia em seu reconhecimento;

(b) selecionar área(s) de estacionamento para as Vtr do Pel;

(c) verificar existência de área (s) para manobras;

(d) levantar pontos críticos que possam influir na circulação.

(4) Cmt Pel Sv

(a) auxiliar o Cmt Cia em seu reconhecimento;

(b) selecionar as áreas de Ban à montante e de Lav à jusante do curso-de-água escolhido;

(c) selecionar a área para a instalação da unidade de panificação;

(d) levantar em croqui, as instalações do Pel.

9-3. DESLOCAMENTO DA COMPANHIA

a. Recebido o plano para a mudança da A Ap Log e o quadro de movimento regulando o deslocamento do batalhão, o comandante organiza sua subunidade para o movimento.

b. De acordo com o quadro de movimento, a subunidade desloca-se até o P Lib, ponto a partir do qual, orientada pelos seus guias, segue até o seu respectivo setor de desdobramento.

c. No caso da Cia receber ordem para se deslocar isoladamente, o próprio Cmt Cia elabora o quadro de movimento, baseado nas diretrizes e ordens emitidas pelo Esc Sp.

9-4. OCUPAÇÃO DO SETOR DE DESDOBRAMENTO

a. A ocupação do setor selecionado inicia-se após o deslocamento e a passagem no P Lib. Tantos guias quantos se fizerem necessários são colocados nos pontos de entrada de cada Pel e da Sec Cmdo, pelo destacamento precursor.

b. A área destinada ao desdobramento da subunidade deve:

(1) permitir a dispersão apropriada das viaturas, com abrigos adequados à proteção contra o inimigo terrestre e aéreo;

(2) ser suficientemente ampla para comportar todas as viaturas da Cia e, ainda, as viaturas de unidades apoiadas que se dirijam à área para receberem apoio em suprimento ou em serviços;

(3) comportar as instalações de suprimento e serviços de apoio à GU, as instalações da Sec Cmdo, barracas para alojamento de oficiais e praças e, ainda, espaço para manobra de viaturas.

e. No desdobramento dos meios da subunidade, devem ser levados em consideração os seguintes aspectos:

(1) Os locais descobertos devem ser evitados, salvo em operações de contraguerrilha rural e quando não houver possibilidade de atuação do inimigo aéreo. As vias de acesso às instalações não devem denunciar a localização exata das mesmas.

(2) Os bosques em terreno firme e possuindo estradas penetrantes, constituem bons locais para as instalações da Cia. Não deve deixar de ser considerado que florestas planas são de difícil drenagem e, em caso de chuvas prolongadas, transformam-se em lamaçais. Assim sendo, os bosques em encostas devem ser preferidos para o desdobramento.

(3) As instalações devem possuir fácil acesso à EPS, mas não devem ser localizadas exatamente sobre ela. Deve ser elaborado e divulgado um croqui da área, incluindo os serviços da Cia, a fim de que se possa evitar o congestionamento do trânsito no seu interior. Deve haver, pelo menos, uma entrada e uma saída de área, não coincidentes. A Fig. 9-1 mostra um desdobramento tipo da Cia Int.

(4) Sempre que possível devem ser aproveitadas edificações existentes na área, particularmente para as instalações de suprimento. A utilização das edificações depende:

(a) da existência de acessos para viaturas e de estradas que permitam o tráfego entre as edificações;

(b) da possibilidade de estocar suprimentos em seu interior;

(c) de não constituirem alvos compensadores para a artilharia inimiga;

(d) de facilitarem a localização por parte das unidades apoiadas.

9-5. MUDANÇA DE ÁREA NO DECORRER DO COMBATE

a. Para mudança de área no decorrer do combate, torna-se necessário um planejamento detalhado e contínuo, a fim de que uma instalação ou atividade logística permaneça fora de ação o menor tempo possível.

b. Antes da execução de qualquer operação, o Cmt Cia recebe do Cmt B Log um planejamento detalhado sobre a ocupação das áreas de apoio, consubstanciado em um calco de desdobramento. Baseado neste plano o Cmt Cia executa o seu reconhecimento.

c. Para cada área de apoio reconhecida o Cmt Cia elabora um plano de ocupação indicando a localização de todas as suas instalações e a rede de circulação interna.

d. No decorrer das operações, o batalhão executa contínuos reconhecimentos de prováveis áreas de desdobramento tendo em vista evolução da situação de combate. A medida que as distâncias de apoio aproximam-se dos limites máximos, os reconhecimentos complementares são intensificados, tendo em vista a iminência da mudança de área.

e. O processo a utilizar na mudança de área e a decisão do comandante da companhia, dependem das diretrizes e ordens recebidas do comandante do batalhão que, por sua vez, devem se basear no esquema de manobra da tropa apoiada, na situação tática e logística existentes, no terreno e nas atividades do inimigo. A companhia ocupa seu setor de desdobramento na A Ap Log, normalmente, à noite, sendo o reconhecimento e preparo do setor executados durante as horas de luz.

f. A companhia, sempre que possível, deve executar a mudança de área como um todo para maior facilidade de coordenação e controle.

g. Uma coordenação íntima entre o comandante e o subcomandante torna-se imprescindível quando a companhia deslocar-se por escalões (parte da companhia

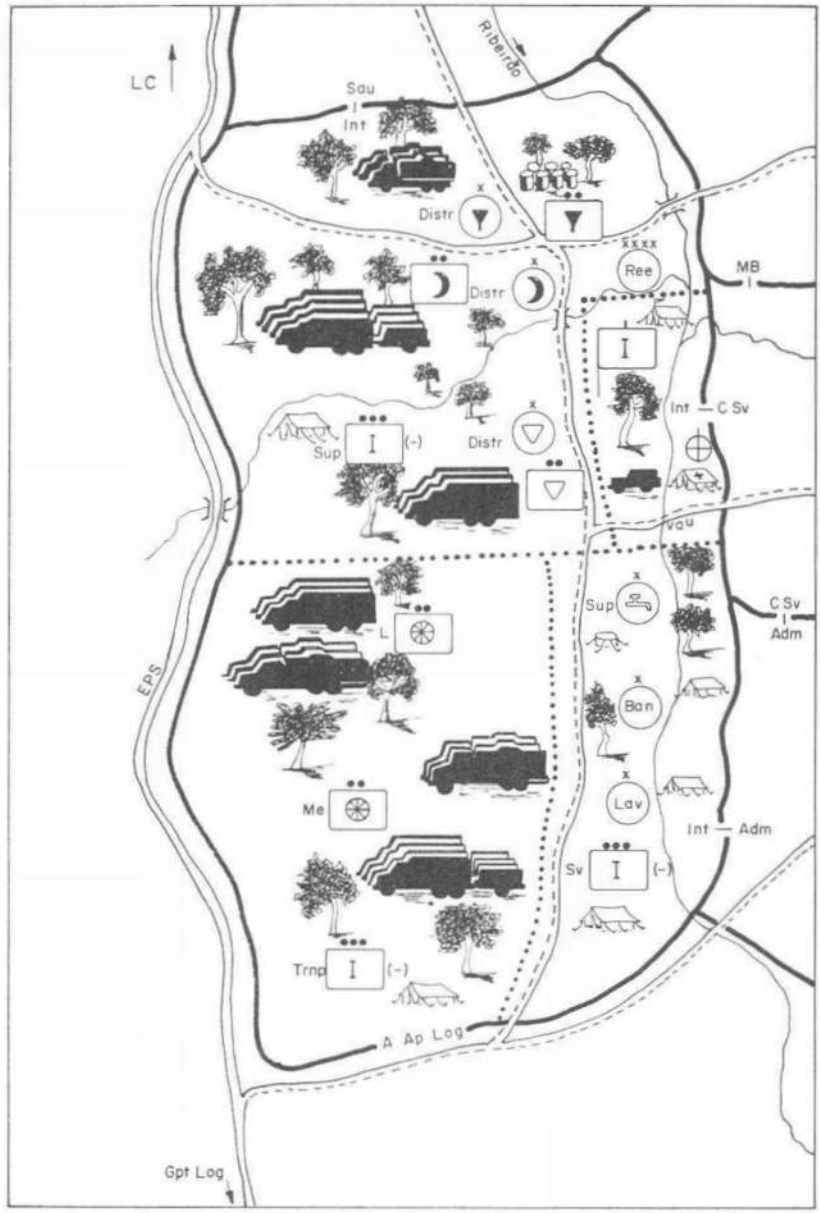


Fig 9–1. Desdobramento tipo da companhia de intendência no interior da área de apoio logístico.

continuando a apoiar na antiga área, por determinado tempo). Nesse caso, o comandante desloca-se para a nova área, a fim de coordenar e controlar a ocupação do setor enquanto o subcomandante permanece com o segundo escalão, orientando e dirigindo a execução das atividades logísticas em andamento, bem como o seu deslocamento para a nova área. Quando essa área entrar em operação, o Cmt Cia, utilizando os meios de comunicações adequados, determina o deslocamento do segundo escalão.

h. Durante as operações de mudança de área, as comunicações com o elemento apoiados e com os escalões táticos e logísticos superiores devem ser mantidas.

9-6. PLANO DE DESDOBRAMENTO DA COMPANHIA

a. O plano de desdobramento é um documento interno da companhia que tem por finalidade detalhar para os elementos subordinados a organização para o apoio. É preparado pelo comandante após o recebimento do plano de emprego do batalhão (manobra logística). São premissas fundamentais para o seu preparo:

(1) a manobra tática da GU;
(2) o plano de desdobramento do B Log;
(3) simplicidade;
(4) continuidade de apoio.

b. O plano da companhia é um documento gráfico, elaborado em papel transparente sobre a carta utilizada na operação. Deve ser sucinto, claro, preciso e objetivo, e conter, principalmente:

(1) cabeçalho e fecho;
(2) perímetro da A Ap Log do B Log com a divisão pelas companhias;
(3) indicação por símbolos dos locais do PC/Cia Int, P Distr Cl I, P Distr Cl III, P Distr O Cl, P Ban, P Lav, PC/Pel e outras instalações em reforço (se for o caso);
(4) rede viária interna da Cia;
(5) indicação do PC/Cmt B Log;
(6) a(s) EPS e pontos críticos do terreno;
(7) locais prováveis e futuras áreas de desdobramento;
(8) outras indicações julgadas necessárias.

CAPÍTULO 10

OPERAÇÕES OFENSIVAS

ARTIGO I

GENERALIDADES

10-1. TIPOS DE OPERAÇÕES OFENSIVAS

Os tipos de operações ofensivas, seus conceitos e considerações gerais sobre o planejamento e sua execução são estudados em manuais específicos. O presente capítulo trata apenas das peculiaridades de emprego da Cia Int na marcha para o combate, no ataque coordenado, no aproveitamento do êxito e perseguição, e no reconhecimento e segurança.

10-2. MEDIDAS ADMINISTRATIVAS

a. Os movimentos de tropa podem ser classificados em táticos e preparatórios ou administrativos.

b. Todos os movimentos, preparatórios ou táticos, exigem medidas administrativas. As medidas mais comuns a quaisquer tipos de movimentos são:

(1) a organização da tropa em grupamentos e unidades de marcha para explorar, ao máximo, os meios de transporte;

(2) a embalagem, a marcação e o carregamento do material;

(3) a reunião da tropa, o deslocamento desta até o meio de transporte e a designação dos lugares dos homens (plano de embarque);

(4) as prescrições para alimentação, cuidados médicos e repouso durante o deslocamento;

(5) a reunião da tropa e do material no ponto de destino.

c. Algumas medidas administrativas variam de acordo com os meios de transporte a utilizar. Seguem-se os pormenores peculiares aos diversos tipos de transporte, que devem ser observados pelo Cmt Cia em seu assessoramento ao Cmt B Log, como oficial de transportes da GU.

(1) Para os movimentos em rodovias:
- (a) a distribuição das viaturas;
- (b) as prioridades de deslocamentos;
- (c) a reunião e o embarque;
- (d) a escolha, o balizamento e a manutenção das estradas;
- (e) o controle do movimento e do trânsito;
- (f) o abastecimento e a manutenção das viaturas;
- (g) as zonas de estacionamento e de evacuação de feridos.

(2) Para os movimentos em ferrovias:
- (a) a organização dos documentos de embarque;
- (b) a determinação do número e do tipo de comboios e vagões;
- (c) o embarque do pessoal, do material e das viaturas;
- (d) o carregamento dos suprimentos especiais;
- (e) a ordem de urgência no embarque;
- (f) a escolha das zonas de embarque, de desembarque e de estacionamento;
- (g) o controle do trânsito e pontos de controle.

(3) Para os movimentos aéreos:
- (a) a designação de aviões para pessoal e material;
- (b) a embalagem e o carregamento dos suprimentos e das bagagens;
- (c) a escolha dos campos de embarque e desembarque, das zonas de estacionamento e do transporte até o campo de embarque;
- (d) a escolha de itinerários para deslocamento após o desembarque.

(4) Para os movimentos marítimos e fluviais:
- (a) a determinação do tipo e da capacidade dos meios de transporte a serem empregados;
- (b) a quantidade e o tipo de suprimento para acompanhar a tropa;
- (c) o processo de carregamento e arrumação no navio;
- (d) o deslocamento para os pontos de embarque;
- (e) o estacionamento das unidades nos pontos de embarque;
- (f) a utilização dos meios existentes no porto;
- (g) o plano de desembarque;
- (h) As provisões das unidades para as ações no porto.

d. O planejamento, a ordem para a sua execução e a conduta da marcha ficam sensivelmente facilitados pela adoção das normas gerais de ação.

e. A Cia Int usualmente desloca-se como um todo, formando um grupamento de marcha, nos movimentos administrativos realizados pelo B Log.

ARTIGO II

MARCHA PARA O COMBATE

10-3. GENERALIDADES

a. A marcha para o combate tem por finalidade estabelecer o contato com o inimigo ou restabelecê-lo, quando perdido. Desta forma há uma grande incerteza sobre o desenvolvimento das operações e é dada ênfase na rapidez, a fim de se chegar a determinada área do terreno, que ofereça vantagem marcante sobre o inimigo.

b. A Cia Int se desloca na coluna de marcha, adotando um dispositivo flexível estabelecido pelo Cmt B Log.

c. A execução do apoio é efetuado de acordo com um planejamento que contenha alternativas para atender às mudanças no dispositivo da GU.

d. O desdobramento dos meios do terreno é executado a medida que se for tornando necessário; o desdobramento prematuro pode prejudicar a continuidade de apoio.

e. O alongamento da distância de apoio e as mudanças freqüentes do dispositivo da GU dificultam a manutenção do fluxo de apoio. A distribuição de suprimento na unidade dependerá de muita coordenação. Poderão ser utilizados processos especiais de suprimento.

10-4. ARTICULAÇÃO E DESDOBRAMENTO

a. Para cumprir sua missão nas operações que dependem de movimentos rápidos e contínuos, a Cia Int fica sujeita a freqüentes deslocamentos para assegurar um apoio cerrado aos elementos da GU.

b. Na seleção das áreas para desdobramento dos meio do B Log, o E4 da GU e o Cmt Btl tomam como referência básica as linhas de controle determinadas para a operação da GU. Levam ainda, em consideração, os fatores **manobra, terreno, segurança** e **situação logística.** No fator segurança dispensam maior atenção às prováveis linhas de atuação do inimigo sobre as instalações e o fluxo de suprimento. Sendo constatado ser impraticável o apoio a toda a manobra de uma única área, buscam uma solução que não prejudique a continuidade do apoio.

c. A utilização de mais de um eixo para a progressão da GU, normalmente, implica na descentralização dos meios da Cia Int ou no desdobramento desses meios numa A Ap Log e uma SA Ap Log. Isso ocorre com mais freqüência, nas operações de reconhecimento e segurança e na ação retardadora.

d. A Z Reu GU, normalmente, constitui a A Ap Log inicial de onde a operação é apoiada pela Cia Int até próximo ao limite da distância máxima de apoio.

e. Antes que a distância máxima de apoio seja atingida a A Ap Log se desloca para uma posição mais a frente, de modo a assegurar o apoio cerrado a todas as unidades da GU.

f. A Cia Int se desloca por lanço como um todo, ou por escalões, conforme a situação tática indicar e seja de sua conveniência para manter a continuidade do apoio. No caso da descentralização da GU por mais de um eixo, a Cia Int (–) segue por aquele utilizado pela maioria dos meios da GU e destaca os elementos indispensáveis, para garantir o apoio cerrado às unidades lançadas pelos eixos secundários.

g. Na nova A Ap Log a Cia pode ou não desdobrar totalmente os seus meios no terreno. Se não for conveniente o desdobramento total a Cia fica em condições de pronto deslocamento, conservando-se sobre rodas. Dessa posição, presta o Ap Log até que, novamente, os elementos avançados da GU estejam próximos do limite da distância máxima de apoio. Então, outro deslocamento se torna impositivo.

h. Pode ser normal a localização da A Ap Log atrás do limite de retaguarda da GU, quando o mesmo estiver definido.

10-5. NECESSIDADES DE SUPRIMENTO, TRANSPORTE E SERVIÇOS

A marcha para o combate, sob o ponto de vista de apoio de intendência, se caracteriza por grande consumo de combustível, complexidade para as operações de transporte e redução nas de serviços.

a. Classe I

(1) As necessidades de Cl I para o consumo são as normais para o efetivo existente. A ração consumida, normalmente, é a R2 em virtude das dificuldades para o funcionamento das cozinhas.

(2) A RO, com base no efetivo previsto, deve ser recompletada antes do início da operação.

(3) A operação de transporte de Sup Cl I requer coordenação com as unidades apoiadas, em decorrência das constantes mudanças de posição dos seus trens.

b. Classe III

(1) O atendimento adequado e oportuno das necessidades de Cl III é fundamental para o êxito das operações móveis.

(2) O planejamento das necessidades é elaborado com base, principalmente, na profundidade e duração na missão.

(3) A Cia Int efetua o recebimento do Sup nas instalações do Esc Sp e o distribui às unidades em suas zonas de reunião (Z Reu) para que iniciem a operação com os reservatórios das viaturas cheios.

(4) Em face do movimento contínuo para a frente, torna-se impraticável a utilização do processo normal de **distribuição em instalação de suprimento**, princi-

palmente para as unidades avançadas. Em conseqüência, no decorrer da marcha para o combate, é normal a utilização do processo de **distribuição na unidade.** A Cia emprega os meios do Pel Sup, reforçados pelos meios da Sec L Trnp/Pel Trnp, para a execução do suprimento. O Esc Sp, pelas mesmas razões, pode, também, entregar o suprimento com os seus meios na A Ap Log da GU.

c. Outras classes – As necessidades para o consumo são pequenas, comparavelmente a outras operações. O recompletamento das dotações, se necessário, é feito antes de iniciada a operação propriamente dita. Ao seu término e antes que seja atribuída outra missão à GU, a Cia providenciará reposição do material consumido, danificado ou extraviado.

d. Transporte – O apoio de transporte de suprimento sob a responsabilidade da Cia é realizado de acordo com o plano de transporte e o plano de suprimento, elaborados pelo Cmt Cia.

e. Serviços

Os serviços de banho e lavanderia desenvolvem-se plenamente na Z Reu que constitui a base de partida para o início da operação. Durante a marcha, o movimento contínuo não permite sua realização. Por ocasião do término da operação os serviços são restabelecidos, a fim de recompor as condições sanitárias e o moral da tropa.

ARTIGO III

ATAQUE COORDENADO

10-6. GENERALIDADES

a. O ataque coordenado é uma ação planejada, destinada a destruir ou capturar o inimigo por uma combinação de fogo, movimento e combate aproximado. É minuciosamente planejado. Pode suceder à marcha para o combate, mas não obrigatoriamente.

b. É uma operação que se caracteriza pela conquista de objetivos sucessivos e progressão contínua.

c. O bom cumprimento da missão tem como implicação a centralização máxima dos meios e a coordenação dos esforços em uma direção decisiva visando a quebrar a resistência inimiga.

d. A concentração máxima dos meios da GU indica uma centralização no desdobramento da Cia Int. Isso, por sua vez, aumenta o rendimento dos trabalhos e, paralelamente, possibilita uma coordenação melhor.

e. O ataque, em princípio, exige a superioridade em pessoal e material. A reunião desses recursos e a manutenção do fluxo de apoio subseqüente se traduzem em

elevada tonelagem de suprimento, eficiente apoio de transporte e de serviços, daí a necessidade de hábil planejamento com vistas a atenuar a insuficiência dos meios disponíveis e a precariedade das vias de transportes.

f. A eficiência do Ap Log, essencial à tropa que ataca, é parcialmente obtida pelo desdobramento máximo e oportuno dos meios e pelo seu posicionamento cerrado aos elementos apoiados. A conquista sucessiva de objetivos em profundidade pode indicar mudanças de posição para que seja mantido o apoio cerrado à GU.

10-7. ARTICULAÇÃO E DESDOBRAMENTO

a. A seleção da(s) A Ap Log é efetuada com base no estudo da manobra, do terreno, da segurança e da situação logística. Quanto à manobra tática, é especialmente analisada pelo Cmt B Log a missão da GU como um todo e considerada a atitude do Esc Sp.

b. É ideal que a Cia Int possa, de um única posição, apoiar toda a manobra até a conquista dos objetivos finais. Nessas condições, uma posição o mais à frente possível evita mudança com a operação em curso, o que pode por em risco a continuidade do apoio. Considerando esse aspecto, o Cmt Cia assessora o estado-maior do batalhão por ocasião do planejamento para o apoio.

c. Quando a missão da GU for profunda e for impraticável apoiá-la de uma só posição, ainda na fase do planejamento são selecionadas outras posições com vistas aos objetivos mais afastados.

d. A melhor oportunidade para o B Log mudar de posição e cerrar o apoio, é após a conquista dos objetivos intermediários ou aproveitando-se de pequenas paradas no ritmo das operações da GU.

e. A Cia Int deve ocupar seu setor na A Ap Log inicial, desdobrar seus meios no terreno e organizar o apoio em tempo útil, para prestá-lo plenamente, antes do desembocar do ataque e assegurá-lo no prosseguimento da operação.

f. A mudança de uma A Ap Log para outra se faz, em princípio, em dois escalões. Elementos da Cia em primeiro escalão, se deslocam para a nova A Ap Log, a fim de instalar e operar os meios essenciais à garantia da continuidade do apoio. Logo que isso esteja caracterizado, as instalações logísticas recuadas são fechadas e a Cia Int (–), em segundo escalão, se desloca para a nova A Ap Log.

10-8. NECESSIDADES DE SUPRIMENTO, TRANSPORTES E SERVIÇOS

No ataque, o consumo de suprimento sofre variações em função das condições do terreno, da natureza da posição defensiva do inimigo e, particularmente, da natureza da GU empenhada (Bld, Mec, Mtz, etc). De um modo geral, há uma tendência para o aumento no consumo de combustível. Nas unidades Bld, há tendência, ainda, para aumento no consumo de munições.

a. Classe I

(1) O consumo de rações, quantitativamente, é normal. Contudo as unidades empenhadas diretamente no combate, utilizam-se da ração R2 para o consumo, devido à insegurança no funcionamento das cozinhas e na distribuição das rações preparadas. Alguns elementos dessas unidades podem ser autorizados a consumir a ração AE durante as fases críticas do ataque.

(2) A Cia, antes do desembocar do ataque, deve recompletar a reserva orgânica da GU, dos suprimentos sob a sua responsabilidade, inclusive a reserva orgânica desses suprimentos de cada unidade apoiada, a fim de evitar dificuldades, com eventuais interrupções no fluxo de suprimento.

b. Classe III

(1) A reserva orgânica de Sup Cl III pode variar em função da missão atribuída, do ambiente operacional e da natureza da GU (Mtz, Mec, Bld, etc).

(2) A Ro de cada escalão é estabelecida pelo seu escalão imediatamente superior. Uma Ro bem dimensionada permite segurança à GU e flexibilidade operacional à Cia. Uma reserva insuficiente obriga a continuados deslocamentos de viaturas cisternas da Cia Int entre o seu P Distr e o P Sup do Esc Sp.

(3) O suprimento é distribuído antes do desembocar do ataque de modo que as viaturas, tanto quanto possível, iniciem a operação com os reservatórios plenos e as unidades dotadas de uma reserva compatível. O ideal é que o COL distribuído atenda ao consumo das unidades até a conquista dos objetivos finais, evitando assim, o ressurgimento com a operação em curso. Caso isso não seja viável, deve-se realizar o ressuprimento após a conquista de objetivos intermediários.

(4) O processo normal de distribuição de suprimento empregado é o de **distribuição em instalação de suprimento,** através de um P Distr Cl III na A Ap Log. Eventualmente, a Cia emprega o processo da **distribuição na unidade,** evitando o deslocamento de cisterna das unidades para a retaguarda.

c. Outras classes – Fardamento e equipamentos diversos, de um modo geral, não apresentam grandes consumos. Contudo, as GU Mec e Bld, pelas características próprias e pelo ritmo das operações em que são empregadas, apresentam maior consumo de suprimento e desgaste dos equipamentos. A reposição do material, em princípio, é feita no final de missão.

d. Transporte – O apoio de transporte de suprimento, é feito com base no plano de trasporte e no plano de suprimento, elaborados pelo Cmt Cia. Contudo sua execução depende de um sistemático acompanhamento das mudanças de posições dos trens das unidades apoiadas, de forma a possibilitar que o suprimento possa ser distribuído com precisão e oportunidade. O consumo acentuado de Sup Cl V (munição) nas GU Mec e Bld pode exigir da Cia Int necessidade de participar do seu transporte e distribuição nas ATE das unidades apoiadas.

e. Serviços – O apoio de banho e lavanderia é efetuado antes do início do

ataque da GU e, particularmente, ao seu término, quando os uniformes limpos restituem as condições de asseio da tropa.

ARTIGO IV

APROVEITAMENTO DO ÊXITO E PERSEGUIÇÃO

10-9. GENERALIDADES

a. O aproveitamento do êxito visa a explorar o sucesso obtido por um ataque coordenado e, seu desencadeamento, ocorre quando se configura a desorganização da defesa do inimigo e seu conseqüente retraimento. Caracteriza-se pela execução descentralizada, o que traz reflexos para o apoio logístico.

b. A perseguição segue-se à operação de aproveitamento do êxito, sendo difícil, normalmente, estabelecer-se um marco divisório entre as duas operações. Ela inicia quando o inimigo, em seu retraimento, passa a abandonar o material e a retirar-se do campo de batalha desordenadamente. Para o escalão de ataque há um aumento considerável na velocidade de progressão, trazendo reflexos para os elementos de apoio, que realizam um maior esforço para manter o fluxo de suprimento. A evacuação cresce de intensidade no que se refere ao material inimigo capturado.

c. No aproveitamento do êxito e na perseguição, o apoio da companhia reveste-se de aspectos semelhantes aos abordados na marcha para o combate.

d. O consumo dos suprimentos da classe III é elevado, exigindo um planejamento cuidadoso e uma previsão o mais precisa possível. A segurança dos elementos de suprimentos e de transportes cresce de importância, uma vez que elementos avançados podem estar operando atrás de forças inimigas ultrapassadas.

e. A presença do inimigo nas proximidades dificulta ou impede a operação de suprimentos. Uma vez precedida a limpeza do terreno pela força de acompanhamento e apoio, o B Log passa a ter condições de segurança para cerrar à A Ap Log.

ARTIGO V

RECONHECIMENTO E SEGURANÇA

10.10 GENERALIDADES

a. O reconhecimento e a segurança são operações que se complementam mutuamente e não podem ser facilmente separadas. Um eficiente reconhecimento proporciona um certo grau de segurança, enquanto uma força que executa uma missão de segurança provê, também, informe sobre o inimigo e a região de operações.

b. As características das operações de **reconhecimento** e **segurança** que mais influem no apoio da Cia Int são:

(1) planejamento centralizado e execução descentralizada;
(2) execução rápida e agressiva;
(3) ênfase na utilização da rede viária mais adequada;
(4) carência de informações sobre o inimigo;
(5) possibilidade de ocorrência de ações de ataque, defesa e ligação;
(6) extensão variável da frente.

c. Quando a GU executa apenas a operação de reconhecimento, deslocando-se à frente do grosso do exército de campanha ou da divisão de exército, o apoio desenvolve-se de forma semelhante à operação de marcha para o combate. Diferencia-se dela apenas pela largura da frente, característica que pode induzir o Cmt Cia a utilizar processos especiais de suprimento numa direção e **distribuição de suprimentos na unidade** em outras. Os serviços de Ban e Lav são prestados apenas no início e em fim de missão.

d. No caso da GU executar missão de cobertura de flanco do grosso do exército de campanha ou da divisão de exército, estará executando simultaneamente o reconhecimento e a segurança. Com mais forte razão, o Cmt Cia descentraliza ao máximo os seus meios, uma vez que terá duas frentes para apoiar: a da unidade que se desloca paralelamente ao grosso da tropa coberta e a frente da unidade que se desloca ocupando posições de bloqueio no flanco.

e. Em virtude da rápida evolução das operações, os meios da Cia desdobram-se totalmente sobre rodas nas diversas A Ap Log ocupadas. Apenas o mínimo indispensável às atividades é disposto no terreno.

f. Para a reserva, o suprimento é distribuído dentro dos procedimentos normais e os serviços são realizados com limitações.

g. Nesses tipos de operações há dificuldades em se prestar os serviços e em se realizar a atividade de suprimento com normalidade. Por isso, é usual a abertura de subárea de apoio logístico para apoiar as operações simultâneas de reconhecimento e segurança.

CAPÍTULO 11

OPERAÇÕES DEFENSIVAS

ARTIGO I

DEFESA EM POSIÇÃO

11-1. GENERALIDADES

a. As operações defensivas são operações que consistem no emprego de todos os meios e métodos disponíveis para impedir, resistir ou destruir um ataque inimigo.

b. Uma GU pode estar realizando uma defesa baseada na manutenção do terreno, em que o grosso das forças do Esc Sp concentra o maior poder de combate e de fogos na área de defesa avançada (ADA) a fim de repelir o atacante. Pode, ainda, estar dentro do dispositivo da ADA, realizando um retardamento, a fim de canalizar o inimigo para uma região favorável onde, o grosso das forças do Esc Sp, executará rigorosa ação ofensiva para destruí-lo. No primeiro caso estamos diante de uma defesa de área (Def A) e, no segundo, de uma defesa móvel (Def Mv).

c. Fazendo parte de uma operação de Def Mv a GU pode ainda, constituir-se na força de choque. Sua ação, será nitidamente ofensiva e os princípios de combate serão os mesmos aplicáveis ao ataque coordenado.

d. Se a GU recebe a missão de canalizar o inimigo para um terreno que favoreça a atuação da força de choque, os princípios de emprego da Cia serão os mesmos a serem abordados nos movimentos retrógrados, guardadas as devidas proporções.

e. O emprego da Cia Int, portanto, varia no âmbito de uma posição defensiva, conforme a missão da GU que enquadre o B Log a que pertença.

f. A região a ser definida é constituída por três áreas distintas: a área de segurança (A Seg), onde atuam a força de cobertura (F Cob), os postos avançados gerais

(PAG) e os postos avançados de combate (PAC); a área de defesa avançada (A Def Avçd) e a área da reserva (A Res). A Cia Int deve ter condições de apoiar a GU em qualquer desses escalões da defesa.

g. O emprego dos elementos de manobra na execução das operações defensivas é abordado em pormenores nos manuais da divisão de exército e das brigadas.

11-2 REFLEXOS PARA O APOIO

a. As operações defensivas apresentam determinadas características táticas, como frentes largas, situação de relativa estabilidade, manobra definida em linhas gerais e possibilidades de passar à ofensiva, que determinam os seguintes reflexos para o apoio:

(1) centralização máxima dos meios;
(2) desdobramento máximo dos meios;
(3) amplo escalonamento em largura e em profundiade;
(4) meios em reserva para manter a flexibilidade de apoio;
(5) necessidade de proteção contra a artilharia e a força aérea inimigas;
(6) rendimento dos meios em função da estabilidade da situação;
(7) necessidades de apoiar a área de segurança, a área de defesa avançada e a área da reserva, conforme a missão da GU.

11-3. APOIO ÀS FORÇAS DE SEGURANÇA

a. O apoio é prestado pela Cia Int do B Log da Bda ou DE que recebe a missão de F Cob ou de PAG. Este apoio deve ser prestado, tanto quanto possível, de modo centralizado e, preferentemente, de uma única área de desdobramento.

b. O apoio às tropas à frente do limite anterior da área de defesa avançada (LAADA), é função dos fatores que se seguem:

(1) valor da tropa a apoiar;
(2) profundidade da área de segurança;
(3) duração da missão da força de segurança;
(4) terreno (obstáculos existentes).

c. Normalmente, a A Ap Log Bda que ocupa os PAG localiza-se na área das forças de reserva. Entretanto, quando uma força de valor brigada se instala em PAG, a uma distância superior a 8 km do LAADA e com missão de durar na ação por mais de 12 horas, seus meios de apoio logístico devem cerrar o mais a frente possível. Nesse caso, o B Log ocupa uma área no interior da área de segurança (entre os PAG e o LAADA). Quando isso ocorrer, a área ocupada não deve interferir nos trabalhos de preparo da posição dos elementos em primeiro escalão da ADA. Pode, ainda, ocupar uma área no interior da ADA, mas à retaguarda dos últimos núcleos de aprofundamento.

d. Os processos de distribuição de suprimento são os normais, ou seja, distribuição na unidade no que se refere à CI e distribuição em instalação de suprimento

no que se refere à classe III. Quanto às demais classes, a GU é suprida antes e após a operação. Eventualmente, a Cia distribui na unidade o suprimento de Cl IV, cuja distribuição é encargo do Esc Sp. Os serviços funcionam normalmente.

11-4. APOIO À ÁREA DE DEFESA AVANÇADA

a. Em apoio às forças da ADA, é usual a loccalização da A Ap Log da Bda no interior da área de retaguarda da divisão. Em qualquer caso, o desdobramento deve se realizar à retaguarda dos últimos núcleos de aprofundamento existentes ou planejados pela DE.

b. Nesse escalão da defesa, o apoio da Cia Int é centralizado ao máximo. É normal a distribuição em instalação de suprimento para todas as classes. Os serviços funcionam em toda a sua amplitude.

11-5. APOIO À ÁREA DA RESERVA

O apoio à GU nesse escalão da defesa assemelha-se ao executado nas Z Reu. Entretanto, o Cmt Cia deve elaborar planos, tendo em vista o futuro emprego da GU, que poderá ser uma atitude ofensiva (normal) ou uma atitude defensiva, ocupando uma parte do LAADA.

11-6. APOIO NA DEFESA MÓVEL

Normalmente, a defesa móvel é conduzida pela DE ou Esc Sp. Quando a Bda participa de uma defesa móvel, pode estar realizando o bloqueio e a canalização do inimigo ou ser empregada como força de choque. No primeiro caso, o apoio é semelhante ao prestado às forças da ADA e no segundo o apoio é semelhante ao prestado nas operações de ataque coordenado. Em qualquer caso, a A Ap Log, deve manter uma distância de segurança, contada a partir da penetração máxima, que a coloque a salvo da artilharia leve do inimigo.

11-7. ARTICULAÇÃO E DESDOBRAMENTO

a. A Cia Int ocupa um setor na A Ap Log previamente selecionada, mediante o estudo da manobra projetada pela GU.

b. Na defesa, o fator segurança tem preponderância sobre os demais fatores para a execução do apoio logístico.

c. O desdobramento dos meios da Cia dentro da A Ap Log, considerando tempo de permanência na posição, deve procurar:

(1) aproveitar ao máximo as condições de proteção oferecidas pelo terreno;

(2) manter as instalações afastadas de construções e acidentes no terreno facilmente identificados pelo inimigo;

(3) melhor uso das rodovias que são empregadas para as ligações com o Esc Sp e os elementos apoiados;

(4) tender para a utilização de posições mais protegidas no interior da A Ap Log e beneficiadas por estradas de circulação interna;

(5) aperfeiçoar progressiva e continuamente as instalações existentes e a camuflagem de todos os meios.

11-8. NECESSIDADES DE SUPRIMENTO, TRANSPORTE E SERVIÇOS

Na defesa, normalmente, há um consumo de grande quantidade de suprimentos para o preparo da posição defensiva, de munições de arma coletiva e material de demolição. O transporte desses suprimentos requer planejamento e medidas especiais de controle de trânsito.

a. Classe I

(1) A ração normalmente consumida é a R1-B. Além da estabilidade da operação facilitar o funcionamento das cozinhas é de toda conveniência que a alimentação fornecida à tropa seja variada e quente.

(2) Pode haver necessidade de distribuir quantidades adicionais de rações às unidades como medida de segurança, para o caso de interrupção do fluxo de suprimento.

(3) As atividades de Sup Cl I, realizam-se sem grandes problemas pela relativa estabilidade da operação tática. Como segurança passiva, a distribuição e o transporte, em princípio, devem ser realizados durante a primeira parte da noite.

b. Classe III

(1) De um modo geral, há um consumo pequeno desses suprimentos porque o deslocamento das unidades é reduzido. As necessidades de COL são relativas ao transporte de suprimentos, evacuação de pessoal e serviços gerais das unidades.

(2) Quando as GU Bld são empregadas na defesa móvel o consumo de COL é elevado. Ainda assim a distribuição de suprimento pela Cia Int é relativamente facilitada pelas limitações no deslocamento das unidades empenhadas.

c. Outras classes

(1) O consumo de Cl II é relativamente pequeno e não constitui problemas de reposição. A distribuição pode ser feita pela Cia mesmo com a operação em curso, excessão feita às operações no PAG.

(2) O consumo de classes IV para o preparo da posição defensiva é, normalmente, elevado. Pode haver necessidade de recebimento e transporte pela Cia Int.

d. Transporte

(1) As necessidades adicionais de transporte de suprimento criam uma sobrecarga para a Cia Int. Esses problemas, normalmente relacionados com insuficiência de meios orgânicos e exigüidade de tempo, requerem cuidadoso planejamento. Dependem, também, de medidas especiais de controle de trânsito para neutralizar a interferência do inimigo.

(2) O transporte de suprimento para o consumo normal é efetuado de acordo com os planos de transporte e de suprimento elaborado pelo Cmt Cia. A execução do plano é facilitada pela permanência dos trens das unidades nas respectivas posições. O processo de distribuição normalmente empregado, é o de distribuição em instalação de suprimento.

(3) O consumo de munição na execução da defesa de área é elevado. Isso pode gerar problemas de transporte para a GU, cabendo o emprego da Sec L Trnp e a utilização do tipo de distribuição na unidade.

e. Serviços

(1) O apoio de banho e lavanderia é prestado de modo intenso e continuado durante toda a operação defensiva. A Cia executa essas atividades mediante um sistema de rodízio, beneficiando os elementos das unidades não empenhadas no combate.

(2) O apoio de banho, em especial, é levado tanto quanto possível à frente, para evitar deslocamentos da tropa das posições.

(3) Na seleção dos locais para os P Ban e P Lav deve-se dar particular atenção para as condições de segurança à tropa apoiada.

ARTIGO II

MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

11-9. GENERALIDADES

a. Os movimentos retrógrados são aqueles realizados para a retaguarda ou para longe do inimigo, com ou sem sua pressão, com a finalidade de trocar espaço por tempo e lhe causar um máximo de desgaste.

b. Os movimentos retrógrados são classificados, como se segue:

(1) Retraimento – É uma operação através da qual determinada força engajada rompe o contato com o inimigo, de acordo com a decisão do seu comandante.

(2) Ação retardadora – É uma operação em que determinada força, sob pressão do inimigo, ganha tempo em troca de espaço, procurando inflingir ao inimigo o maior dano possível, sem se empenhar em ações decisivas;

(3) Retirada – É uma operação realizada sem pressão do inimigo e segundo um plano bem definido, com a finalidade de evitar um combate decisivo, em face da situação existente.

c. Em quaisquer dos tipos de movimentos retrógrados, seja retraimento, ação retardadora ou retirada, os princípios de emprego da Cia Int, de um modo geral, são os mesmos. Pequenas variações existem em decorrência do fato do movimento se realizar com ou sem pressão do inimigo, com maior ou menor incidência de combate aproximado.

d. Nesse tipo de operação os fatores tempo e espaço são características preponderantes e como tal, revestem-se de grande importância para o planejamento dos serviços, dos suprimentos e dos transportes.

11-10. PLANEJAMENTO

a. Os movimentos retrógrados caracterizam-se pelo planejamento centralizado e execução descentralizada. O planejamento deve ser realizado nos mínimos detalhes e nenhum aspecto ou informe deve ser desprezado.

b. A continuidade de apoio é preocupação constante desde o início do planejamento até o fim da operação.

c. Devem ser observadas pelo Cmt Cia as características táticas dos movimentos retrógrados:

(1) frentes amplas;

(2) natureza dispersa das ações;

(3) movimentos executados, normalmente, sob reduzidas condições de visibilidade;

(4) rápidas mudanças da situação de combate;

(5) possibilidade de interdição das vias de retraimento pelo inimigo.

d. Um dispositivo flexível da companhia deve ser planejado, de modo a facilitar o apoio eficiente tanto nas ações em posição de retardamento quanto durante os retraimentos e retiradas.

11-11. ARTICULAÇÃO E DESDOBRAMENTO

a. A seleção das áreas para desdobramento do B Log é efetuada mediante análise dos fatores manobra, terreno, segurança e situação logística. Na análise da manobra observa-se especialmente as condições de apoio aos diferentes eixos de retraimento da GU.

b. Para cada posição de retardamento, em princípio, é selecionada uma A Ap Log. Contudo, é desejável que o batalhão ocupe posições que lhe permitam apoiar, pelo menos, duas posições sucessivas de retardamento.

c. A mudança de uma A AP Log para outra posição deve anteceder ao deslocamento das demais unidades da GU. Isso deve ser feito sob a cobertura da escuridão e de maneira que não haja congestionamento do tráfego nem interferência no movimento de outras unidades. Todos os comandos subordinados devem estar cientes dos mínimos detalhes da operação, a fim de se obter uma execução ordenada e sincronizada

d. A Cia Int, para assegurar sua mobilidade máxima, somente monta e opera no terreno as instalações indispensáveis. Os seus meios restantes prestam o apoio sobre rodas e em condições de pronto deslocamento.

e. No desdobramento deve-se observar a máxima dispersão entre os meios da Cia em consonância com as medidas de controle e de defesa passiva.

f. Nas operações retrógradas é normal que as A Ap Log fiquem localizadas fora dos limites de retaguarda da GU, quando traçados.

11-12. NECESSIDADE DE SUPRIMENTO, TRANSPORTE E SERVIÇOS

a. Devido às características das operações retrógradas, sujeitas a rápida evolução da situação, os planos de apoio logístico são pormenorizados. Consideram-se, particularmente, a evacuação de suprimentos e equipamentos e o destino a ser dado àqueles em excesso ou em mau estado.

b. Quando a Cia se desloca, acompanhando o retraimento da GU, é comum deixar suprimentos ao longo dos itinerários de retraimento ou em locais previamente estabelecidos na posição de retardamento a ser ocupada.

c. **Classe I**

(1) Todo o esforço deve ser despendido para que a tropa consuma a ração R-1B, como medida para atenuar os efeitos deprimentes da operação.

(2) Caso o inimigo torne impraticável o funcionamento das cozinhas, as unidades usam a ração R2 para o consumo normal.

(3) O processo de distribuição das unidades, muitas vezes, não pode ser utilizado devido à premência de tempo, necessidade de liberar as viaturas para outros trabalhos ou para liberar as estradas. Nestas circunstâncias, as rações são depositadas ao longo dos itinerários de retraimento ou diretamente nas futuras posições da tropa. O emprego desses processos depende de planejamento minucioso e preciso, além de coordenação com as unidades apoiadas. Qualquer equívoco pode levar à captura do suprimento por parte do inimigo.

(4) Todo o Sup Cl I, de distribuição normal, bem como os recursos locais disponíveis e não utilizados, devem ser destruídos, caso não possam ser evacuados a tempo.

d. **Classe III**

(1) As necessidades são grandes e diretamente proporcionais aos movimentos projetados.

(2) Caso as viaturas das unidades iniciem o movimento retrógrado com os reservatórios cheios, as operações de ressuprimento são menos complexas. Normalmente, esse ressuprimento é executado em cada posição de retardamento.

e. **Outras Classes** – O consumo de outros suprimentos de responsabilidade da Cia, normalmente, não são grandes. Entretanto, se a operação não for bem executada pode haver necessidades anormais, em conseqüência de suprimentos e equipamentos danificados, extraviados e abandonados. A reposição deve ser feita após o acolhimento da GU, no final da operação.

f. Transporte

(1) As operações de transporte são intensas e delicadas nos movimentos retrógrados. A Cia Int deve receber pedidos extraordinários de transportes para a evacuação de suprimentos e mesmo de pessoal.

(2) O Esc Sp pode reforçar os meios orgânicos da Cia. A eficiência da operação de transporte, com emprego dos meios orgânicos e em reforço, fica condicionada ao planejamento e à eficiência do controle de trânsito.

g. Serviços

No movimento retrógrado, à semelhança das operações de grande mobilidade, o apoio de banho e lavanderia sofre limitações com a operação em curso. A ênfase desse apoio deve ser dada antes do início e após o término da operação.

CAPÍTULO 12

OPERAÇÕES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

ARTIGO I

OPERAÇÕES DE CONTRAGUERRILHA

12-1. GENERALIDADES

a. As operações de contraguerrilha ocorrem, normalmente, em ambientes diversos daqueles onde se verificam as operações convencionais. Podem desenvolver-se em áreas rurais ou em áreas densamente humanizadas. No primeiro caso denominam-se operações de contraguerrilha rural e, no segundo, operações de contraguerrilha urbana.

b. A contraguerrilha rural ocorre em terreno de grandes dimensões e de difícil acesso, tais como áreas montanhosas, pantanosas, de florestas ou de caatingas.

c. A contraguerrilha urbana ocorre, normalmente, no interior de localidades, em zonas residenciais, comerciais e industriais. O combate desenvolve-se com características semelhantes às operações convencionais em localidades.

d. O inimigo, normalmente presente em algumas operações convencionais, através de ações em nossas áreas de retaguarda, atua em todas as direções com emboscadas, incursões e sabotagens, exigindo severas medidas de segurança.

e. Em ambas as operações, as forças de contraguerrilha contam com intensa participação de elementos civis, das polícias militares, bombeiros e forças paramilitares, aumentando, conseqüentemente, seus encargos logísticos.

f. Nas bases de combate da GU e das unidades desdobram-se, normalmente, os elementos de apoio logístico.

g. O apoio logístico às forças de contraguerrilha é influenciado consideravelmente pelas características das operações, dentre as quais se destacam:

(1) ações táticas isoladas de pequenas frações de tropa;

(2) grandes distâncias entre os elementos a serem apoiados e entre estes e os órgãos de apoio (contraguerrilha rural);

(3) combate em todas as direções;

(4) terreno de difícil acesso e circulação (contraguerrilha rural);

(5) situação tática instável e de rápida evolução;

(6) dificuldade de segurança das instalações e das vias de transporte;

(7) missões muito diversificadas.

h. Em alguns casos, uma base de combate, de unidade, de subunidade, ou mesmo de escalões menores, pode ser apoiada diretamente pelo Esc Sp.

12-2. O APOIO DA COMPANHIA DE INTENDÊNCIA

a. **Na contraguerrilha rural**

(1) Missão da companhia – Proporcionar o apoio de suprimento, transporte e serviços especiais aos elementos orgânicos da GU e, eventualmente, à população civil, à polícia militar, aos bombeiros e à forças paramilitares, conforme for determinado pelo Cmt B Log.

(2) O apoio deve se adequar às condições especiais do ambiente e às características da operação, ajustando e criando técnicas, processos e normas que atendam a cada caso, exigindo assim, alteração no modo de emprego e na sistemática convencional das atividades logísticas.

(3) A estrutura do apoio a ser utilizada pode ser a mesma de rotina, em face da não caracterização do estado de beligerância nesse tipo de operação. Entretanto, em função das necessidades, a estrutura pode evoluir.

(4) As operações de contraguerrilha rural apresentam os seguintes reflexos para o apoio da companhia:

(a) planejamento centralizado e execução em alto grau de descentralização;

(b) flexibilidade na adoção de novas técnicas, processos e normas referentes ao emprego dos meios e à realização das atividades de suprimento, transporte e serviços;

(c) prestação de apoio às polícias militares, forças paramilitares e a civis colaboradores;

(d) maior necessidade de segurança das instalações e para o funcionamento das atividades logísticas;

(e) desdobramento com amplo aproveitamento dos recursos locais;

(f) maior permanência das instalações nos locais de desdobramento.

b. **Na contraguerrilha urbana**

(1) Missão da companhia – Proporcionar o apoio de suprimento, trans-

porte e serviços aos elementos da GU, elementos de outras forças e civis; realizar a guarda de suas instalações e cooperar com o B Log na busca de informes e no emprego de ações psicológicas.

(2) Em situações excepcionais, parte da companhia pode ser empregada na guarda de pontos sensíveis ou como pequena força de choque.

(3) A companhia deve se adequar ao tipo da operação, criando técnicas, processos e normas peculiares que atendam a cada caso.

(4) A operação de contraguerrilha urbana tem os seguintes reflexos para o apoio da companhia:

(a) planejamento e execução centralizados;

(b) flexibilidade no uso dos processos e métodos de apoio convencionais;

(c) ampla utilização de recursos locais;

(d) apoio a outras forças legais e a civis colaboradores;

(e) necessidade de reorganização para emprego como infantaria, quando for o caso.

12-3. OPERAÇÕES NA CONTRAGUERRILHA RURAL

a. Na contraguerrilha rural a companhia é empregada tanto no apoio às operações de combate como na execução de ação cívico-social (ACISO) e controle de danos (CD). No primeiro campo de atuação, o apoio é prestado através de suas atividades normais, considerados os processos e técnicas especiais determinados pelas características da operação, com ênfase na descentralização de sua execução.

b. No campo da ACISO, a companhia realiza, mediante ordem, os diversos apoios previstos em sua missão específica, em proveito da população civil.

c. As missões da companhia no controle de danos e, em situação excepcional nas operações de combate, são estudadas respectivamente nos capítulos 14 e 16 deste manual.

d. O equipamento individual e os trens da companhia devem sofrer sensíveis adaptações para atenderem às características do local onde se desenvolvem as operações. Geralmente, os uniformes e material de acampamento são submetidos a permanente desgaste, requerendo, na maioria dos casos, algumas adaptações. Alguns artigos de proteção do homem e do equipamento devem ser previstos, sem que isso sobrecarregue sua capacidade de transporte e, conseqüentemente, sua locomoção.

e. Suprimento

(1) Conforme as características da área de operações, as atividades de suprimento podem sofrer alterações substanciais. Modificações no sistema de transporte e distribuição do suprimento, na maioria dos casos se fazem necessários, para fazer face às peculiaridades da área.

(2) Em determinadas circunstâncias, devem ser estabelecidos níveis de segurança, visando a atender a uma possível interrupção do fluxo.

(3) Normalmente, mediante autorização prévia do Esc Sp e correspondente indenização, pode ser utilizado o comércio local, facilitando assim, a reposição de artigos críticos e de necessidade imediata.

(4) Em face das características climáticas da área de operações, bem como das condições precárias da rede rodoviária, podem ocorrer desgastes prematuros de alguns itens da classe II. Conseqüentemente, devem ser estabelecidos novos quadros de distribuição de material, assim como novas tabelas, a fim de atenderem às condições ambientais.

(5) O apoio aos elementos das polícias militares deve ser prestado, quando se fizer necessário, observados os seguintes aspectos:

(a) inexistência de estruturas de apoio administrativo em suas organizações, dificultando sua sobrevivência operacional quando empregadas fora de suas sedes;

(b) natural desfamiliarização com a sistemática de funcionamento do apoio administrativo do Exército;

(c) ocasional deficiência de suprimentos da classe II.

f. Transporte

(1) A segurança nos deslocamentos é um importante fator condicionante no planejamento da companhia. Assim, devem ser considerados os seguintes aspectos:

(a) intensificação da instrução de combate para os motoristas;

(b) guarnição das viaturas isoladas com homens armados;

(c) intensificação dos reconhecimentos dos itinerários;

(d) variação nos horários e itinerários, evitando-se ao máximo os deslocamentos noturnos.

(2) Tendo em vista as condições de inacessibilidade de determinadas regiões a cooperação da força aérea deve ser largamente utilizada.

g. Serviços

Como nas operações convencionais, os meios de banho e lavanderia se desdobram para prestar o apoio, sempre que a situação permitir.

12-4. OPERAÇÕES NA CONTRAGUERRILHA URBANA

a. Na contraguerrilha urbana o ambiente operacional confunde-se com o da própria rotina administrativa das unidades, uma vez que a missão de pacificação de determinado centro urbano deve ser atribuída à unidade nele sediada. A estrutura de apoio logístico da área deve ser utilizada para apoiar as operações. Desse modo, o emprego de recursos locais, através de requisições ou aquisições normais, deve ser amplamente utilizado desde que não acarrete prejuízos para a população civil.

b. Sob o ponto de vista logístico as operações de contraguerrilha urbana apresentam as seguintes características:

(1) ambiente operacional, normalmente, conhecido;

(2) pequenas distâncias entre os elementos de apoio e apoiados;

(3) facilidade de ligações, embora susceptíveis de eventuais interrupções;

(4) possibilidade de maior segurança das instalações logísticas, normalmente aquarteladas;

(5) dificuldade de identificação e localização do inimigo, decorrendo daí maiores cuidados quanto à segurança dos deslocamentos e dos trabalhos dos elementos de apoio.

c. Basicamente, o apoio às operações de contraguerrilha urbana segue os mesmos princípios enunciados em relação à contraguerrilha rural e as condicionantes logísticas da rotina diária da unidade sediada na localidade.

d. Todo movimento motorizado deve ser realizado durante o dia evitando-se a repetição de horários e itinerários e convenientemente escoltados.

12-5. DESDOBRAMENTO E DESLOCAMENTO

a. Os princípios que regem o deslocamento e o desdobramento das instalações da companhia são os mesmos prescritos para as operações convencionais, consideradas as idéias expostas no presente tópico. Assim, a A Ap Log deve ter dimensões bem menores que a máxima preconizada para a guerra convencional, tendo em vista a precariedade de meios em armas do inimigo. Um mínimo de dispersão deve ser considerado, visando a manter a livre circulação na área. O apoio mútuo entre as instalações é extremamente necessário.

b. Na contraguerrilha rural

(1) Para cumprir sua missão a companhia de desdobra no setor que lhe couber no interior da área de apoio do B Log. Diferentemente das operações convencionais, a área de apoio permanece em um mesmo local durante quase toda a operação. A mudança de posição fica apenas condicionada à transferência da base do combate da GU para outra região.

(2) As construções existentes na região devem ser aproveitadas ao máximo para acomodação das diversas instalações da companhia.

(3) O guerrilheiro não opera sob princípios rígidos e padronizados: surge em qualquer local, isolado ou em grupo, realiza a ação e se põe em fuga. Por essa razão, o fator segurança das instalações e dos deslocamentos ressalta de importância. Quanto maior for o grau de controle exercido pelo guerrilheiro em determinada área, maior segurança deve ser exigida.

(4) Os recursos locais são considerados por ocasião da escolha da área de desdobramento. Autorizada sua utilização pelo Esc Sp, os recursos obtidos devem ser indenizados.

c. Na contraguerrilha urbana

(1) Normalmente, nas operações de contraguerrilha urbana, a Cia Int presta o apoio do próprio aquartelamento do B Log.

(2) Em muitos casos, a distância do aquartelamento do B Log para a área de operação, a atuação do inimigo e a precariedade de recursos locais, recomendam o desdobramento de parte ou de toda a companhia na área de operações, fora do seu aquartelamento. Nesse caso, deve-se prover maior segurança às instalações e aos deslocamentos.

ARTIGO II

OPERAÇÕES AEROTERRESTRES E AEROMÓVEIS

12-6. GENERALIDADES

a. A operação aeroterrestre envolve o movimento aéreo e o lançamento sobre uma área de objetivo de forças de combate e dos respectivos apoios para a execução de uma missão tática ou estratégica. O assalto é realizado por tropas pára-quedistas, unidades organizadas, equipadas e instruídas, principalmente, para a execução do assalto aeroterrestre por meio de pára-quedas ou pela aterragem em aeronaves de assalto. Nesse último caso temos a operação aeromóvel, na qual as forças combatentes e seus equipamentos se movimentam sobre o campo de batalha em aeronaves, desembarcando diretamente sobre ou próximo dos seus objetivos. Um movimento aéreo administrativo de pessoal, suprimentos ou equipamentos não é considerado como uma operação aeroterrestre ou aeromóvel.

b. As forças que realizam uma operação aeroterrestre ou aeromóvel, são normalmente organizadas em três escalões: de assalto, de acompanhamento e recuado. As tropas de apoio, inclusive logístico, são lançadas em grande parte com o escalão de assalto. Os demais elementos de apoio, necessários às operações subseqüentes, são lançados com o escalão de acompanhamento. Esse escalão, tanto pode ser introduzido na área do objetivo por meio de deslocamento aéreo (por pára-quedas ou não) como por superfície ou por combinação deles. Normalmente, é composto por viaturas especializadas e equipamentos adicionais das unidades de combate e de apoio. O escalão recuado è a parte da força que é deixada na área de partida para desempenhar funções administrativas e de serviço não necessárias na área do objetivo. Se a força prossegue no combate após a junção, o escalão recuado pode ser levado à frente.

c. As operações aeroterrestre e aeromóvel desenvolvem-se em três fases distintas: fase da montagem, do movimento aéreo e do assalto. É na primeira fase que são realizados os planejamentos táticos e administrativos, culminando no aprestamento, que é a reunião das tropas em acampamentos temporários, onde se carregam as aeronaves e se completam os preparativos finais para o combate.

d. As características das operações aeroterrestres ou aeromóveis que influem no apoio logístico são as seguintes:

(1) planejamento centralizado e coordenado com a força aérea;

(2) execução coordenada no tempo e no espaço;
(3) controle inicial descentralizado;
(4) faseamento e escalonamento do planejamento e execução;
(5) conquista de objetivos sucessivos, seguida de uma ação defensiva;
(6) necessidade de tropas, equipamentos e instalações especializadas;
(7) ausência de área de retaguarda na cabeça-de-ponte;
(8) dependência da superioridade aérea nos deslocamentos para a área dos objetivos;
(9) vulnerabilidade às condições meteorológicas desfavoráveis.

e. Os pormenores sobre as operações aeroterrestres e aeromóveis são abordados nos manuais peculiares.

f. Este artigo trata, particularmente, dos principais aspectos relacionados com a Cia Int do B Log da Bda Inf Pqdt nas operações aeroterrestres, sendo seus princípios aplicáveis, também, às operações aeromóveis com as devidas adaptações motivadas pelos diferentes meios de lançamento de tropa.

12-7. CONDICIONANTES PARA O APOIO

a. No que concerne à Cia Int, a operação aeroterrestre (ou aeromóvel) é caracterizada por um aumento das necessidades de evacuação de material salvado (inclusive pára-quedas), de transporte de suprimentos e pela inexistência das atividades de serviços especiais.

b. A natureza dispersa da operação na fase inicial, o pouco conhecimento do inimigo e o lançamento em terreno desconhecido, longe da base de partida, trazem os seguintes reflexos para o apoio:
(1) necessidade de apoiar todos os grupamentos de força;
(2) descentralização inicial do apoio;
(3) necessidade de serem mantidos meios disponíveis para o apoio em todas as fases da operação;
(4) dificuldade de determinação exata dos meios necessários, implicando na adoção de estimativas.

c. O planejamento para o emprego da companhia deve considerar as fases da operação e a continuidade do apoio. É influenciado pelas seguintes considerações:
(1) localização das áreas de aprestamento da GU apoiada e a distribuição das tropas pelas mesmas;
(2) características de carregamento e distribuição das aeronaves;
(3) equipamentos de movimentação de carga disponíveis;
(4) da natureza e a quantidade dos suprimentos e equipamentos de assalto;
(5) suprimentos, equipamentos, pessoal, material e instalações disponíveis na área dos objetivos.

d. Suprimentos Cl I, II e III — Normalmente, é desejável manter um nível de

três dias de suprimento na C Pnt Aé. Um nível de suprimento de dois dias é considerado como um mínimo de segurança. Os suprimentos de assalto incluem as dotações prescritas das unidades para três dias e os suprimentos adicionais introduzidos na cabeça-de-ponte aérea sob o controle da Cia Int. Os suprimentos de acompanhamento são os lançados após o desembarque inicial a fim de suprir as unidades até que a cadeia normal seja estabelecida. O lançamento pode ser por aterragem de aeronaves, por pára-quedas ou por queda livre. O suprimento de acompanhamento pode ser automático ou a pedido. A Cia transporta a dotação orgânica da GU, normalmente mantida na área de aprestamento.

e. **Suprimento Cl V (munições)**

Com o escalão de assalto são lançados os elementos de suprimento e controle de munição do pel Sup que instalam e operam, na cabeça-de-ponte aérea, um P Distr Cl V (munições) e o PCM.

f. **Suprimentos salvados** — No caso da operação aeroterrestre, há a necessidade do recolhimento dos pára-quedas, considerados como suprimentos salvados. Deve, assim, haver estreita ligação entre o P Col Slv da Cia MB e os elementos avançados do Pel Sup Ar, na C Pnt Aé.

g. **Evacuação da cabeça-de-ponte aérea** — A evacuação é da responsabilidade da força aérea, cujos órgãos fornecem, operam e controlam os meios necessários aos transportes; coordenam a evacuação com outras operações e orientam o carregamento e o descarregamento das aeronaves. O Pel Sup Ar é o órgão da companhia que realiza a ligação com os elementos de evacuação de força aérea. No âmbito da GU essa ligação é estabelecida pela Cia DOMPSA. As necessidades de evacuação se avultam nesse tipo de operação, particularmente devido aos danos resultantes das falhas de lançamento aéreo do material.

12-8. OPERAÇÕES DA SUBUNIDADE

a. Como as demais unidades pára-quedistas, a Cia Int é organizada, equipada e instruída, principalmente, para a execução do assalto aeroterrestre por meio de pára-quedas ou pela aterragem em aeronaves de assalto. Todo o equipamento orgânico da companhia, previsto para emprego na área dos objetivos, pode ser lançado de pára-quedas.

b. O Cmt Cia inicia o seu estudo de situação, tão logo receba sua missão do Cmt B Log. Os planejamentos decorrentes são conduzidos em fases, concomitantemente com os planejamentos para as operações.

c. **Escalão de assalto** — Em conseqüência da limitada capacidade das aeronaves e da pouca probabilidade de serem necessários suprimentos adicionais na fase do assalto, apenas os elementos dos P Distr do Pel Sup e alguns elementos avançados do Pel Sup Ar acompanham o escalão de assalto.

d. Escalão de acompanhamento – É constituído do pessoal e viaturas do Pel Sup que não podem ser lançados ou desembarcadas das aeronaves de assalto. O S3 do B Log coordena o seu lançamento com as outras subunidades do batalhão.

e. Escalão recuado – É constituído de elementos da administração da companhia, tendo seu efetivo fixado pelo Cmt Cia ou B Log, conforme as necessidades. Esses elementos atuam na área de aprestamento junto aos elementos das demais companhias do B Log, sob o comando do subcomandante ou do S1. Além desses, permanecem naquela área o Pel Trnp e o grosso do Pel Sup Ar.

f. Setor de desdobramento da companhia – Em princípio, as considerações para a instalação da Cia Int Aet, no interior da área de apoio logístico, são as mesmas apresentadas para as Cias Int das GU de infantaria e de cavalaria, neste manual. Como norma geral, o desdobramento do B Log é realizado em posição central dentro da C Pnt Aé, mantendo-se a necessária distância de segurança em relação à linha de C Pnt. O dispositivo adotado é o circular, com a Cia Int e as demais subunidades dispostas nos setores circulares. Os primeiros elementos da Cia a ocuparem o setor são os integrantes do P Distr/Pel Sup que se lançam com o escalão de assalto, compondo suas últimas vagas. O Cmt Cia pode se lançar com esses elementos ou com o grosso da Cia no escalão de acompanhamento, conforme a situação exija.

g. Se a força prossegue no combate após a junção, o escalão recuado pode ser levado à frente e os princípios que regem o apoio da companhia são os mesmos prescritos para as operações convencionais, consideradas as idéias expostas no presente artigo. Os serviços especiais, nesse caso, são prestados mediante apoio do Esc Sp.

CAPÍTULO 13

OPERAÇÕES NA SELVA

13-1. GENERALIDADES

a. As áreas de selva caracterizam-se por pequena densidade demográfica, baixo desenvolvimento econômico e cultural, condições de vida precárias e escassez de rodovias.

b. As características das operações na selva que mais influem no apoio da Cia, são:

(1) dificuldades de transporte terrestre motorizado;
(2) ênfase na utilização do transporte aéreo e fluvial;
(3) descentralização dos elementos de combate na execução das operações;
(4) freqüência de operações ribeirinhas;
(5) importância das localidades existentes;
(6) condições climáticas e meteorológicas adversas;
(7) limitada observação aérea e terrestre;
(8) elevado consumo de combustível para embarcações.

13-2. REFLEXOS PARA O APOIO

a. As atividades de suprimento, transporte e serviços devem sofrer pequenas adaptações, a fim de se ajustarem às condicionantes do meio onde se realizam as operações e os equipamentos especiais que suas características impõem.

b. No manuseio dos suprimentos devem ser adotados métodos, processos e técnicas peculiares para evitar danos no material. O acondicionamento deve ser feito em embalagens especiais revestidas com plástico para proteção contra chuva e umidade. As reposições devem ser solicitadas com bastante antecedência. Os níveis de suprimento em depósito nos postos de distribuição devem ser os menores possíveis.

c. Uma combinação dos meios de transporte terrestre, aéreo e fluvial deve ser utilizada em larga escala.

d. Os serviços de banho e lavanderia, em face da grande existência de cursos-de-água, são bastante facilitados em regiões de selva. Entretanto, o serviço de lavanderia pode sofrer duas restrições:

(1) dificuldade na escolha de um terreno limpo e bem drenado para suportar o peso do seu material;

(2) redução de sua capacidade de operação, em face da adoção, pela tropa, de fardamentos especiais na região de selva.

e. As características das operações impõem, para a companhia, as seguintes condicionantes:

(1) adoção de métodos, processos e técnicas especiais;

(2) dificuldades para ser mantida a regularidade nas operações de suprimentos em face do isolamento e disseminação das forças na área;

(3) planejamento centralizado e execução descentralizada e flexível, tendo em vista as dificuldades de meio de transporte;

(4) dificuldades na escolha de áreas adequadas para o desdobramento da companhia;

(5) desdobramento dos meios em bases de combate de valor unidade e, em alguns casos, de valor subunidade.

13-3. APOIO ÀS OPERAÇÕES

a. A companhia de intendência de brigada de infantaria de selva é a subunidade encarregada de proporcionar apoio de suprimento, transporte e serviços à brigada.

b. A organização básica da companhia é adaptada ao ambiente operacional de selva. Sua principal diferença em relação às Cia Int dos demais B Log, consiste na possibilidade de enquadrar até 2 pelotões de transporte fluvial.

c. Quando o batalhão recebe do Esc Sp uma companhia de mão-de-obra, alguns de seus elementos são fornecidos à Cia Int para reforçar o Pel Sup.

d. A companhia desdobra-se em um setor da A Ap Log/Btl e em até duas subáreas de Ap Log. A A Ap Log desdobra-se na base de combate da GU. As subáreas de Ap Log, desdobram-se no interior das bases de combate de valor unidade. Eventualmente, e por curto espaço de tempo, parte dos meios da Cia Int assim como de outras companhias do batalhão – desdobram-se na bases de combate de valor subunidade.

e. Os princípios gerais de planejamento, empregados nas demais operações, são aplicáveis às operações na selva. Contudo, as seguintes considerações devem ser levadas em conta:

(1) reconhecimentos contínuos de vias de acesso e de locais para postos de distribuição de suprimentos;

(2) possibilidades de desdobramento de instalações em balsas e chatas;

(3) estabelecimento de pequenos níveis de suprimentos;

(4) grande redução no transporte rodoviário e intensificação dos transportes fluviais;

(5) utilização de transporte aéreo sempre que for possível.

f. O Cmt Cia realiza o seu planejamento à luz de diretrizes e ordens emanadas do comando do B Log e das observações colhidas durante seus recolhimentos.

g. É normal o desdobramento de todo ou grande parte do batalhão em uma A Ap Log sobre balsas e chatas, principalmente quando se tratar de apoiar operações ribeirinhas.

CAPÍTULO 14

SEGURANÇA DA ÁREA DE RETAGUARDA

14-1. GENERALIDADES

a. Área de retaguarda é a parte do espaço geográfico da zona de ação atribuída a uma força terrestre, destinada ao desdobramento da reserva, dos elementos de apoio ao combate e apoio administrativo dessa força. Nas operações de contraguerrilha, aeroterrestre ou de selva, normalmente, esse espaço não pode ser definido.

b. A segurança da área de retaguarda (SEGAR) compreende todas as providências executadas para evitar ou minimizar a interferência do inimigo, de um evento destruidor ou catástrofe da natureza nas áreas de retaguarda, sem, entretanto, envolver emprego de efetivos consideráveis de elementos de combate. Seu objetivo é evitar interrupções nas missões dos elementos de apoio ao combate e de apoio administrativo. A SEGAR divide-se em: defesa de área de retaguarda (DEFAR) e controle de danos (CD).

14-2. MISSÕES DE SEGAR

a. Para a Cia Int, a SEGAR restringe-se às missões de vigilância do perímetro externo da área de apoio, às de defesa de pontos críticos e das instalações e, ainda, ao controle de danos no seu setor.

b. O Cmt Cia, por ocasião do planejamento da segurança de seu setor na A Ap Log, considera a hipótese de receber a missão de guarda de pontos sensíveis no perímetro de sua responsabilidade. O Cmt Btl, entretanto, somente lhe atribui tal missão em última instância, a fim de não desviar os elementos da Cia de suas atividades específicas.

c. Quando o comandante da subárea de DEFAR (normalmente, o Cmt B Log) julga conveniente, atribui ao setor da companhia uma fração de seu ele-

mento de combate recebido em reforço; nesse caso, o Cmt Cia coordena o emprego dessa fração dentro do seu dispositivo de segurança. Esse elemento, deve receber missões de reconhecimento, de guarda de pontos sensíveis e de caça a guerrilheiros.

d. Defesa de área de retaguarda

(1) Para a subunidade, as operações de defesa de área de retaguarda confundem-se com as levadas a efeito para segurança do seu setor da área de apoio e das respectivas instalações.

(2) As ações de DEFAR visam a impedir ou neutralizar ameaças do inimigo às atividades da subunidade e às suas instalações na área de retaguarda. Caso as ações do inimigo coloquem em risco a integridade das forças estacionadas na retaguarda, a reação foge da esfera das operações de DEFAR.

(3) A subárea de DEFAR é uma divisão da área de retaguarda do escalão considerado ou superior. Nela são selecionadas áreas de objetivos que podem ser tanto uma instalação como um grupo de instalações de apoio logístico;

(4) Encontramos, ainda, em uma subárea de DEFAR, as **regiões a defender,** as **áreas de patrulhamento** e as **áreas de vigilância,** todas de particular interesse para o planejamento do Cmt Cia;

(5) As regiões a defender são aquelas onde estão localizadas as instalações da companhia. As áreas de patrulhamento constituem a própria rede viária interna do setor. As áreas de vigilâncias são pontos dominantes da periferia do setor que permitem observação para seu interior e para as áreas externas.

e. Controle de danos

(1) O controle de danos consiste em medidas levadas a efeito para minimizar os efeitos de ataques diretos (incursões) e indiretos (bombardeios) do inimigo ou as conseqüências de calamidades naturais que possam atingir a A Ap Log.

(2) Todos os níveis de comando ou chefia têm responsabilidades no controle de danos.

(3) O planejamento do controle de danos é realizado em torno da área de objetivos. Nelas é que, provavelmente, deverão ocorrer os incidentes cujos efeitos devem ser minimizados.

(4) São medidas preventivas de controle de danos:

(a) evitar concentrações de viaturas numa determinada área de objetivos;

(b) observar a dispersão conveniente das instalações por ocasião do desdobramento da companhia e as medidas de camuflagem;

(c) atribuir tarefas a cada elemento da companhia e realizar treinamentos individuais e coletivos;

(d) organizar turmas de controle de danos obedecendo, em princípio, a organização funcional da companhia. Essencialmente, devem ser constituídas as seguintes turmas:

- turma de combate a incêndio;
- turma de socorro a feridos;

- turmas de remoção de escombros;
- turma de reconstrução de instalações;
- turma de descontaminação;
- turma de levantamento de danos.

(5) Ocorrido o incidente, a providência inicial a ser tomada é o levantamento dos danos. É um exame rápido e direto da área atingida a fim de estimar os danos e acionar as turmas de CD necessárias. Em princípio, as turmas permanecem junto aos pelotões de origem, realizando seus trabalhos normais e são acionadas conforme as necessidades das operações de controle de danos.

14-3. SEGURANÇA DAS INSTALAÇÕES

a. A segurança da Cia constitui uma responsabilidade do seu comandante. Ela é vulnerável – pelas suas características estruturais e de emprego – à espionagem, à sabotagem aos ataques de inquietação, às ações de guerrilhas, aos assaltos de pára-quedistas, aos tiros de artilharia e aos bombardeios de aeronaves. Cumpre, pois, ao seu comandante planejar e fazer executar medidas ativas e passivas de proteção, consonantes com o planejamento do batalhão.

b. A Cia Int pode receber do comando do batalhão encargos referentes à segurança da companhia de saúde, desde que essa subunidade lhe seja adjacente na A Ap Log ou nas colunas de marcha.

c. Durante os deslocamentos, o Esc Sp fornece ao B Log a segurança necessária. Entretanto, quando o deslocamento tem a finalidade de ocupação de novas áreas, o batalhão não deve contar com essa segurança, embora ainda possa se beneficiar de cobertura aérea.

d. Quando atacada uma instalação logística, nela cessam, de imediato, todos os trabalhos. Todos os meios são empregados na sua defesa.

e. Todo o pessoal da companhia deve participar ativamente no esforço das medidas de defesa. Essas devem ser, constantemente, treinadas e testadas.

f. Além das medidas impostas pelo Cmt B Log, outras devem ser planejadas pelo Cmt Cia e executadas por todo o efetivo, tais como:

(1) localização das instalações em terreno que facilite sua defesa;

(2) largo emprego da camuflagem;

(3) emprego de obstáculos de arame farpado, minas, material de alarme e iluminação, particularmente nos locais de postos de guarda e nos acessos às instalações;

(4) estabelecimento de comunicações com fios ou outros meios entre as instalações e os postos de guarda;

(5) execução fiel das normas de controle de circulação expedidas pelo comando do batalhão;

(6) instalação de postos de guarda e de vigilância;

(7) instalação de armas antiaéreas em pontos estratégicos do setor, enquadradas no sistema antiaéreo do batalhão;

(8) estabelecimento e distribuição de missões a cada elemento da companhia, detalhando os procedimentos a tomar em caso de ataque terrestre às respectivas instalações;

(9) determinação para que cada elemento mantenha, em seu local de trabalho, o respectivo armamento individual, em condições de rápido emprego;

(10) instalação de um sistema de alarme simples e funcional;

(11) treinamento freqüente de reação a incursões no interior do setor;

(12) procedimentos a serem tomados nas regiões a defender e nas áreas de vigilância.

CAPÍTULO 15

LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES

15-1. MEIOS DE COMUNICAÇÕES

a. A Cia Int participa da rede de comando do B Log, recebendo ordens e diretrizes e informando sobre o andamento das operações de Sup, Trnp e Sv, e possui o seu próprio sistema interno de comunicações, a fim de que seu comandante possa dirigir, coordenar e controlar todas as operações de apoio à GU.

b. Os meios de comunicações, normalmente utilizados pela companhia em ambos os sistemas, são compostos de equipamentos rádios de curto e médio alcance, mensageiros, meios por fios, visuais e acústicos. Seu emprego depende do pessoal, equipamento e viaturas constantes dos quadros de organização e dotação. Os sistemas são organizados com todos os meios, de modo a se complementarem, proporcionando flexibilidade, sigilo, rapidez e maior confiança.

15-2. NECESSIDADES INTERNAS DE COMUNICAÇÕES

a. A instalação e operação do sistema de comunicações interno é responsabilidade do Cmt Cia.

b. O sistema deve proporcionar a comandante os meios para:

(1) dirigir, coordenar e controlar as atividades da companhia;
(2) controlar administrativamente a companhia;
(3) trocar informes e informações;
(4) controlar as operações de segurança de área de retaguarda.

15-3. NECESSIDADES EXTERNAS DE COMUNICAÇÕES

a. Por meio do sistema externo a companhia mantém comunicações com o comando do batalhão e com as demais subunidades, fornecendo e recebendo dados e informações necessárias ao cumprimento da missão.

b. A finalidade do sistema é proporcionar meios para execução das seguintes funções:

(1) controle tático e administrativo;
(2) troca de informes e informações;
(3) recepção de alarmes;
(4) recepção de diretrizes e ordens para a execução das operações de segurança de área de retaguarda.

15-4. SISTEMA DE MENSAGEIROS

a. A situação tática ou a insuficiência de outros meios de comunicações, pode exigir o amplo emprego de mensageiros, normalmente, motorizados.

b. O sistema de mensageiros, para ser eficaz, carece de cuidadosa seleção dos homens que desempenharão a função.

15-5. SISTEMA DE COMUNICAÇÕES POR FIO

a. A instalação e desenvolvimento do sistema de comunicaçãoes por fio depende, principalmente, do tempo que a companhia vai permanecer na A Ap Log e dos meios disponíveis. Havendo esses meios e, sobretudo, prazos disponíveis, o sistema deve ser aperfeiçoado seja pela duplicação dos circuitos por itinerários diferentes, seja pela transformação dos circuitos rastejantes em aéreos.

b. Normalmente, a companhia instala uma central telefônica e liga-se, como assinante, à central do batalhão (Fig 15-1).

c. Para as operações de segurança da área de retaguarda, o batalhão instala outra central telefônica, entrando também, a companhia como assinante.

15-6. SISTEMA RÁDIO

a. O rádio encontra amplo emprego na missão da companhia. No âmbito da área de A Ap Log, normalmente, o sistema rádio é utilizado para dobrar os meios com fios ou para substituí-los, quando a situação tática e logística, ou mesmo os prazos disponíveis, não aconselharem a instalação dos circuitos físicos.

b. A rede-rádio é constituída de diversos postos-rádio, com as mesmas características, operando na mesma freqüência e coordenados por um dos postos, denominado posto diretor da rede (PDR). A Cia Int participa das redes que se seguem (Fig 15-2).

(1) Redes externas:
  (a) rede de comando do batalhão;
  (b) rede administrativa do batalhão;
  (c) rede de SEGAR (quando for o caso).
(2) Rede interna: rede de comando da subunidade.

c. Os indicativos e freqüências (canais) constam das Instruções para a Exploração das Comunicações (IE Com) da GU.

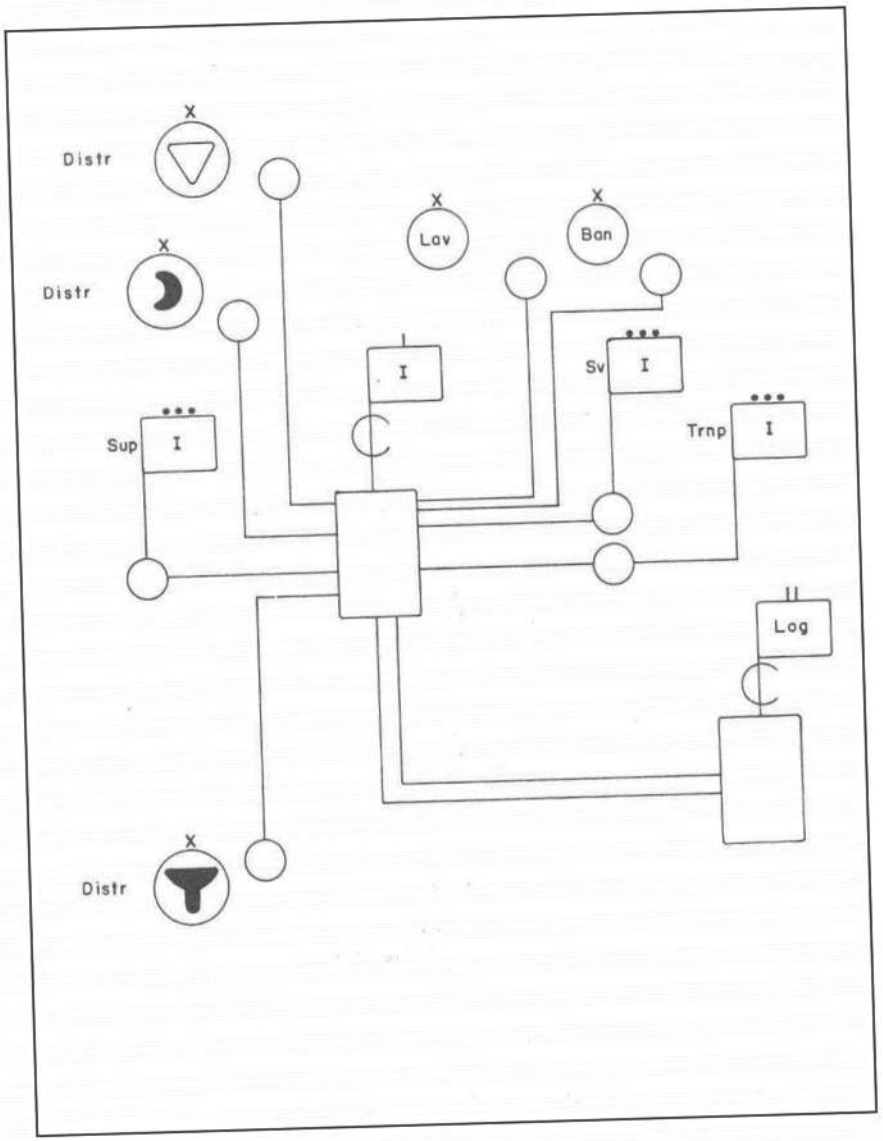


Fig 15–1. Diagrama dos circuitos físicos (típicos)

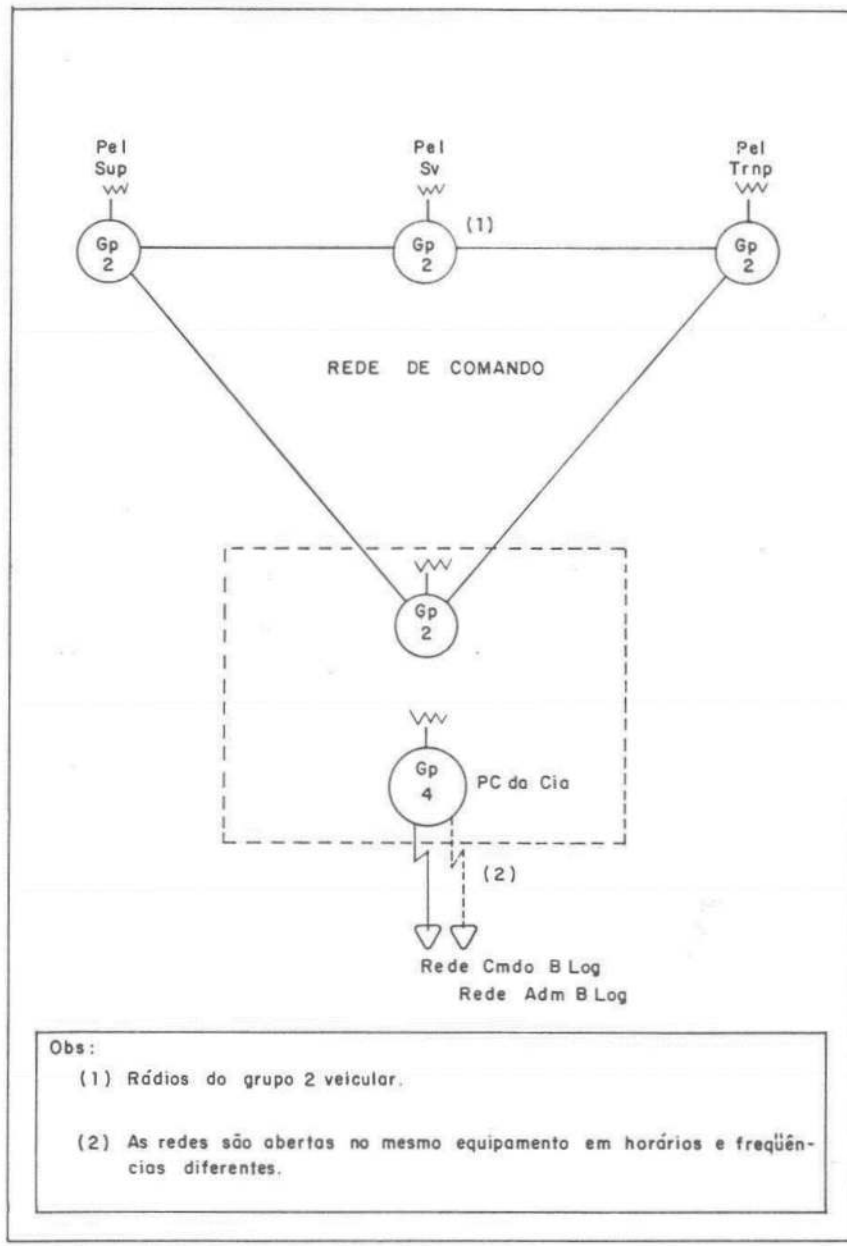


Fig 15–2. Diagrama das redes-rádio da companhia.

CAPÍTULO 16

EMPREGO COMO INFANTARIA

16-1. COMBATE COMO INFANTARIA

a. A Cia Int pode necessitar combater como infantaria em situações especiais de crise. Quando isso ocorre, normalmente conta com muito pouco tempo para se reorganizar para o combate, pois tal necessidade advém de ataques de surpresa por tropas inimigas aeroterrestres, ataques de infiltração por blindados ou incursões de grupos de guerrilheiros. Em última instância, em crises mais sérias, pode receber um setor na região de defesa, de responsabildiade da GU.

b. Quando recebe missão de infantaria, deixa de executar seus trabalhos normais. A decisão para esse emprego da companhia deve, portanto, ser tomada pelo Cmt Btl, com pleno consentimento do comandante da GU, após meditar cuidadosamente sobre as vantagens e desvantagens da interrupção de suas atividades.

c. O emprego mais comum da companhia com missão de infantaria é na vigilância e guarda de suas instalações, no setor que lhe cabe no interior da A Ap Log. Isso se verifica nas operações de SEGAR quando, o B Log, normalmente, é responsável por uma subárea, pelas ações de DEFAR e CD no seu interior.

d. A Cia Int não conta com armas de apoio aproximado, razão por que necessita de suplementação de apoio de fogo de outros elementos, caso tenha que se empenhar em combate. Agindo em segurança própria ou de seus trabalhos, a companhia deve ser organizada em elementos de fuzileiros.

e. Nas situações de séria crise, a companhia deve ser organizada nos moldes de uma companhia de infantaria, com seus três pelotões de fuzileiros, suplementando-se com os elementos de apoio de fogo que por ventura receba.

16-2. TREINAMENTO

a. O treinamento básico do elemento de intendência é o mesmo da tropa das unidades de arma base. Entretanto, recebem menor treinamento tático e maior treinamento técnico. Em conseqüência, suas possibilidades no combate como infantaria são reduzidas.

b. O Cmt Cia deve planejar seu emprego como infantaria, particularmente para as missões de segurança das instalações, envolvendo defesa de posição e patrulhamento. O treinamento de seu pessoal será efetuado segundo esse planejamento.

ANEXO A

MEMENTO DO ESTUDO DE SITUAÇÃO DO COMANDANTE DA Cia Int

(Classificação Sigilosa)

Subunidade
Local
Data-Hora

ESTUDO DE SITUAÇÃO

(Cartas, mapas, calcos e outros documentos necessários ao estudo)

1. MISSÃO

a. Manobra do elemento apoiado
b. Operações do batalhão logístico
c. Missão da companhia de intendência

2. SITUAÇÃO E LINHAS DE AÇÃO

a. Considerações que afetam a missão
(1) Características da área de operações
(a) Condições climáticas e meteorológicas
– temperatura;
– ventos;
– regime de chuvas.

(Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

(b) Terreno
- cobertas e abrigos para instalações;
- pontos críticos e obstáculos;
- estradas e pontes;
- edificações de área.

(2) Situação do inimigo
(a) Atividades recentes importantes e atuais.
(b) Possibilidades mais prováveis que possam interferir no apoio de suprimento, transportes e serviços.

(3) Nossa situação
(a) Situação tática
- dispositivo das unidades a apoiar;
- nosso dispositivo atual;
- dispositivo para operações projetadas;
- determinação das necessidades em cada dispositivo;
- localização das SU do B Log.

(b) Situação logística
- localização de instalações logísticas do Esc Sp;
- localização de instalações logísticas das GU vizinhas;
- localização de nossas instalações;
- determinação das disponibilidades de suprimento, transporte e serviços.

b. Dificuldades previstas
(1) Possibilidades do inimigo
(2) Terreno
(3) Nosso dispositivo
(4) Outras

c. Nossas linhas de ação

3. ANÁLISE DAS LINHAS DE AÇÃO OPOSTAS

a. Selecionar as dificuldades significativas que se opõem às nossas linhas de ação formuladas (inimigo, terreno, nosso dispositivo, outras).

b. Analisar cada linha de ação em confronto com cada dificuldade selecionada no subparágrafo anterior, determinando o provável resultado de cada linha de ação.

(Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

4. COMPARAÇÃO DAS NOSSAS LINHAS DE AÇÃO

Comparar as linhas de ação em termos de vantagens e desvantagens que surgiram durante a análise.

5. CONCLUSÃO

Definir qual a linha de ação mais favorável ao cumprimento da missão, indicando a organização da companhia para o apoio, localização das instalações, formas de emprego, eixos alternativos, pontos críticos, missão dos elementos subordinados e medidas de coordenação e controle.

a) _____

Cmt Cia Int

Anexos: (se necessário)

(Classificação Sigilosa)

ANEXO B

RELATÓRIO PERIÓDICO DA COMPANHIA DE INTENDÊNCIA

RELATÓRIO PERIÓDICO DA COMPANHIA DE INTENDÊNCIA

(De ..... às .....)

1. LOCALIZAÇÃO DURANTE O PERÍODO

a. Dos órgãos da Cia Int com a abertura e o fechamento (quando for o caso).

b. Dos elementos em reforço.

2. SUPRIMENTOS

a. Classe I
   - Tipo R-1B – nº de dias e onde se encontra.
   - Tipo R-2A – Idem.
   - Tipo A E – Idem.

b. Classe II
   - Situação das unidades.
   - Pedidos feitos ao escalão superior.
   - Pedidos recebidos durante o período.

c. Classe III
   - Situação das unidades.
   - Gastos durante o período.

d. Outras classes

3. TRANSPORTE

a. Situação – Situação dos meios de cada elemento subordinado.

b. Efetuados durante o período.

4. SERVIÇOS ESPECIAIS

a. Unidades de Banho e Lavanderia.

b. Funcionamento de instalações em reforço ou controle operacional.

c. Situação crítica de qualquer material.

5. DIVERSOS

a) _____

Cmt Cia Int

ANEXO C
QUADRO DE CONTROLE DE SUPRIMENTO CLASSE I

QUADRO DE CONTROLE DE SUPRIMENTO CLASSE I

UNIDADE	EFETIVO		RECEBIDO			DATA	SALDO OU FALTA	OBSERVAÇÕES
	PEDIDO	EXIS-TENTE	TIPO	PESO (t)	Nr DE RAÇÕES			
151º BI Mtz								
152º BI Mtz								

a) _____
Cmt Cia Int

ANEXO D
QUADRO DE CONTROLE DE SUPRIMENTO CLASSE III

QUADRO DE CONTROLE DE SUPRIMENTO CLASSE III

UNIDADES	Gasolina			Óleo			Graxa	Observações
	Recebida (1)	Local	Consumida (2)					
151º BI Mtz								
152º BI Mtz								

(1) Conforme recebida do posto de suprimento classe III.

(2) Conforme relatórios diários de subunidades e unidades.

a) _____
Cmt Cia Int

ANEXO E

PEDIDO DIÁRIO DE SUPRIMENTO CLASSE I (DO BATALHÃO PARA O ESCALÃO SUPERIOR)

PEDIDO DIÁRIO DE Sup Cl I

(MENSAGEM DIÁRIA)

PESSOAL PT_____RÇ R1 PT_____ RÇ R2 PT _____

RÇ AE PT EFETIVO PTPT_____ HOMENS PT

a) _____
Cmt B Log

ANEXO F

RELATÓRIO DA SITUAÇÃO DIÁRIA DE SUPRIMENTO CLASSE III
(DO BATALHÃO PARA O ESCALÃO SUPERIOR)

RELATÓRIO DA SITUAÇÃO DIÁRIA DE SUPRIMENTO Cl III
(MENSAGEM DIÁRIA)

ESTOQUE P DISTR PTPT _____LITROS GAS A PTVG_____/L/GAS
B PTVG____L/OM–30 PTVG _____ L/OD PTVG_____KG/GRAXA PT
NECESSIDADES PTPT _____L/GAS A

a) _____
Cmt B Log

ANEXO G

QUADRO DE REPARTIÇÃO DOS MEIOS DE TRANSPORTE

(Modelo)

QUADRO DE REPARTIÇÃO DOS MEIOS DE TRANSPORTE

DATAS MEIOS	NOITE D+6/D+7	NOITE D+7/D+8	NOITE D+8/D+9	NOITE D+9/D+10	NOITE D+10/D+11	NOITE D+11/D+12	O B S
Sec L Trnp da Cia Int	2 Vtr na Cl III 2 Vtr em Mnt 8 Vtr na Classe I	6 Vtr na Cl I 3 Vtr na Cl III	2 Vtr na Cl III 2 Vtr em Mnt 6 Vtr na Classe I				
Sec Me Trnp da Cia Int	Com a Dot orgânica	Com a Dot orgânica	Com a Dot orgânica	Com a Dot orgânica	Com a Dot orgânica	Com a Dot orgânica	

a) _____
Cmt Cia Int

ANEXO H

ORDEM DE TRANSPORTE

ORDEM DE TRANSPORTE	x	REQUISIÇÃO DE MUNIÇÃO	Nº
PED FORNECIMENTO			
ORD FORNECIMENTO			GRUPO DATA HORA
DIVERSOS			

Do	Para
Localização da munição	
Instruções:	

Quantidade	NEE	INDICATIVO MILITAR

CONFERIDO Em	APROVADO Em	RECEBIDO Em

Obs.: Marcar com um (X) o assunto do documento (no caso, ordem de transporte).

ÍNDICE ALFABÉTICO

	Prf	Pag
A		
Apoio à(s)		
— Área de Defesa Avançada	11– 4	11– 3
— Área de Reserva	11– 5	11– 3
— Defesa Móvel	11– 6	11– 3
— Forças de Segurança	11– 3	11– 2
— Operações de Contraguerrilha	12– 2	12– 2
— Operações de Selva	13– 3	13– 2
Articulação e Desdobramento		
— Ataque Coordenado	10– 7	10– 6
— Marcha para o Combate	10– 4	10– 3
— Movimentos Retrógrados	11–11	11– 6
— Operações Defensivas	11– 7	11– 3
Atribuições		
— Pel Sup	4– 3	4– 2
— Pel Sup pelo Ar	7– 3	7– 2
C		
Comando	3– 1	3– 1
Combate como Infantaria	16– 1	16– 1
Considerações Gerais	1– 2	1– 1
Condicionantes para o apoio (Op Aeroterrestres e Aeromóveis	12– 7	12– 7
D		
Desdobramento e Deslocamento	12– 5	12– 5

	Prf	Pag
Deslocamento da Companhia	9– 3	9– 4
E		
Emprego do Pel Sup pelo Ar	7– 4	7– 2
Estudo de Situação	8– 2	8– 1
F		
Finalidade		
– do Manual	1– 1	1– 1
G		
Generalidades		
– Aproveitamento do Êxito e Perseguição	10– 9	10– 8
– Área de Desdobramento	9– 1	9– 1
– Ataque Coordenado	10– 6	10– 5
– Estudo de Situação e Planejamento	8– 1	8– 1
– Marcha para o Combate	10– 3	10– 3
– Movimentos Retrógrados	11– 9	11– 5
– Operações Aeroterrestres e Aeromóveis	12– 6	12– 6
– Operações de Contraguerrilha	12– 1	12– 1
– Operações Defensivas	11– 1	11– 1
– Operações na Selva	13– 1	13– 1
– Reconhecimento e Segurança	10–10	10– 8
– SEGAR	14– 1	14– 1
M		
Medidas Administrativas	10– 2	10– 1
Meios de Comunicações	15– 1	15– 1
Missão		
– Cia Int.	2– 1	2– 1
– Pel Sv	6– 1	6– 1
– Pel Sup	4– 1	4– 1
– Pel Sup pelo Ar	7– 1	7– 1
– Pel Trnp	5– 1	5– 1
Missões de SEGAR	14– 2	14– 2
Mudança de área no decorrer do combate	9– 5	9– 5

	Prf	Pag
N		
Necessidades		
— Externas de Comunicações	15– 3	15– 1
— Internas de Comunicações	15– 2	15– 1
Necessidades de Sup, Trnp e Sv		
— Ataque Coordenado	10– 8	10– 6
— Marcha para o Combate	10– 5	10– 4
— Operações Defensivas	11– 8	11– 4
O		
Ocupação do Setor de Desdobramento	9– 4	9– 4
Operações		
— Contraguerrilha Rural	12– 3	12– 3
— Contraguerrilha Urbana	12– 4	12– 4
— Transporte	5– 3	5– 2
— da Subunidade (operações Aeroterrestres e Aeromóveis)	12– 8	12– 8
Organização		
— Cia Int	2– 2	2– 1
— Pel Sup	4– 2	4– 1
— Pel Sup pelo Ar	7– 2	7– 1
Organização e Atribuições		
— Pel Sv	6– 2	6– 1
— Pel Trnp	5– 2	5– 1
P		
Plenajemento:		
— Estudo de Situação e Planejamento	8– 3	8– 2
— Movimentos Retrógrados	11–10	11– 6
Plano de Desdobramento da Cia	9– 6	9– 7
Possibilidades e Limitações da Cia Int	2– 3	2– 1
Processos Especiais para Distribuição de Suprimentos	4– 8	4–21
R		
Reconhecimento da Área de Desdobramento	9– 2	9– 2

	Prf	Pag
Reflexos para o apoio		
— Operações em Selva	13– 2	13– 1
— Operações Defensivas	11– 2	11– 2
Reconhecimento e Segurança (Operações)	10–10	10– 8
S		
Seção		
— Banho	6– 3	6– 2
— Comando	3– 2	3– 2
— Controle de Munição	4– 7	4–20
— Lavanderia	6– 4	6– 8
— Sup Cl I	4– 4	4– 2
— Sup Cl III	4– 6	4–16
— Sup Outras Classes	4– 5	4–12
Segurança das Instalações	14– 3	14– 3
Sistema		
— Mensageiros	15– 4	15– 2
— Rádio	15– 6	15– 2
— de Comunicações por fio	15– 5	15– 2
T		
Tipos de Operações Ofensivas	10– 1	10– 1
Treinamento (de Combate como Infantaria)	16– 2	16– 1

DISTRIBUIÇÃO

1. ÓRGÃOS

Gabinete do Ministro	1
Estado-Maior do Exército	15
SGEx	1

2. GRANDES COMANDOS E GRANDES UNIDADES

Exércitos	2
Comandos Militares de Área	2
Regiões Militares	2
Divisões	2
Brigadas	2

3. UNIDADES

Inf	2
Cav	2
Art	2
Eng	1
Com	1
B Log	4

4. SUBUNIDADES (autônomas ou semi-autônomas)

Inf	1
Cav	1
Art	1
Eng	1
Com	1
Int	2

5. ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

ECEME	5
EsAO	50
AMAN	100
EsSA	10
CPOR	5
EsIE	30

6. OUTRAS ORGANIZAÇÕES

Arq Ex	1
BIBLIEx	1
C Doc Ex	1
Comandos de Fronteira	1

De acordo com a Port 092-EME, de 20 de dezembro de 1978, propõe-se:

1. Publicação: (Indicativo, Título, Ano da edição)
2. Correções de Texto (Página, parágrafo, linha, DE, PARA)
3. Outras observações ou comentários

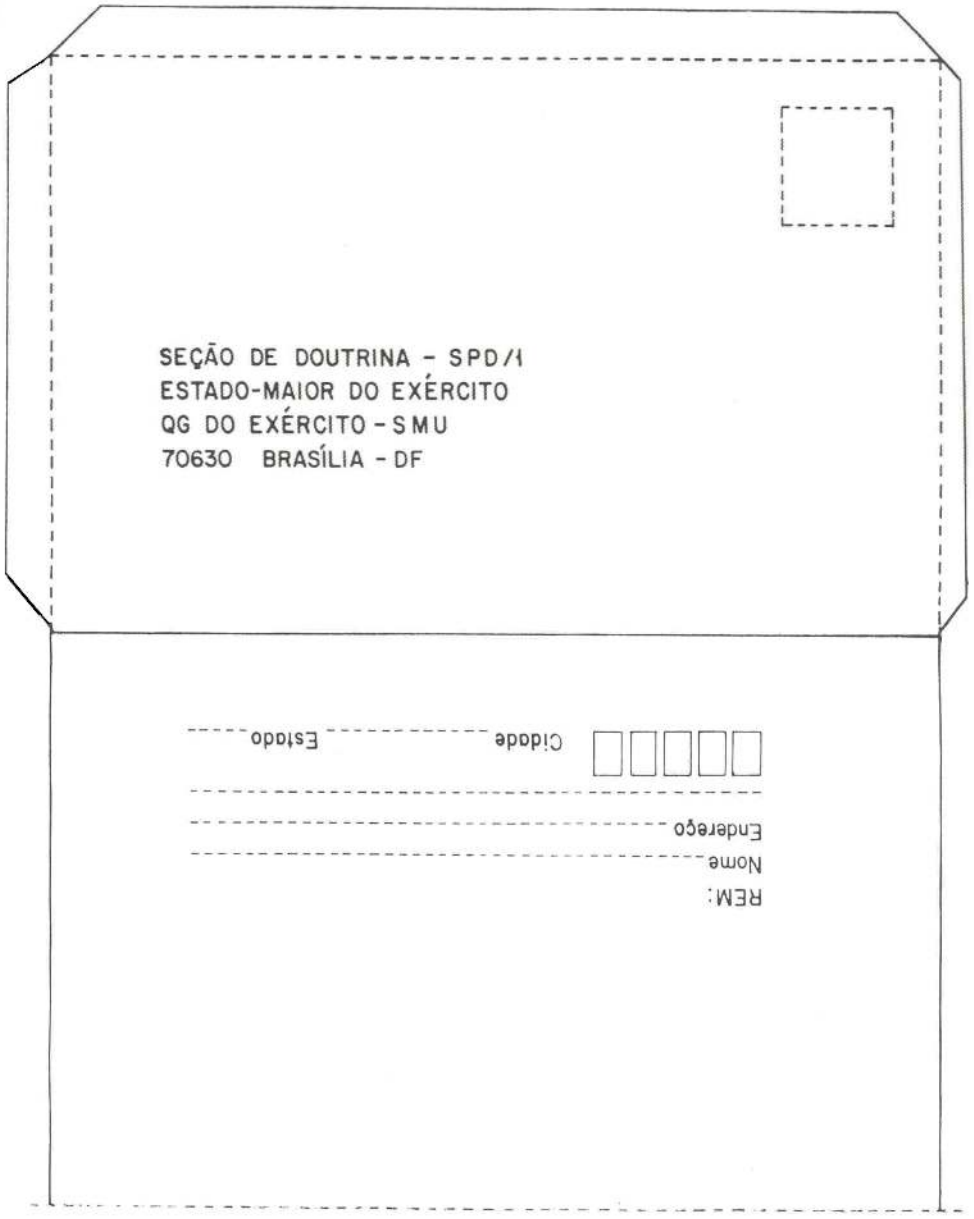
1.

OM, Local, Data: _____

Nome, Posto/Grad: _____

Assinatura: _____

PARTICIPE-INFLUA-COOPERE NO APERFEIÇOAMENTO DA DOUTRINA !


SEÇÃO DE DOUTRINA - SPD/1
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
QG DO EXÉRCITO - SMU
70630 BRASÍLIA - DF
REM:
Nome
Endereço
Cidade
Estado

Este manual foi elaborado com base em anteprojeto apresentado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

2ª Edição
Tiragem: 1000 Exemplares
julho de 1985

Composto e Impresso na
LANCE GRÁFICA E EDITORA LTDA.
SIG. Quadr 6 - nº 1245
PBX (061) 225-6181
Brasília-DF